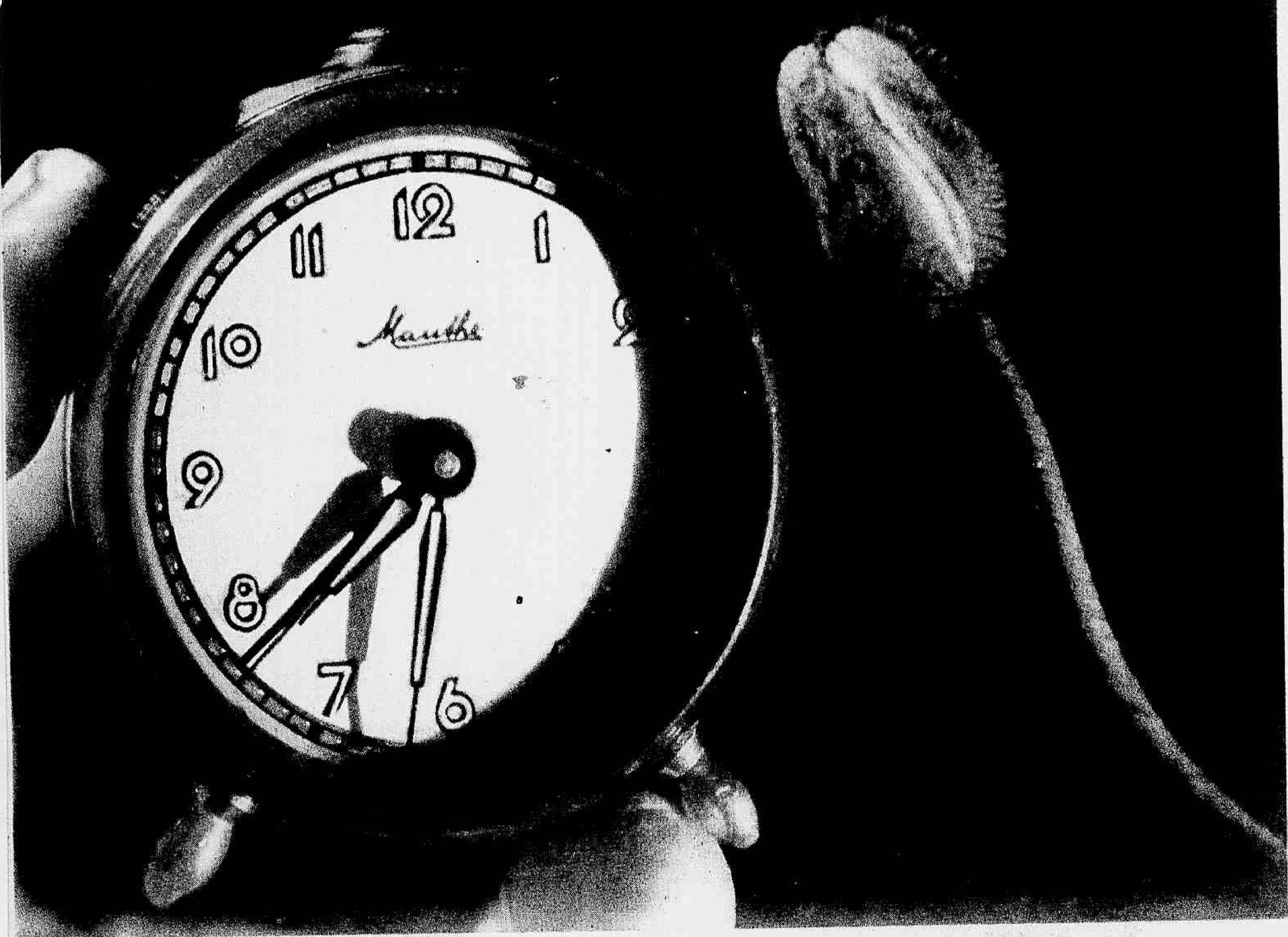
REVISTA DA SEMANA

N. 5 29-1-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



88.287

NAUGURAÇÃO DO ANO EUCARISTICO



OITO HORAS NA VIDA DE UMA FLOR



Das vinte e quatro horas do dia, esta bela flor tem oito horas de vida intensa, iniciando o ciclo de sua evolução diária às 7,30 da manhã e atingindo o apogeu de sua beleza às 17 horas, quando pontualmente se recolhe para reviver no dia seguinte.

Conhecida desde 1789, a Papoula Irlandesa, (Iceland Poppy) é uma flor muito delicada e de rara beleza, sendo cultivada com mais aproveitamento nas regiões sub-árticas do Hemisfério Norte.

Existem cêrca de quarenta variedades

da "Iceland Poppy" em tôdas as tonalidades de côres, desde o branco puro ao verde, amarelo e vermelho, conseguindo-se em muitos casos matizes de extraordinária beleza.

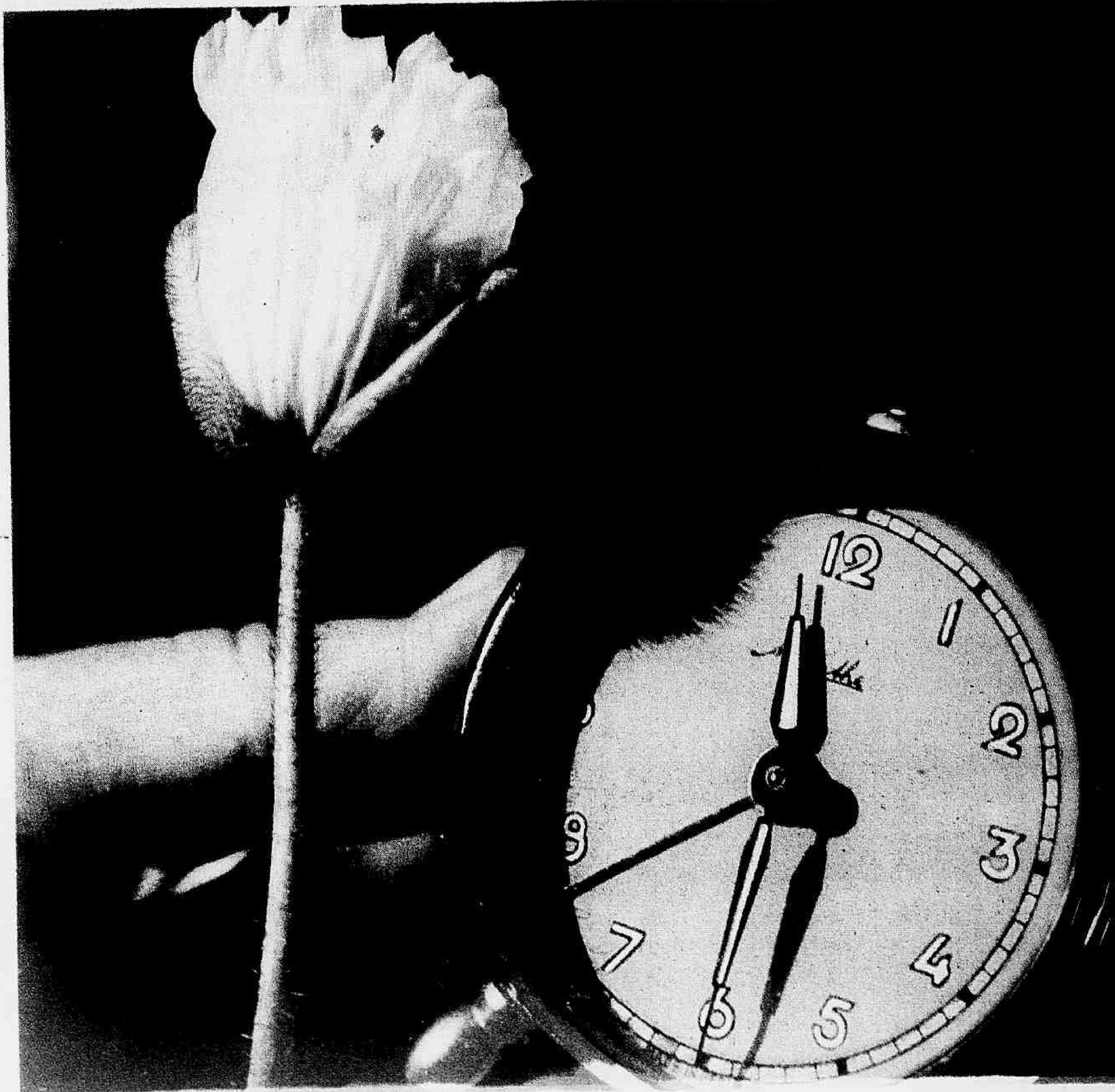
A Papoula Irlandesa é uma flor muito sensível, exigindo sua cultura cuidados especiais, principalmente durante os três primeiros meses, tempo necessário para o início de sua floração.

Embora possa ser cultivada em jardins, é muito própria para vasos, constituindo um belo adôrno para varandas e mesmo interiores, pois a pontualidade das várias etapas de sua evolução diária dá-lhe as características de um original relógio que satisfaz plenamente a quem não exigir precisão cronométrica...

Lado a lado com um relógio que acompanhou todos os minutos das oito horas de um dia de sua vida, pode-se fixar as seis principais etapas da floração diária da "Iceland Poppy", que se recolhe pontualmente ao entardecer, para aguardar a ressureição de côres e de beleza da manhã seguinte.



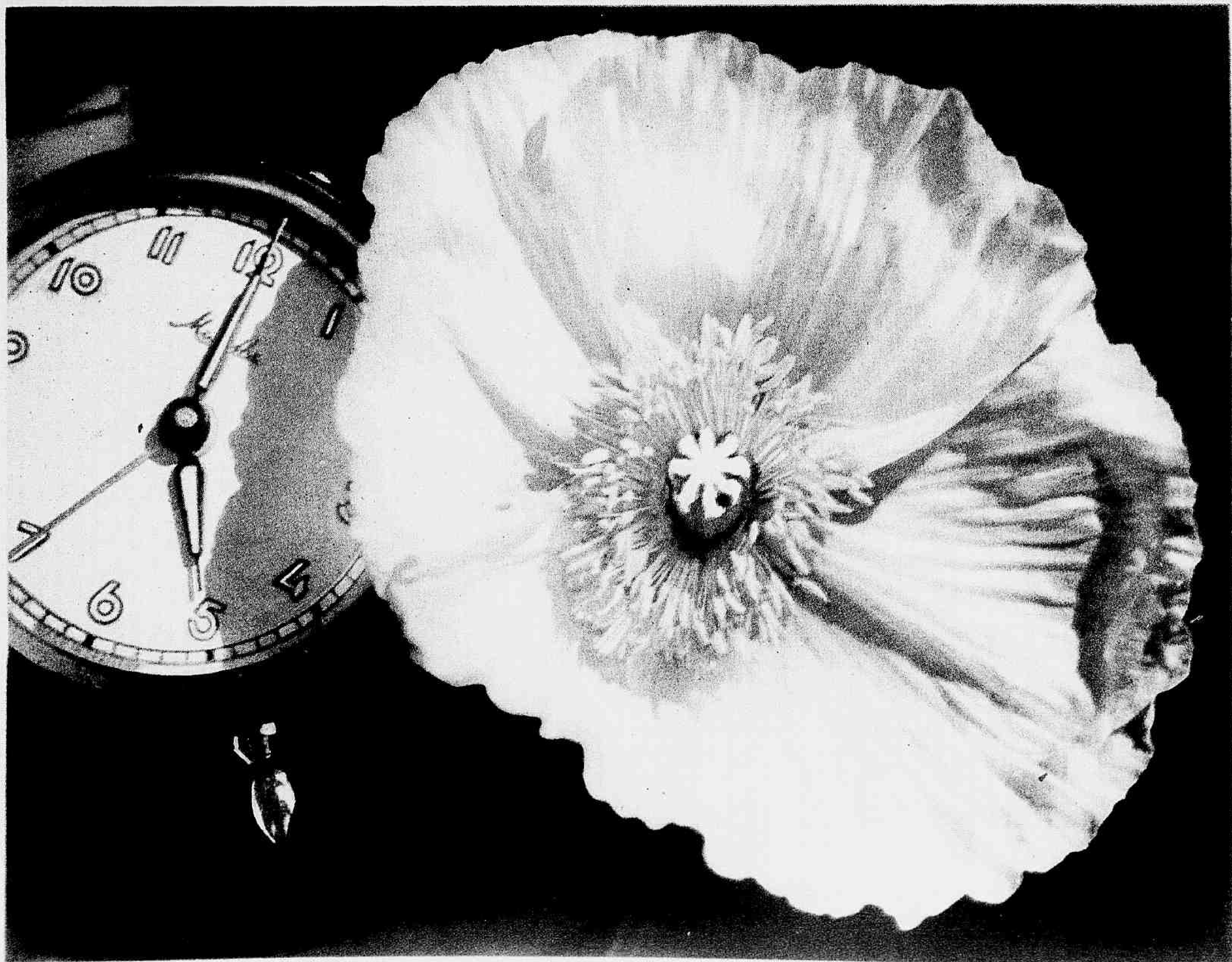
Às 10 horas, a «Iceland Poppy» que às 7,30 estava completamente fechada, já entreabriu a corola deixando antever a beleza de suas pétalas.



Noventa minutos mais tarde, às 11,30, acentua-se a abertura da corola, as pétalas começam a entreabrir-se, suas côres se definem.

Quase dominando o capeamento da corola, que esconde àvaramente a beleza de suas pétalas, às 15 horas a «Iceland Poppy» atinge a penúltima etapa de sua floração.

Finalmente, às 17 horas, na plenitude de sua beleza e de suas côres, vivendo um esplendor de poucos minutos, para logo a seguir recolher-se com as primeiras sombras da tarde.



REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 5 — Rio de Janeiro — 29-1-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aêr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Oito horas na vida de uma flor, 2 ... 3/4
Deslumbrante espetáculo de fé, 6 .... 6/8
O povo vai reclamar uma ditadura militar 10/15
Os discos-voadores são pedaços de astros 20/21
A outra Pampanini 30/31
Esta é a verdadeira história de «Sete Dedos» 42/45
Confusão em Punta del Este 49/52

SEÇÕES

Cinema 9
Canção do asfalto 16
Por êsse mundo de Deus 18/19
Semana astrológica 22
Champanhota 23
Palavras cruzadas 34
Semana em revista 46
Flash paulista 46
Puxe pelo célebro 48
Figurinos 26/27
Femininas 32/33
A figura em foco 53

HUMORISMO

O riso dos outros 41
Fortuna 54/55

LITERATURA

Dinheiro velho — Adalgisa Nery 5
Vento Norte — Conto de Maria Tereza 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 28/29

CAPA

S. S. Papa Pio XII

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

Dinheiro Velho

O Ministro da Fazenda declarou numa entrevista que não somos pobres soberbos e o Banco do Brasil para contrariar a palavra do ilustre dr. Gudin respondeu imediatamente ao sr. Paulo de Castro, que somos e muito, negando-se a receber dinheiro velho das mãos do correto farmacêutico que fôra saldar uma dívida nessa casa de crédito.

O dinheiro não era velho porque estivesse fora de circulação. Ao contrário. Circulava com a série e tudo. Apenas estava um tanto cansado, desbotado e com alguns esparadrapos unindo os seus pedaços.

Não houve maneira de ser trocado pela promissória do sr. Paulo de Castro. Diversos chefes e sub-chefes foram chamados para o caso e finalmente, incapacitados para uma solução, apelaram para o gerente que olhou enojado para as notas, olhou para o honesto devedor e sentenciou: «O senhor está desrespeitando a grandeza do Banco do Brasil, ao trazer dinheiro velho e sujo. E' desafôro, falta de consideração entrar nesse templo sagrado com tanto lixo. Volte com dinheiro novo, brilhando e daremos em troca a sua promissória».

Achamos muita graça e muito espírito na atitude dos funcionários do Banco do Brasil e, sobretudo, nos argumentos do gerente. Nessa reação vimos motivos para um ligeiro estudo psicológico. Vá um modesto agricultor pedir alguns cruzeiros para ajuda à sua lavoura, dando como garantia os seus bois vivos e nada feito — o dinheiro é velho e feio. Vá um tubarão ou um contrabandista de importações, de charuto na bôca, desça de um Cadillac último modêlo, e será esperado na porta principal pelo presidente daquele estabelecimento bancário. Será elogiado, festejado. E' dinheiro novo e brilhante. Pode mesmo ser falso.

Que escrúpulos acobertam os rapazes do Banco do Brasil! Se não há soberba na conduta do Ministro da Fazenda, há êsse pecado venial e êsse escrúpulo higiênico nos meninos eugênicos do nosso maior estabelecimento de crédito.

Que foi divertido, foi. Quem não se divertiu foi o sr. Paulo que teve de voltar à farmácia e procurar às pressas dinheiro novo para resgatar a sua promissória que estava na hora última do seu vencimento.

Não somos soberbos para receber dinheiro do Tio Sam, mas somos para receber cruzeiros velhos, desbotados mas honestos, dos brasileiros.

E' interessante!

ADALGISA NERY

UM DESLUMBRANTE ESPETACULO DE FÉ



Fogos de artifício iluminaram o céu, numa grande apoteose de luz.



CINCO PROCISSÕES E CENTENAS DE MILHARES DE COMUNHÕES ★ HOMENS E CRIANÇAS DE TÔDAS AS CLASSES E DE TÔDAS AS IDADES IRMANADOS PELA FÉ EM CRISTO ★ MAGNÍFICA ANTEVISÃO DO ÊXITO DO CONGRESSO EUCARÍSTICO A REUNIR-SE EM JULHO PRÓXIMO NESTA CAPITAL



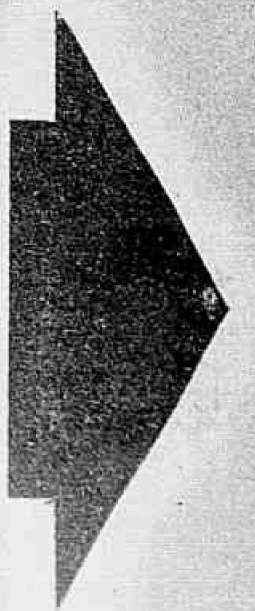
Um dos muitos fiéis recebendo a comunhão. 200 sacerdotes ministraram a sagrada hóstia às diversas classes sociais presentes.

MEIO MILHÃO DE

CAMPAL DE SÃO

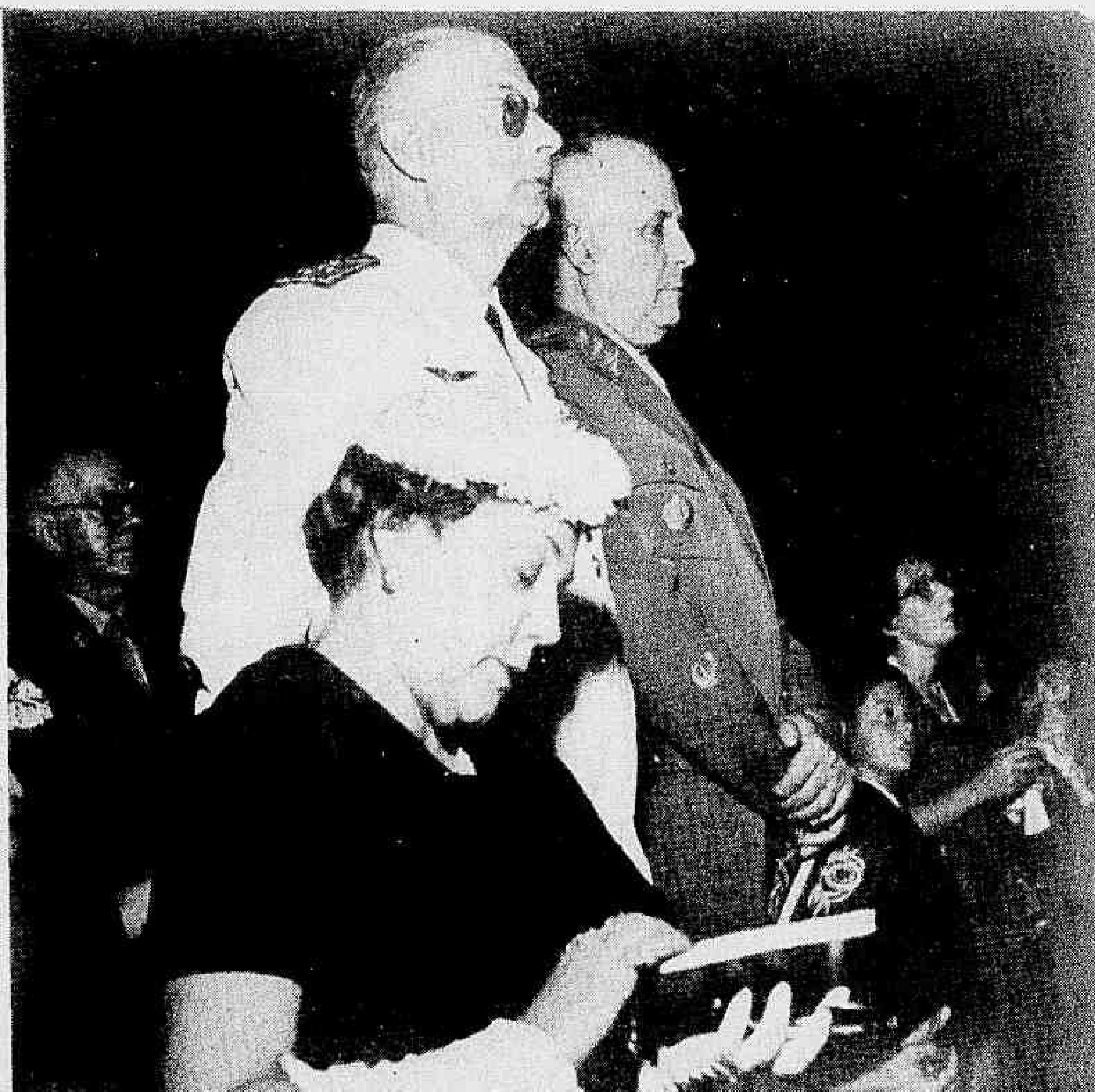


FIÉIS NA MISSA SEBASTIÃO





O Presidente Café Filho cumprimenta D. Jaime de Barros Câmara.



O brigadeiro Eduardo Gomes assistiu à Missa ao lado de sua irmã.



Idosa e cansada, mesmo assim esta senhora compareceu à Missa.



O Cardeal D. Jaime Câmara, que oficiou a Missa, cercado de coadjutores.

UM DESLUMBRANTE...

CONSTITUÍRAM um majestoso espetáculo de fé as imponentes solenidades religiosas realizadas no local da futura praça do Congresso Eucarístico Internacional, a reunir-se nesta Capital em julho do corrente ano. Cêrca de 500 mil pessoas superlotaram a grande área do atêrro da Avenida Beira Mar, atendendo ao convite das autoridades eclesiásticas, que planejaram e conseguiram dar o maior brilhantismo possível à Missa Campal noturna realizada na data em que se comemora a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Tôdas as solenidades religiosas, dirigidas pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, decorreram na mais completa ordem e revestidas de profunda unção, traduzindo a grandeza dos sentimentos religiosos do povo brasileiro, que não faltou ao chamado da Igreja para a realização do mais soberbo acontecimento católico de todos os tempos.

CINCO PROCISSÕES

Além da procissão marítima procedente de Niterói conduzindo a imagem de N. S. de Fátima, realizaram-se mais quatro procissões terrestres, iniciadas em vários pontos da cidade, convergindo tôdas para a praça do Congresso Eucarístico, onde teve lugar o imponente ofício religioso.

A Missa Campal em louvor de São Sebastião foi assistida por enorme multidão calculada em 500 mil pessoas procedentes de todos os recantos cariocas, inclusive de algumas cidades vizinhas. Foi oficiada por D. Jaime Câmara, que procedeu ao ritual em latim, sendo simultâneamente tôdas as orações recitadas em português por outro sacerdote.

Duzentos padres ministraram a comunhão a centenas de milhares de fiéis de tôdas as classes sociais e de tôdas as idades, que naquela oportunidade receberam a Sagrada Hóstia.

As cerimônias contaram com a presença do Presidente da República, sr. Café Filho, de todos os Ministros de Estado, representantes diplomáticos, altas autoridades civis e militares, além da incalculável multidão que assegurou o completo êxito da oportuna iniciativa da Igreja.

OS MELHORES DO ANO DE 1954

II — A PRODUÇÃO ITALIANA

UMA das características mais vivas do ano de 54 foi o acentuado acréscimo de aceitação, por parte do nosso público, dos filmes italianos. Mais ainda do que em 53 ou 52, o cinema peninsular triunfou nas telas do Rio. Filmes como «Pão, Amor e Fantasia», «Ana», «O Pequeno Mundo de Dom Camilo» (co-produção franco-italiana) constituíram autênticos sucessos de bilheteria, rivalizando plenamente com os maiores «campeões» americanos ou franceses.

Era, aliás, o que ainda há poucos dias observava, num dos últimos números de «Shopping News», o sr. Alex Viany. Reproduzindo dados de um inquérito do IBOPE, (objeto: qual «o seu cinema favorito»?) informava êle que 21% dos inqueridos opinavam pelo cinema italiano — o qual só era superado pelo americano (42%). O brasileiro reunia 14%, o francês apenas 11%. Se não nos esquecermos de que, entre nós, tem sido bem fraca a distribuição de filmes italianos, (europeus, em geral) poderemos concluir que a percentagem assinalada é altamente significativa. E não tenho a menor dúvida de que ela cresceu muito nesse ano de 54, bem mais do que nos anteriores, apesar de 53 já ter registrado grandes progressos.

Há que dizer desde logo; nada nos parece mais justo do que essa maré crescente do cinema italiano em relação ao nosso público. Pois, se 1951, com «Ladrões de Bicicletas», 1952, com «Alemanha Ano Zero», «Caminho da Esperança» e «Cristo Proibido», e 1953, com «Domingo de Agôsto», «Casanova Em Sinuca» («É Primavera») e «Garôtas Da Praça De Espanha», já justificavam êsse entusiasmo, acontece que 1954 foi muitíssimo mais rico em motivos de alta conceituação do cinema italiano. Além disso, sem em 53 e 52 o número de filmes «consideráveis» não ultrapassava uma dezena, neste ano de 54 foram, pelo menos, mais de vinte as produções que mereceram deter o nosso interêsse. Aumento de qualidade e aumento de quantidade...

Louve-se, antes de mais nada, a idéia dos festivais da «Art Filmes» que nos permitiu ver, entre algumas indisculpáveis mediocridades, como «A Labareda», de Blasetti, ou o «Pucini», de Carmine Gallone, alguns filmes de real valor, entre os quais logo se destaca (pelo menos: dentre os que pude ver) o admirável «Humberto D.», de Vittorio De Sica.

Aliás, diga-se de passagem: De Sica dominou o ano cinematográfico italiano entre nós. só por êsse já referido «Humberto D», — cuja cristalinidade tanto lembra certos «momentos» do melhor Chaplin — ou pelo seu «Milagre Em Milão» — que S. Paulo já conhece e que considero um dos ápices de sua tão discutida obra — como, também, pela notável interpretação de «Pão, Amor e Fantasia», quando confundiu, creio que definitiva e irrevogàvelmente, os que o consideravam um simples «canastrão».

Depois de De Sica, o diretor italiano que mais brilhou em 54 foi Giuseppe De Santis. Se «Páscoa de Sangue» (que data, lembremos, de 49) não nos satisfez inteiramente, já «Roma às 11 Horas», (Roma, Ore 11), revelou um diretor em plena posse de todos os seus recursos. Foi, sem dúvida, um dos cinco maiores trabalhos diretoriais do ano.

Um pouco menos feliz, Alessandro Blasetti, não obstante a quase nulidade de «A Labareda» («La Fiametta»), ainda conseguiu nos proporcionar ótimos «divertimentos» com «Outros Tempos» («Altri Tempi») e «S. Majestade O Sr. Carloni» («Prima Communione»). Outros esplêndidos «divertimentos» foram «Nápoles Milionária» («Napoli Milionaria»), de Eduardo De Filippo e «Pão, Amor e Fantasia» («Pane, Amore e Fantasia») que nos trouxe a esperança de um Luigi Commencini bem diferente do que «suportamos» em «Mercado de Mulheres» («Schiave Bianche»).

Entre os estreantes (para nós), destacou-se Michelangelo Antonioni que, em «Crimes Da Alma» («Cronaca Di Un Amore»), parece tão seguro de si quanto do talento de Lúcia Bosé. Um primor de direção e a revelação de uma atriz que só se viu superada pela Gina Lollobrigida de «Pão, Amor e Fantasia».

Entre os veteranos, não pode passar sob silêncio o discutidíssimo (e sob tantos aspectos notável) «Francisco Arauto De Deus» («Francesco Giullare De Dio»), de Rossellini, e «Ana» («Anna»), de Alberto Lattuada, que também nos deu «A Lôba» («La Lupa») — nenhum dêsses dois filmes nos tendo dado a exata medida das reais possibilidades de Lattuada.

Alguns outros filmes interessantes, como «Paris é Sempre Paris» («Parigi é Sempre Parigi»), de Luciano Emmer, e «Sonho Das Ruas» («Molti Sogni Per Le Strade»), de Mário Camerini (1948) e outros ainda que não tive ocasião de ver, (exibidos nos «festivais») mas que muitos asseguram excelentes, como «Cidade Da Perdição», de Luigi Zampa, «Guardas e Ladrões», de Steno e Monicelli, «A Insatisfeita», de Mário Soldati e «Três Histórias Proibidas», de Augusto Genina. Enfim, um contingente bastante razoável que ainda não é uma imagem fiel da verdadeira produção italiana, mas que já representa um progresso sensível em relação aos parcos contingentes dos outros anos.

OCTAVIO DE FARIA



Gina Lollobrigida numa cena de «Pão, Amor e Fantasia», sua grande criação de 1954.

CORDOBA E OS BRASILEIROS

FALANDO sôbre os artistas brasileiros, Arturo de Cordova teve oportunidade de declarar entre outras coisas, o seguinte: — «É fabuloso o número de verdadeiros intérpretes que encontrei no Rio e em São Paulo e, francamente, estranho que sejam tão pouco aproveitados. Foi um prazer extraordinário, para mim, trabalhar ao lado de personalidades tão marcantes como as de Tônia Carrero, Heloísa Helena e Lisette Barros. Tônia, uma mulher belíssima e expressiva como poucas, destacar-se-ia no cinema de qualquer país de língua espanhola, por exemplo. Do mundo, mesmo. Vi-a no teatro em «Segredos de Estado» e não hesito em considerá-la uma das mais inteligentes atrizes com quem já contracenei em minha carreira cinematográfica. Quero destacar, também, o trabalho de colegas como Sadi Sabral, Louzadinha (Oswaldo Louzada), Carlos Cotrim, Jackson de Sousa e Manoel Pera, que deram um rendimento excelente a «Mãos Sangrentas». E os comparsas, que são, indiscutivelmente, os melhores com quem já trabalhei até hoje!



Arturo de Cordova numa cena do filme «Leonora dos Sete Mares», que está sendo produzido pelos Artistas Associados.

"SE PERDER A ESPERANÇA NA SOLUÇÃO

O POVO VAI RECL
NAS RUAS UMA DIT
MILITAR!

CARLOS LACERDA, DEPOIS DE APRECIAR O PANORAMA DO BRASIL À DISTÂNCIA

Visto de longe, somos uma grande nação, mas com aspectos da mais funda degradação ★ Portugal e Espanha com realizações de ordem material ★ Café Filho esperado em Lisboa com espantosas manifestações ★ A candidatura Juscelino surpreendeu... até ao próprio Juscelino! ★ O ministro da Justiça queixa-se do sacrifício que faz, perdendo dinheiro sendo ministro ★ Então, vá embora para casa, que o Brasil não precisa de favores mas de serviços! ★ O govêrno está falhando. Êle deve fazer a sucessão presidencial ★ Em suma: 1955, a última oportunidade para resolver, *por bem*, a crise que assola no momento a nação brasileira!

DEMOCRÁTICO-CONSTITUCIONAL

AMAR

ADURA

Reportagem de
CELESTINO SILVEIRA
(Exclusividade para
REVISTA DA SEMANA)



AO embarcar para a Europa Carlos Lacerda prometeu à REVISTA DA SEMANA a conclusão da entrevista que então nos concedia, para o seu regresso. E para ganhar tempo, quando o "Vera Cruz" passou, agora pela Bahia, um emissário nosso entregava em mãos, ao deputado e jornalista, o questionário que êle, com alguma calma, poderia responder na etapa final de sua jornada. Acontece que já em Salvador viu-se Lacerda assediado pelos amigos e correligionários, e de novo às voltas com o hora-a-hora político, não pôde desobrigar-se do compromisso imediatamente. No Rio a situação agravou-se, com o tempo cada vez mais tomado, até quando dias atrás, o apanhamos a jeito, no escritório que vem de instalar com o vereador Raul Brunini no edifício 108 (1º andar) da Av. Rio Branco, para atender aos interêsses do povo. E as vinte e uma perguntas foram satisfeitas, como o leitor verá a seguir. Mas, além das que haviam sido entregues na Bahia, impunha-se ouvir Lacerda sôbre outro assunto palpitante, já surgido depois da sua volta: a posição do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, face ao problema da sucessão presidencial. E mais seis perguntas foram acrescidas às anteriores.

Sabe o público a facilidade com que o diretor da "Tribuna da Imprensa" aborda qualquer assunto e o esgota até à última gôta. Imagine, então, o que veio a ser a tarefa de recolher, fielmente, palavra por palavra, seus pensamentos sôbre tantos e tão delicados assuntos! Vamos confessar: a tarefa resultou sumamente atenuada, com a colaboração que nos deu a Rádio Globo, pondo à nossa disposição uma de suas máquinas gravadoras. Com ela, as respostas de Lacerda podem ser aqui reproduzidas sem qualquer receio de terem sido deturpadas.

Para a importância dessas respostas, não é preciso chamar a atenção do público nem dos nossos homens de govêrno, tal a gravidade de que se revestem algumas. E assim, uma vez mais a REVISTA DA SEMANA focaliza um dos magnos assuntos nacionais, sem outro propósito que o de bem servir ao público e à Nação.

Questionário entregue a Carlos Lacerda, na Bahia, quando voltava de Lisboa:

— Qual a sua impressão generalizada desta sua permanência, mais longa, em Portugal?

— Viajando em caráter particular, com a minha família, eu me preocupei mais em descansar e ver Portugal com olhos de amigo do que vê-lo com olhos de crítico. Evidentemente não me competia e não me compete intervir ou me meter na vida interna de Portugal. E reservo as minhas opiniões políticas, porque considero que para o Brasil o mais importante de tudo é consolidar e dar sentido prático à Comunidade Luso-Brasileira. Nesse sentido os meus contactos em Portugal foram por igual com homens do govêrno ou de fora do govêrno. Ministros de Estado, ex-ministros de Estado; professôres atuais ou ex-professôres; jornalistas, estudantes, populares, engenheiros, médicos, advogados, campônios, tôda a espécie de pessoas nós visitamos e em tôdas encontramos aquilo que procurávamos: a compreensão da necessidade de Portugal e Brasil constituírem no mundo uma comunidade. Era isso o que acima de tudo me interessava e por nada dêste mundo eu comprometeria ou sacrificaria êsse objetivo que é brasileiro e português, pelo prazer ou pela veleidade de ensinar aos portuguêses como devem êles se governar.

— E sôbre Oliveira Salazar, a quem teve oportunidade de ouvir na Assembléia Nacional?

(NÃO RESPONDIDA PELO MOTIVO JUSTIFICADO ACIMA)

— E quanto à ratificação do Tratado de Amizade e Consulta, solenidade também assistida por v.?



— De fato, além do discurso do sr. Oliveira Salazar sôbre Gôa, compareci à Assembléia Nacional uma segunda vez, para ouvir o seu discurso por ocasião do debate que precedeu à ratificação do Tratato de Amizade e Consulta entre Portugal e Brasil. Nessa ocasião tive oportunidade de ver como aquêles homens que vêm de todos os cantos de Portugal e das Ilhas, afinam com os nossos sentimentos, como compreenderam bem, com que lucidez, o alcance do Tratado.

— Sentiu desde logo alguma influência benéfica para o Brasil e os brasileiros, em terra portuguêsa?

— Não. Acho que o Tratado ainda não está em ação, mas deverá ser posto em ação oportunamente. A influência benéfica não decorreu e não decorre do Tratado. O Tratado é que decorre das influências benéficas que reciprocamente nos temos exercido através do tempo.

— Embora tenha feito apenas uma rápida excursão à Espanha, como observou o seu panorama social e político?

— Encontrou maiores afinidades entre o regime de Franco e o de Salazar?

— Admite porventura que regime idêntico pudesse adotar-se, com bons resultados, no Brasil?

— Entre os dois países — Espanha e Portugal — qual dêles apresenta, à vista do visitante, mais organização e trabalho renovador?

— Que acha da estabilidade dêsse regime nos dois países?

— Formula alguma idéia sôbre o problema da sucessão dêsses dois chefes de Estado — Franco e Salazar?

PREJUDICADAS PELA RAZÃO EXPOSTA INICIALMENTE

— Como apreciaram os portuguêses — povo e govêrno — a alteração política de agôsto em nosso país?

— Quanto à opinião do govêrno, não sei, porque, evidentemente, tive o cuidado de não perguntar e êles a gentileza de nada dizer... Quanto ao povo, tenho a impressão que de começo havia certa desinformação. Depois, à medida que foram chegando os fatos, sobretudo aquêles últimos, não só do atentado terrorista mas os da corrupção, e da presença de Grégório, a opinião portuguêsa ficou estarrecida, tal qual a nossa. Por tôda a parte eu encontrava uma sensação de estupor, de espanto, diante dêsses episódios. O que contribuiu muito para a confusão e a desinformação no início, foi a presença de um péssimo Embaixador do Brasil em Portugal, o sr. Olegário Mariano, cujos méritos literários não pretendo discutir. Não os considero muito grandes, mas respeito os que apreciam os seus antigos sonetos que não eram maus. Como embaixador, o sr. Olegário Mariano foi realmente um fracasso. Êle tomou-se de uma fúria de viúva autêntica pela morte do presidente Vargas, e passou a insultar o govêrno brasileiro na presença das autoridades portuguêsas, e a desfeitear brasileiros que chegavam a Portugal, cobrando até, interpelando autoridades e pessoas da sociedade portuguêsa, por tratarem bem a essas pessoas que êle desejaria ver mal tratadas. Êsse foi, por exemplo, o meu caso. Como ao meu desembarque compareceram homens do govêrno e homens da antiga oposição, o sr. Olegário Mariano reclamou dessas pessoas. E por falar em desembarque, ali encontrei, no cáis, um padre que, quando nasci, era vigário da minha terra. Êle fêz uma longa viagem para chegar a Lisboa e rever aquêle menino que havia deixado, engatinhando, em Vassouras, no tempo de meu avô, Sebastião de Lacerda, seu grande amigo. Depois, com as nossas viagens pelo interior e pela Espanha, não tive mais oportunidade de vê-lo e trocamos apenas cartas. No dia do regresso, lá estava de novo no cáis e trazia, pendurado ao ombro, um garrafão de vinho como seu presente para a viagem.

— Foi noticiado no Rio seu encontro com Jânio Quadros, «em qualquer ponto de Portugal». Deu-se realmente?

— Não. Não encontrei o dr. Jânio Quadros, nem em Portugal, nem em ponto algum.

— Está satisfeito com a viagem que proporcionou a sua família? Considera-a «missão cumprida»?

— Sem dúvida. Só tenho pena de não ter demorado mais, embora também já estivéssemos com saudades de casa.

Lacerda desembarca de volta de Portugal.

"...VIRTUDE DA DEMOCRACIA"

— Visto à distância, o Brasil — sua evolução, seu estado de civilização, seu índice cultural, suas condições econômico-financeiras, apresentou-se a v. como o via no emaranhado das lutas em que se empenhou?

— Em certo sentido, sim. Mas a sua pergunta tem tôda a procedência porque quando a gente sai do Brasil, desde que não o perca de vista, e possa vê-lo em conjunto, à distância, dois fatos marcam o nosso espírito: O primeiro, é que se acentua a compreensão da importância do Brasil no mundo. Quando vemos de longe o Brasil, verificamos que somos realmente uma grande nação. Pela população, pela área territorial, e não só por essas coisas em que afinal pouco colaboramos, mas pelo tipo de civilização que aqui estamos construindo, e que procura ser uma civilização fundada no amor, no entendimento entre os homens, na compreensão democrática entre as raças. Portanto, a primeira impressão marca em nós a convicção de que vale a pena fazer alguma coisa para que esta grande nação em estado potencial desabroche e ocupe o seu lugar no mundo. A outra impressão, já não é tão boa: é a de que realmente o nosso país descera ao mais fundo da degradação. A moeda, os jornais, o modo pelo qual as questões de interêsse público são tratadas, a prevalência, a preeminência dada às questões pessoais, as brigas por ambição e por vaidade, o personalismo desvairado, da maioria dos políticos, a falta de idéias e de conteúdo na luta da vida pública, a imoralidade na administração, a impunidade e o desleixo de grande parte dos juízes no cumprimento dos seus deveres, e eu diria sôbre tudo isso, esta omissão da Justiça, essa denegação da Justiça — vistos de longe são ainda mais terríveis do que vistos de perto, porque o contraste é maior entre a grandeza do povo e da nação, entre a imensidade das oportunidades que o Brasil oferece ao mundo, e a mesquinhez, a mediocridade de um nacionalismo sem patriotismo, sem grandeza nenhuma, de uma falta de pudor na vida pública, e de uma falta de coerência entre a vida da família e a vida da nação, e isto é realmente, ou seria acabrunhante, terrível, se não fôsse antes um novo e desesperado estímulo para que continuemos a lutar.

— E o tabuleiro político nacional, visto à distância, mantêve o mesmo efeito ou sofreu qualquer modificação?

— O que há de mais triste é isso: As modificações foram pequenas demais em comparação com a necessidade que o Brasil tem de tais modificações. Quero dizer que o govêrno Café Filho realmente cumpriu a sua missão no sentido de que constituiu um govêrno honrado, sóbrio, modesto, que está restituindo aos brasileiros a confiança, em que se pode ter no Brasil, um govêrno de homens de bem. Mas por outro lado nenhuma das esperanças do povo foi atendida. E a impunidade tem sido a norma de um govêrno cuja timidez, a meu ver, põe em perigo o destino da democracia no Brasil. Porque o povo está vendo perder-se a derradeira oportunidade de uma solução democrática e constitucional para a crise brasileira. E se êle perder a esperança, então não sei o que poderá acontecer. Ou melhor, eu sei, e como sei, não me nego a dizer: Se o povo perder a esperança na solução democrático-constitucional para a organização do Brasil e para vencer a crise brasileira, não tenhamos dúvida, é o povo que vai reclamar nas ruas uma ditadura militar. Quem, portanto, não quiser ditadura militar, não deve contemporizar como está contemporizando o govêrno Café Filho. Deve agir, e agir imediatamente para confirmar as esperanças do povo. Porque esta é a última oportunidade que o Brasil têm de resolver pela Constituição os problemas gravíssimos que o afligem nestes dias.

— Sua viagem influiu por qualquer modo na maneira de apreciar os homens públicos brasileiros ou voltou com o mesmo juízo, intáto, sôbre cada um dêles?

— De um modo geral, com o mesmo juízo sôbre cada um dêsses homens públicos. Há alguns que respeito cada vez mais, e outros cada vez menos. Devo dizer que venho munido de uma grande paciência. Porque considero que a primeira virtude da Democracia é a paciência.

— Quais as cidades espanholas que visitou?

— Entramos na Espanha pela cidade portuguêsa da Guarda, na Serra da Estrêla, e passamos ràpidamente, para mal dos nossos pecados, porque desejaríamos ali demorar, em Salamanca e em Avila, terra de Santa Teresa. Fomos a Madrid, Tolêdo, Granada e Sevilha.

— Teve contacto com as autoridades da Espanha?

— Nenhum. Meu único contacto na Espanha foi um almôço com o Embaixador do Brasil, pode-se dizer em família, porque todos éramos pràticamente brasileiros, e outro na Cidade Universitária, no Instituto Ibero-Americano, promovido por estudantes brasileiros que lá estão, na companhia de estudantes espanhóis e de quase cada uma das repúblicas latino-americanas.

— Qual a realização de ordem material, na Espanha e Portugal, que mais o impressionou?



Sua filhinha foi a primeira a abraçá-lo por ocasião do desembarque.

— A Espanha está se reconstruindo depois da guerra civil (que lhe arrebatou um milhão de vidas), com uma nitidez que só agora se nota. Disseram-me por lá que durante todos êsses anos a Espanha pouco conseguiu reconstruir. Em compensação, nestes últimos dois anos, aproximadamente, a reconstrução marcha a olhos vistos. E as indústrias espanholas estão se recompondo, a marinha mercante está se refazendo, notando-se uma febre de trabalho e de produção que fazem prever dias melhores para o povo espanhol. Quanto a Portugal, gostaria de dizer que não fui lá procurar, pròpriamente, construções materiais. Vi essas realizações e me encantaram, porque elas tem muito de iniciativa privada, muito do esfôrço de cada português. O português não é pròpriamente um agricultor, é um jardineiro. A agricultura que se faz em Portugal é como a de um jardim e o trabalho artesanal, êsse esfôrço da contribuição de cada um, ao bem de todos, é a meu ver a marca da maior grandeza de Portugal na história do trabalho.

— Como está sendo esperada a visita do presidente Café Filho em Portugal?

— Tive a oportunidade de dizer ao próprio presidente, outro dia, num rápido encontro, que êle vai ter em Portugal, segundo me parece, uma extraordinária recepção. Receberá uma homenagem que é naturalmente dirigida a êle, mas ainda mais ao Brasil que êle então representará. Homenagem que desde a visita do presidente Antônio José de Almeida, e desde a visita anterior do presidente Marechal Hermes, do Brasil, em 1910, a Lisboa, o povo português aguarda. Êle terá a oportunidade de dizer ao Brasil, através do seu presidente, quanto o estima. Tenho a impressão por tudo que ouvi falar, que o presidente Café Filho trará ao Brasil, de volta, o testemunho de uma espantosa manifestação popular e também, é claro, das autoridades portuguêsas.

— Foi surprêsa para v. o lançamento da candidatura Juscelino?

— Acho que foi surprêsa para o próprio Juscelino, para mim não. Porque até hoje não apareceram pai e mãe para essa candidatura. Ou melhor, mãe há, é o sr. Ernani do Amaral Peixoto. Mas pai! Quiseram atribuir essa paternidade ao marechal Dutra. Êle, porém, já disse que a candidatura é filha das ervas e com ela nada tem a ver. Não foi surprêsa — falando sério — porque êsse personalismo, de certos grupos políticos no Brasil, já não surpreendem a mais ninguém. Surprêsa é que se tenha o desplante de apresentar uma candidatura ao serviço dos Gregórios e fantasiar os Gregórios de Rui Barbosa.

"O PORTUGUÊS NÃO

«O Ministério da Justiça ou tem uma política, ou não precisa existir».

Questionário suplementar, feito no Rio, por ocasião de serem atendidas também as perguntas anteriores:

Lendo atentamente o questionário da REVISTA DA SEMANA

— Julga que ainda permanece o conceito em vigor na república anterior a 30, segundo o qual o Ministério da Justiça e Negócios Interiores era o «ministério político»?

— Não concordo muito com os termos dessa pergunta. Na república anterior a 30, o que estava errado não é que o Ministério da Justiça fôsse um ministério político, mas que a política do Ministério, ou melhor, a política do Govêrno, fôsse de imposição de candidatos, de perseguição aos adversários do govêrno, e assim por diante. Isso é que estava errado. O Ministério da Justiça e Negócios Interiores, ou tem uma política, porque é um ministério político, ou não precisa existir. Ou então seria só o Ministério da Justiça. Negócios Interiores, é a política interna do país, assim como Relações Exteriores é a sua política externa. O Ministro da Justiça declarou, em discurso, que não é político nem quer saber de palítica. Então não pode ser ministro da Justiça. Como pode um govêrno realizar uma obra administrativa, sem apoio estável no Congresso, que é quem nega ou concede apoio às medidas que o govêrno precisa? Ora, quem é que trata com o Congresso, em nome do Executivo, para articular essa base parlamentar com estabilidade, de maneira a que o govêrno não se veja, de repente, desapoiado, desamparado? E' o Ministro da Justiça. Daí a sua função de Negócios Interiores que não tem nada de pejorativa, nem de abusiva, ao contrário, a sua função é articular fôrças políticas, para dar apoio político, e sobretudo parlamentar, à obra administrativa do Govêrno. Essa é a sua função, como a do Ministro da Viação é a de abrir estradas, a do Ministro da Educação é a de abrir escolas, etc. O Ministro da Justiça não tem porque se surpreender com isso, e nós não temos por considerar que isso seja um convite ao facciosismo ou a volta aos erros anteriores a 30. Não só anteriores, mas também posteriores a 30. Êsses abusos em nada invalidam a afirmação de que o Ministério da Justiça e Negócios Interiores é por excelência o órgão, o instrumento da política governamental. A política a que me refiro, é a arte e a ciência de promover o bem comum.

— Sendo a característica principal do momento que vivemos, a predominância dos problemas econômicos, qual o mais importante ministério do govêrno?

— Todos. De um certo modo, dado que a luta contra a inflação está no primeiro plano das preocupações de um govêrno, é claro que o da Fazenda forma na frente, com aquêle que provoca, que impõe, e quase diria «aquêle que deveria impor» certas providências aos outros ministérios. Mas nenhum pode estar ausente. O de que o Brasil precisa, é de uma obra de planejamento; de um govêrno que tenha um sistema, e que não funcione, como está funcionando o nosso há tanto tempo, como uma série de compartimentos estanques, em que cada um faz o que quer, como quer, vai para onde quer, ou não vai para lugar algum, à revelia dos outros ou contra os outros. Essa harmonia dos poderes e dentro de cada poder as harmonias da cooperação de cada um de seus elementos, é que faz com que eu possa e deva responder à sua pergunta, dizendo simplesmente: Todos os Ministérios são principais.

— A criação do Ministério do Trabalho e a exploração política das massas não geraram um ministério político em detrimento do da Justiça?

— Não. Porque as fôrças políticas continuam sob o encargo do M. da Justiça. Agora, o M. do Trabalho, evidentemente, abriu um campo novo e também uma política governamental — a política do trabalho, do desenvolvimento social das fôrças econômicas da produção no Brasil. Sua pergunta tem, a meu ver, todo o cabimento. Há um campo novo na política do Brasil, que é a encarada segundo as

"É UM AGRICULTOR — É UM JARDINEIRO!"

diferentes categorias ou classes de que se constitui a sua comunidade. Mas isso não significa que haja ficado deserto de conteúdo o Ministério da Justiça.

— A Justiça Eleitoral e seus poderes modificaram a posição e a expressão do Ministério da Justiça dentro do govêrno, tomando-se a palavra «govêrno» no sentido amplo do Poder Público?

— Se entendo bem a intenção dessa pergunta, v. se refere àquela antiga participação que o Ministério da Justiça tinha no reconhecimento dos poderes, na apuração das eleições, etc. Nesse sentido, é claro, houve uma modificação, porque uma Justiça Eleitoral foi constituída para se ocupar especìficamente do problema eleitoral. O que quer dizer que mais uma vez se preceitua a autoridade do Ministério da Justiça atuar polìticamente, desde que um de seus problemas, que era o de julgar e conduzir materialmente as eleições, já não é da sua incumbência. Agora, me permito dizer que, sem menosprezar e sem esquecer o esfôrço individual de muitíssimos juízes na tarefa de execução e de preparação das eleições, a Justiça Eleitoral está falhando aos seus objetivos. E falhando porque permite a permanência de um alistamento eleitoral que é uma vergonha, uma fraude que tôda a Nação conhece e só a Justiça Eleitoral ainda não quis reconhecer.

— Que quer v. dizer quando afirma que o atual Ministro da Justiça não é atuante- Atuar como?

— Quando afirmo que êle não é atuante, quero dizer que êle não é Ministro. Atuar como? — v. pergunta. Veja o seguinte: Neste momento de candidaturas presidenciais, era ou não incumbência do M. da Justiça, convocar os chefes políticos para ouvir o que pretendem, para onde querem conduzir o Brasil, para recolher o seu testemunho, para sondar opiniões, para verificar quais as possibilidades de dar à luta política que se aproxima, da sucessão presidencial, um sentido pacífico, que não perturbe a ordem dêste govêrno e não nos atire nas mais trágicas aventuras. O M. da Justiça tem a obrigação de dar cobertura ao Presidente da República, para que êle não se exponha demais, tomando-lhe iniciativas que competem ao Ministro e não a êle, Presidente. No entanto, o que nós vemos é o Ministro da Justiça, não por mal, estou certo, mas porque é um jurista e não compreende nada da função política do ministério, e não quer briga com ninguém, porque quer voltar a ganhar muito bem a sua vida, como ilustre jurista que é, com pareceres que lhe rendem um dinheirão por mês. E todos os dias se queixa e acha que está fazendo um grande sacrifício pelo Brasil, porque está perdendo dinheiro sendo ministro. Mas então, vá ganhar dinheiro e deixe de ser ministro! Se acha que não está bem, vá embora para casa. O que não é possível é um ministro ocupar um Ministério com ar de quem está fazendo um favor ao Brasil! O Brasil não precisa de favores. O Brasil precisa de serviços.

— Como se deve conduzir o Ministro da Justiça no momento em que o «background» do govêrno é a Fôrça Armada (felizmente atuando no melhor sentido, que é o supremo bem da Pátria) e, por outro lado, sente-se que o atual govêrno, talvez por fôrça dos ideais de 30, não quer ressussitar a figura do candidato do Catete — com o que não se deram bem o Presidente Washington Luiz (Júlio Prestes) e, recentemente, o Presidente Eurico Dutra (Cristiano Machado)?

— Para responder, tenho que firmar um ponto: Em agôsto de 54, houve uma revolução branca. E quem desmentir ou ignorar isso, não está sabendo nada da situação brasileira. Essa revolução branca, constituiu um govêrno dentro da Constituição, mas um govêrno com u'a missão definida, uma tarefa indeclinável, a de limpar o Brasil, de restituir aos brasileiros, confiança nas instituições democráticas. E' nesse sentido que o govêrno está falhando, por mais que reconheça suas melhores intenções e o propósito honesto do Presidente Café Filho — e, mais do que todos, no govêrno, está falanho o Ministro que precisamente tinha por missão tomar à frente o cumprimento dessa tarefa. Uma vez isto pôsto, creio que fica mais fácil responder: Ninguém de boa fé pode desejar que o govêrno — o Presidente Café Filho e o Ministro da Justiça como seu pára-choques, retome aquêle intervencionismo do passado, que fazia com que os Presidentes da República fizessem obrigatòriamente o seu sucessor. Não queremos que o sr. Café Filho faça o seu sucessor. Queremos que êle torne



Lacerda assina autógrafo para uma admiradora.

possível a sucessão, faça a sucessão presidencial. Do contrário, ela não vai haver. E não vai haver porque as fôrças políticas do Brasil, estão hoje extraordinàriamente divididas, por certos pontos de vista, e por certas realidades indeclinadas, diante das quais dificilmente se poderão compor. O esfôrço de uma união nacional, não é uma união qualquer, do bom e do péssimo, é uma união de todos os bons, ou mais ou menos bons, contra todos os ruins e péssimos. Essa união exige da parte do govêrno, a compreensão de que êle se constituiu não um govêrno como qualquer outro, mas um govêrno de emergência num momento de crise sem precedentes, para restituir ao povo confiança na autoridade legítima e nas instituições democráticas. A neutralidade do govêrno, pois, entre os crimes que êle não pune e as aspirações nacionais, a que assim desatende, seria imperdoável. Insisto, portanto, e creio que ninguém tem sôbre isso ilusões: Êste ano teremos a última oportunidade de resolver, por bem, a crise brasileira.

E O NADA RESPONDEU...

À Elsie Lessa, a propósito da crônica do dia 8.

É preciso, ficar mais perto, Elsie...

Tá tudo muito lá longe. A vida joga a gente assim, nos prá lá da cidade e do tempo, criando um vazio dos nossos possíveis entendimentos. Talvez seja por isso que os ambientes onde a gente fica mais bonita, mais excitante e mais excitada, sejam pequenos, aconchegantes, forçando na proximidade do corpo a busca ansiosa da proximidade psíquica, esquecida pelos «homens de asfalto...»

A sugestibilidade daquele piano, Elsie, talvez seja a oração dêste mesmo homem que não olha pro céu porque não tem tempo...

E' preciso, Elsie, que se acotovelem assim pra que se lembrem que podem se falar entre si...

Ainda ontem fui ver um terreno que estou pagando — não me pagam tudo junto e eu não posso pagar também — lá para os lados de Niterói.

Mas não explico porque não me lembro e não vem ao caso.

Pois bem. E' uma praia maravilhosa. Dizem que será uma nova Copacabana, etc., etc.

Lá naquele Deus me livre um homem não passa pelo outro sem pelo menos tocar na aba do chapéu para um cumprimento amistoso e instintivamente educado.

E aqui? A vida não deixa a gente falar nem com os vizinhos...

E' difícil e às vêzes é perigoso cumprimentar os outros na rua, que a gente não sabe quem é êste, ou aquela, de onde é que vem o homem, a moça esta, filha de quem é e a mulher esta ou aquela de quem é...

E quando acaba vem tudo é daqui, dali, dêste imenso Brasil do Senhor Jesus nosso Deus...

Vem dali do Norte, lá do Sul das Minas Gerais como eu por exemplo, de Goiás ou do Piauí que eu já tenho visto gente de lá por aqui. E vem também do mundo, dêste mundo enervante que nos deu Hitler, Roosevelt, a porcelana da China, a salada russa, a penicilina do seu Flemming que os Fontoura monopolizaram no Brasil e tantos outros flagelos a par de benefícios, bons como o jornaleiro que vende os teus jornais e as minhas revistas...

E' tudo gente, Elsie. Gente que também sabe que no princípio era o verbo, o verbo era Deus e Deus era o verbo...

Você que sempre teve boa vontade e glorificou a Deus nas alturas há de compreender que a refrigeração às vêzes falha, enguiça, tá bem, Elsie?

Com os votos de um 1955 feliz e refrigerado, os cumprimentos respeitosos do Bastião Prata e o abraço juvenil da Olga, sinceramente.

GRANDE OTELO



Ei-lo na foto, ao lado do papai, no espetáculo grande de 1954.

NOTICIÁRIO

TIAGO DE MELO, de contra ponto lá do Amazonas, tá contando que recebeu agora a «Manchete», com o retrato de Olga e mais o papai na capa.

Pois é meu bom Tiago, o papai se amarrou...

Ela com 18 anos, o papai aqui com 39, mas, existe muita ternura no meu peito prêto, de maneiras que não há de ser nada. Haveremos de ser felizes...

* * *

Ari Barroso e Luís Peixoto vão conceber um samba inspirado na Jovita da Conceição...

Cuidado com a criola, que ela é indigesta, seu Ari...

* * *

João Rios, o bandeirante do Teatro Nacional, parou em S. Paulo prá descansar. E enquanto descansa expõe no Ibirapuera, um maravilhoso presente vivo, onde o melhor artista é o burrinho da mangedoura do Menino Jesus.

Tudo muito bonito e caprichado, a lá João Rios.

* * *

Chevalier, o popular Lord, do Casablanca, depois de ter sido o 31 de «Esta Vida é um Carnaval», agora está batendo pandeiro no Sacha's, filmando com o Watson Macedo e brilhando no Carnaval da Mayrink Veiga. Tá cum tudo o Moléque trinta e um...

* * *

Anda triste a «Tindá» Jupira... É o caso que o Herivelto foi convidado prá ir ao Uruguai e, se for, vai levar «As Mulatas da Stela». Stela era uma das componentes do conjunto da Jupira e suas cabrochas, e titular do conjunto «As Mulatas da Stela» que atua no momento com o Trio de Ouro na Rádio Nacional e no Carlos Gomes.

O papai leu que o Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica, na pessoa do seu presidente Mário Sombra, tá mexendo os pauzinhos prá impedir a ida de representantes brasileiros a Punta del Este. Não se aborreça seu Sombra, fique calminho, porque o pessoal julgado bom, vai, sem sombra de dúvida...

* * *

Seu Antônio Maria na mesa de pista do dia 8 de janeiro, contou que um tal de G. C. lhe mandou elementos prá dar pixe em regra em alguns figurões, e que êle não se interessou. Ora seu G. C., mande êsse negócio prá cá. O papai aqui, gosta de um pixe!

* * *

Consuelo Leandro estreou na Nacional, no programa Gente que Brilha, e brilhou de verdade. A moça sempre brilha. Aliás, encontrei-a outro dia reclamando que um grande cartaz do nosso rádio não a cumprimentou em determinada ocasião. Ora Consuelo, vai pelo papai que tá velho e já passou por isso.

Até aqui, você tem estado entre colegas, que não fazem novelas das 9 da manhã às dez da noite. Gente feliz que apenas se afoba nas quintas, sábados e domingos.

* * *

No rádio é diferente, você vai ver, queridinha. Às vêzes a gente fica meio biruta e não cumprimenta nem à mãi da gente. Deixa isso prá lá e não entra querendo comprar barulho, porque a turma vende, e depois, Josefa?

* * *

Mister Éco, nos cachos do dia 8-1-55, investe contra as senhoras frustradas (senhores) que tão infestando a madrugada pura e casta.

Olha mister Éco. Vai no golpe do papai aqui que sabe. Não te mete nisto, que debaixo do angu tem carne. Deixa isso prá lá.

* * *

Ainda os cachos do dia 8 de janeiro.

Você tá ficando borocochô, mister Eco. Ninguém passa ninguém prá trás, o jôgo é de dupla. Morou?

A JOVITA SABE:

Esta nêga Jovita é de morte, tá? não mi levem a mal, mas porém, eu sei das coisa e posso, tenho de contá, sinão me dá uma coisa.

Acontece que o Teatro Follies, vai sê alugado, pro seu Arvaro, junto cô seu Amircá Turné, que de tiatro só tem a turnê do nome, no mais é justa e apenasmente um moço intusiastá e cum ôio crínico, prá Vedete. Agora o seu Arvaro não. Ête é militante amadô, mais porém mió di qui muitos profissioná que a Jovita manja...

Os moços já traçaram os plano, diz qui vão inagurá cum o Tablado da D. Maria Clara, dispois vão contratá a Violeta Ferrais, aquela do «O Petróleo é Nosso» do moço Watson Macedo, mais um tá de Costinha, qui anda cumas carça apertadinha, infim, tão sonhano acordado, qui tão danada.

Sonhá na primavera é bom moço Amircá e moço Arvaro. Fala com o primo Grande Otelo. Êle sonha in quarqué tempo, é só a Olga deixá. Tá bom?

MÔCÓTÓLOMBÓ... MÔCÓTÓLOMBÓ...

Môcótólombó do Recife...
A gente vem lá do aeroporto,
Depois da ponte é que ela vem...
No meio dia, tão quente, tão só...
Es'treita, comprida, solitária...
Môcótólombó...

De noite ela tem ecos,
Da negra velha sem dentes
Gritando... Gritando,
Nos ouvidos das gentes...
— Môcótólombó... Môcótólombó...
Recife... Recife antigo da minha avó...

NOTICIÁRIO

Muitos livros novos nêstes últimos dias, um tanto atropeladamente, porque são sobras de 54, e já vamos penetrando de modo seguro e sem remissão na estrada de 55. Vejamos alguns, no entanto:

* * *

Lígia Fagundes Teles, que é uma trabalhadora infatigável, apresenta seu novo romance «Ciranda de Pedra». Lígia irá depois descansar na Europa.

* * *

«O Silêncio da Noite» é um livro de poemas de Sílvio C. de Oliveira. Muito boa feição gráfica e dedicatória a todo mundo.

«A Menina Morta» de Cornélio Pena, que nos traz de volta um dos melhores e mais autênticos romancistas do Brasil.

«Anúncio Feito à Maria», tradução da famosa peça de Paul Claudel, por don Marcos Barbosa.

* * *

Guilhermino César, mineiro radicado no Rio Grande do Sul, anuncia «História Literária do Rio Grande do Sul».

* * *

José Laurêmio de Melo, poeta pernambucano, publica «As Conversações Noturnas».

O QUE ÊLES DIZEM

Lúcia Miguel Pereira: «Decididamente nada inventamos de novo para marcar o ilusório recomeçar do tempo, cujo curso nunca se altera, é sempre o mesmo, contínuo, ininterrupto».

* * *

Paulo Mendes Campos, entusiasmado: «Que lindo luar! Que noite serena! Quem pode dormir com uma lua tão bela, tão clara, tão grande!»

* * *

Antônio Bento: «E o Museu de Caruaru, quando ficará terminado?» Responda, João Condé.

CRÔNICA:

RONDÓ DA PERDIÇÃO

O sr. Augusto de Almeida Filho intitulou seu livro de «Rondó da Perdição», e não achamos o título perfeitamente justo porque tôda e qualquer perdição, neste ou no outro mundo, é tema lento e grave, podia quando muito sujeitar-se ao espaço de um largo ou de um adágio, mas jamais no canto frívolo e ligeiramente ingênuo do rondó. Feita essa observação inicial, passemos ao poeta pròpriamente dito, que é bom e tem seus instantes altos de puro e concentrado lirismo. Perdição, para Almeida Filho, é uma queda quase instantânea em elementos básicos da existência, um perfurar consciente de coisas e sentimentos estratificados em zonas recuadas da consciência humana, e que antes dêle, reafluíram também à inspiração de outros bardos seduzidos pela perdição e seus brilhos crepusculares.

Isso não quer dizer que não haja novidade nesta poesia, mesmo porque o tom empregado pelo nosso poeta é todo êle nostálgico e eivado por assim dizer de um sentimento de culpa, muito cristão. A perdição aqui, no seu sentido mais vasto, é a perdição cristã e terrena, a consciência do pecado puro e simples, da consciência atormentada pela «falta» e que deriva em poemas, não raro de grande beleza. Nem sempre, porém, os temas metafísicos da perdição dominam a coletânea, pois o poeta, que também foi menino, relembra e o faz com indiscutível prazer, coisas e mitos de uma infância esvaída, uma oração à Santa Luzia, uma inovação à Nau Catarineta e outros temas peculiares aos costumes e tradições do Nordeste.

Há neste livro, evidentemente, um sensível progresso do poeta. Sente-se que Almeida Filho conseguiu atingir êsse cerne pessoal e dramático que faz a tonalidade de cada um, de onde retirou os poemas de agora, e de onde, fatalmente, retirará todos os que irá compor no futuro. Só agora, não temos dúvida em afirmar, o poeta se encontrou a si mesmo — e êsse encontro, que êle em seu sub-consciente pode julgar como de perdição, tanto terror causam às almas sensíveis as coisas perigosas e fugidias da poesia, para nós é um achado de salvação, pois nos devolve a música de artista autêntico, que já domina as palavras e sabe perfeitamente como conduzir sua inspiração elevada e nobre.

LÚCIO CARDOSO



RETRATO — O «cock-tail» de Homero Homem — Aqui está um flagrante fotográfico do «cock-tail» que Homero Homem ofereceu aos intelectuais brasileiros, no dia do lançamento de seu livro, ilustrado pelo pintor Bandeira. Entre os presentes, o autor, Manuel Bandeira, Dinah Silveira de Queiroz, Peregrino Júnior e Sara César Borba.



VIUVEZ EFÊMERA — Geneviève, que recentemente ficou viúva do famoso costureiro Jacques Fath, já cedeu a sua mão a um novo candidato. Trata-se de um diplomata português muito rico. Geneviève está esperando apenas aliviar o luto para realizar as festas do novo matrimônio...







CHURCHILL EM TRÊS TEMPOS — O grande estadista britânico numa foto de álbum de família, aos cinco anos de idade. Depois aos 27 anos, quando se elegeu pela primeira vez deputado, assinalando o início de sua longa e gloriosa carreira política. Finalmente, o Primeiro Ministro inglês, aos 80 anos de idade, ainda forte e bem disposto, sendo um dos baluartes do mundo livre.



FEITO HISTÓRICO — Esta foto é a mais célebre da guerra do Pacífico e serviu de modêlo ao monumento erigido em Washington como homenagem à memória dos heróis das tropas aliadas.



HERÓIS DA RESISTÊNCIA — A menina Catherine, de 9 anos de idade, filha de Jean-Jacques Rotstein, herói da resistência desaparecido em 1943, aos 21 anos de idade. Só agora foi localizada a filha de Rotstein, que aparece na foto recebendo as condecorações de reconhecimento do govêrno francês ao heroísmo de seu pai.

Por êsse *Mundo* de Deus



A MAIS IMPORTANTE REUNIÃO DO MUNDO — Eisenhower, Churchill, Mendès-France, Coty e Malenkov aparecem juntos nessa foto sensacional, discutindo um acôrdo para a União Européia. Êsse encontro de que o mundo não tomou conhecimento, é apenas simbólico e silencioso, pois se trata de estátuas de cêra dos famosos estadistas «reunidos» no Museu Grèvin...



A CENA PROIBIDA — A foto reproduz uma cena do filme japonês «Ukimgumo», na qual aparecem seus principais intérpretes, Masayuki Mori e Mariko Okada. A censura norte-americana proibiu a cena por aparecerem tomando banho juntos duas pessoas de sexo diferente. A companhia produtora do filme protestou sob o fundamento de que os artistas durante a referida cena estavam de roupa de banho. Mas o censor não podia ver em baixo dágua...

OS DISCOS VOADORES SÃO PEDAÇOS DE ASTROS

Adalgisa Nery não esquece o primeiro namorado ★ Não gosta de comer e detesta traição

Texto de ANTÔNIO WILSON
Fotos de A. FERREIRA



CARIOCA de olhos pretos e cabelos castanhos claros, nascida num dia de primavera cheio de sol, Adalgisa Nery é uma criatura viva e inteligente, que tem idéias próprias e sabe defendê-las nas colunas da imprensa. Escritora e poetisa com vários livros publicados, deixou um pouco à parte a literatura para dedicar-se ao jornalismo, debatendo com elegância e sinceridade os principais problemas brasileiros.

Neste ping-pong Adalgisa mostrou ser uma boa «raquete», rebatendo com classe todos os lances, inclusive algumas «cortadas» inesperadas.

A diversão predileta de Adalgisa Nery é conversar. E sua palestra agradável prende de começo ao fim

Ping — Gostaria de ter nascido homem?

Pong — Absolutamente, não. Sinto uma enorme grandeza em ser mulher. Sem desmerecer na glória que há em ser homem, acho, entretanto, que nós temos sutilezas de sensibilidade que nos dão mais profundidade para a vida. Não me refiro à maternidade que todos julgam ser a maior nobreza da mulher. Não encontro diferença entre a glória de ser mãe e a de ser pai.

Ping — Se fôsse Presidente da República qual seria o seu primeiro ato?

Pong — Obrigaria todos os homens ao trabalho, cada um de acôrdo com a sua vocação.

Ping — O que mais admira no homem?

Pong — A coisa mais rara, quase extinta atualmente e que justifica o homem ser chamado «um homem» — o caráter.

Ping — O que mais detesta?

Pong — A traição, que afinal é a ausência completa de caráter.

Ping — E' a favor ou contra a pena de morte?

Pong — Em alguns casos. Para os tarados e os traidores da Pátria, por exemplo.

Ping — Que pensa dos seus inimigos?

Pong — Que uma razão muito forte os move a isso. E como sou visceralmente democrata, acho que estão em pleno gôzo do direito de se tornarem meus inimigos, com motivos ou não. Como não compreender as razões dos outros, se tenho uma grande condescendência comigo mesma que sou a minha maior inimiga?

Ping — Tem mêdo de morrer?

Pong — Se não fôsse católica, diria que não. Aspiro isso ardentemente. Acontece que sei não estar ainda em estado de graça para comparecer diante de Deus sem temores e sem culpas.

Ping — Gosta mais da noite ou do dia?

Pong — Gosto muito mais da noite. A sombra tem mais mistério, a quietude mais drama, o silêncio faz emergir causas, conflitos, descobertas grandiosas da alma, ternuras intocadas, distâncias eternas e faz revelações de fôrças guerreiras que durante o dia, com a luz do sol, não tomamos conhecimento de que as possuímos ao extremo das grandes aventuras.

Ping — Tem algum «hobby»?

Pong — Descobrir pessoas, ouvir conversas, observar as reações mais ocultas, fluindo de olhares parados e do aparente alheiamento das criaturas anônimas das ruas. Deus é o maior colecionador de raridades do universo: os sêres humanos.

Ping — Qual o maior sonho de sua vida?

Pong — Cumprir integralmente as múltiplas vidas, na vida que tenho.

Ping — Se não fôsse humana que bicho preferia ser?

Pong — Escolheria ser peixe.

Ping — Ainda se lembra do primeiro namorado?

Pong — Não poderia esquecê-lo jamais. Tenho filhos que são parecidíssimos com êle. O meu primeiro namorado, foi o meu noivo e o meu marido. Além do mais, foi um homem de grande inteligência, um artista notável, um ser profundamente bom e o depositário de minha primeira ternura de adolescente. Chamava-se Ismael Nery.

Ping — Acredita em discos voadores?

Pong — E' uma pergunta que está na moda, assim como as palavras oligarquia, austeridade e sucessão. Mas sôbre êles prefiro pensar que são pedaços de astros caindo sôbre a terra... E' mais bonito e me satisfaz de forma mais poética do que os estudos do norte-americano Hilbendr, ou as conferências do Adil de Oliveira.

Ping — Gosta de Carnaval?

Pong — De olhar, apenas.

Ping — Torce por algum clube?

Pong — Pelo Flamengo, por causa do Zé Lins do Rêgo, e contra o Bangu, por causa dos Silveirinhas.

Ping — Seus autores prediletos na literatura?

Pong — Entre os autores brasileiros vivos prefiro Cornélio Pena, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Frederico Schmidt, Dante Costa e outros mais.

Ping — E na música?

Pong — Sou fascinada pela música. Tem ela um poder mágico sôbre a minha sensibilidade. Gosto de música, seja ela qual fôr, clássica ou popular. Entre os clássicos tenho preferência por Bach, Mozart, Grieg, Wagner e Villa Lobos.

Ping — E na pintura?

Pong — Guignard, Marc Chagall, Mirò, Diego Rivera, Tamayo e Siqueiros, Di Cavalcânti e Portinari. Não posso deixar de citar Griecco, que atua de forma penetrante na minha sensibilidade.

Ping — Sua distração predileta?

Pong — Conversar.

Ping — Seu prato preferido?

Pong — Nenhum, não gosto de comer.

Ping — Seria capaz de usar um bikini?

Pong — Não, porque o despudor tira a beleza da forma humana. E creio que não haverá um só homem que discorde de minha opinião.



Não gosta de comer, é contra o despudor do bikini e a favor da pena de morte em alguns casos.

EMPRÊSA NACIONAL

PRODUTOS DE BORRACHA LTDA

ARTEFATOS DE BORRACHA E EBONITE



ESCRITÓRIO:

RUA TEODORO DA SILVA, 707

TELEFONE: 38-7567 — CAIXA POSTAL: 3.602

END. TELEGRÁFICO: «BLINDO».

FABRICAS:

R. PREF. OLÍMPIO DE MELO, 1775

RUA TEODORO DA SILVA, 707

RIO DE JANEIRO

TELEFONES: 28-2081 — 38-1735

São Paulo Quatrocentão

As firmas cariocas mencionadas na reportagem que publicamos neste número sob o título SAO PAULO QUATROCENTAO, ficam estabelecidas nesta capital, nos seguintes endereços:

LABORATÓRIOS LEITE DE ROSAS LTDA, à rua Ana Nery, 321 — Tel.: 48-7660;

CIA. CARIOCA INDUSTRIAL, à rua Primeiro de Março, 6 — Tel.: 23-2010 (Escritórios);

COMÉRCIO E INDÚSTRIA TUFFY HABIB S. A., à rua da Alfândega, 295 — Telefone: 43-1767;

INDÚSTRIAS REI — H. Wacker S. A., à rua Juan Pablo Duarte, 5 — Tel.: 22-5860;

OSA ORGANIZAÇAO TERRITORIAL S. A., à rua do Rosário, 111 — Tel.: 43-9993 e

FABRICA BANGU, à rua Teófilo Otôni, 18 — Telefone: 43-7696.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..............................

RUA.................. Nº.....

CIDADE..........................

ESTADO..........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

LEIAM

A CENA MUDA

A REVISTA DOS FÃS DO CINEMA

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 29 DE JANEIRO E 4 DE FEVEREIRO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Os melhores dias da semana, no seu caso, serão 30 de janeiro, 1 e 3 de fevereiro. Em tais dias poderá exercer a maior influência sôbre as pessoas das quais precise de tirar algum proveito.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Imponha-se no seu meio. Seu magnetismo o ajudará a tanto. Não dê, mas poderá solicitar crédito. Nos negócios prefira os que possam ser resolvidos com presteza, embora sejam módicos os lucros previstos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A semana será muito favorável à vida doméstica, ao meio familiar e às relações entre os esposos. No que diz respeito à profissão haverá, igualmente, bons influxos. Tudo lhe sairá a contento.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor não terá necessidade de forçar as situações, para conseguir seu intento. O melhor, no seu caso, será uma atitude de reserva, esperando que as coisas se processem naturalmente.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Não faça negócios a prazo, como comprador ou como vendedor, no curso da semana. O que se iniciar nesse período terá um desenvolvimento trabalhoso e um fim desastrado. Os piores dias serão 30 e 31 de dezembro, 2 e 4 de fevereiro.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sua vida sentimental experimentará um ótimo período. A Lua Negra atravessará a sétima casa do seu horóscopo, dando-lhe chance quase absoluta, em amor. Os negócios prometerão lucros compensadores.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Faça o esfôrço que puder para não perder o equilíbrio no curso da semana, em qualquer sentido. Se tal coisa se der, será uma espécie de estouro da boiada. Correrá tudo, até o fim, não havendo mais um contrôle possível.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Dê o máximo de atenção a tudo o que fizer, pois estará sujeito a enganos muito perigosos para sua situação e para a posição atualmente ocupada. Poderá haver uma modificação substancial e desfavorável nos rumos do seu destino.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Continuarão predominando, no caso do leitor, os mesmos influxos da semana anterior. Sua posição não se modificará, portanto. A marcação vitoriosa continuará. Aproveite a chance.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O período não oferecerá boa margem para modificações, mudanças e viagens. Se qualquer dessas coisas está projetada, espere uma oportunidade melhor. Não faça inovações nem lance, agora, os seus empreendimentos.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor vai ter uma fase bastante favorável aos seus negócios e propícia, mesmo, a um reajustamento da sua situação sob o ponto de vista econômico e financeiro. Poderá tomar as medidas aconselhadas em tal sentido.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não interfira em negócios de parentes ou de amigos. Findará perdendo seu tempo e as amizades. O influxo dos astros não favorecerá sua posição no meio da **entourage.** Mantenha-se reservado, isole-se.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	29	—	Claudino	—	Maria
"	30	—	Ciro	—	Alda
"	31	—	Diamantino	—	Lúcia
Fevereiro,	1	—	Flávio	—	Ema
"	2	—	Ernesto	—	Ernestina
"	3	—	Camilo	—	Berenice
"	4	—	Sérvulo	—	Edwiges

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Janeiro,	29	—	8º - 48' - 49"	(Signo do Aquário)
"	30	—	9º - 49' - 46"	(" " ")
"	31	—	10º - 50' - 41"	(" " ")
Fevereiro,	1	—	11º - 51' - 35"	(" " ")
"	2	—	12º - 52' - 28"	(" " ")
"	3	—	13º - 53' - 19"	(" " ")
"	4	—	14º - 54' - 9"	(" " ")

CHAMPANHOTA ★

ASSIS, JORNALISTA, PARLAMENTAR E ACADÊMICO

PETER



A sra. Lourdes Catão palestra animadamente com dois convivas durante o jantar oferecido à sra. Teresa Campos por motivo de seu aniversário.

NUM bonito jantar de gravata preta, realizado no «Golden Room» do Copacabana Palace, o sr. Assis Chateaubriand foi homenageado por grande número de pessoas que queriam felicitá-lo pelo seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Compareceram pessoas dos setores diplomático, político e social. Anotamos a presença dos sr. e sra. Jorge Guinle, sr. e sra. Alvaro Catão, sr. e sra. Ministro Alencastro Guimarães, sra. Clotilde Mello Vianna, sr. e sra. Paulo Paranaguá, sr. e sra. Horácio Láfer, sr. e sra. Carlos Eduardo de Souza Campos, sr. e sra. E. G. Fontes, sras. Ivone Monteiro e Nicole Hime. A uma da madrugada, na porta, o sr. Assis Chateaubriand ainda recebia cumprimentos.

TEREZA ANIVERSARIOU

Oferecido pelo sr. Ari de Castro, estêve muito bonito e animado o jantar de aniversário da sra. Carlos Eduardo de Souza Campos. Cumprimentaram a mais elegante, os casais Álvaro Catão, Roberto Singery, sra. Ivone Monteiro, srta. Marilu Montenegro e os srs. Murilo Moreira e Osvaldo Vidigal, entre outros.

O PRINCIPE INDIANO

Festa de nova geração muito apreciada foi a da srta. Jane Hime, onde todos apareceram fantasiados, na casa especialmente decorada, fazendo a imitação de um circo. A atração da noite, mesmo sem qualquer fantasia, foi o príncipe indiano, que poderia ter feito mais sucesso se comparecesse vestido de príncipe indiano mesmo.

BILU ! ! !

Ultimamente, o Bilu não tem se portado bem. Nem tôdas as noites dirige o disco voador e o faz estacionar à porta do «Vogue». Bilu, como todo marciano, é meio aluado.

O PRINCIPE STARHEMBERG

Depois de 15 anos de exílio, no Chile, prepara-se para regressar ao seu país, o príncipe Starhemberg, antigo chefe da «Heimwehr» da Austria. De passagem em Madrid, declarou que desejava passar alguns dias naquela Capital, não sabendo exatamente a data de seu regresso à Viena.

CASA-SE IVONNE DE CARLO

A atriz de cinema vai casar-se, brevemente, com um oficial da polícia egípcia, Salah Sid Ahmed. O casamento se realizará nos Estados Unidos, sendo o noivo divorciado, com dois filhos.

ROLLA E O GARÇAO

Outro dia, num almôço, contaram-me que o sr. Joaquim Rolla, criador de Quitandinha, estava, na Urca, um pouco antes do espetáculo, orientando certos detalhes. Um rapaz, bem vestido, chegou e falou:

— «Sr. Rolla...

— «Sente-se, meu rapaz, sente-se».

— «Mas, sr. Rolla...

— «Sente-se, vamos. Diga-me uma coisa, você não acha que tem luz de mais naquele canto? Que a cantora está um pouco longe do microfone?

O outro, já sentado, concordava e dava outras opiniões.

— «Tome um pouco dêsse suco de maçãs, é muito bom».

— «Aceito, obrigado.»

Passaram-se muitos minutos até que Rolla deu seu serviço por terminado e perguntou ao rapaz:

— Então, meu rapaz, o que é que você quer?

— Sr. Rolla, eu sou aquêle garção...

Não terminou a frase que o grito de Rolla não deixou. O construtor de «Quitandinha» acabara de reconhecer o garção que despedira na véspera.

A SRTA. DIVA DOLABELLA RECEBE

Na sua bonita casa, em Copacabana, a srta. Diva Dolabella, ajudada pelas irmãs, Odete e Yedda, recebeu, na semana passada. Foi um jantar americano perfeito, ao qual compareceu um grupo grande de gente moça. Anotamos as presenças das srtas. Regina Malta de Campos, Lúcia Cantalice, Lígia Coutinho, Mirella Moquette, Elda Molina e os srs. Carlos Peixoto, Osvaldo Vidigal, Cássio França, Rodolfo Hermany, Osvaldo Bastos e Alfredo Canongia Barbosa. Uma feliz coincidência nos permitiu conduzir, naquela noite de grandes chuvaradas, alguns dos convidados à casa da anfitriã.

JANTANDO NO «SCHA'S»

Outra noite, no «Scha's» tive o prazer de rever o sr. Nelson Mendes Caldeira, homem de negócios e de Sociedade, casado com a elegantíssima sra. Cristianne Caldeira. Trata-se de uma das pessoas mais simpáticas do mundo dos negócios.

DE FORA

Anuncia-se, fora do Brasil, que a sra. Leopoldo Stokowski voltará a ser Glória Vanderbilt, separando-se de seu famoso marido, o maestro Stokowski.

Enquanto isto, já se fala que os primeiros passos foram dados para concluir o divórcio de Porfírio Rubirosa com a milionária Bárbara Hutton. O diplomata dominicano pretende casar-se, em seguida, com a inquieta Zsa Zsa Gabor.

Fotos «Rio Magazine»



O casal Roberto Marinho aguardando o início de uma sessão cinematográfica na Embaixada Americana.

CHAMPANHOTA

★ CHAMPANHOTA ★

VENTO NORTE

Conto de TEREZA DE ALMEIDA
Desenho de DAREL

OS velhos tomavam mate no galpão quando o vento, num impulso mais forte, desprendeu a fôlha da janela e a fêz estalar de encontra à parede de pedra. Tivera um sobressalto, saindo bruscamente de suas lembranças, emergindo de repente das velhas coisas acontecidas há muito tempo, e alçaram os olhos, surpresos. Seu Ingrácio resmungou:

— Vento cachorro!

— Desabusado! — exclamou mais forte seu Crescêncio, e levantou para prender a janela.

Depois ficou parado ali, de cuia na mão, olhando as tropelias do vento, as nuvens de poeira que se erguiam e se atiravam contra as árvores, os redemoínhos que se formavam na coxilha e vinham descendo pela encosta atordoando os animais, erguendo fôlhas, sacudindo ramos, deitando as guanxumas, achatando o capim mais alto deixando-o rasteiro do chão. Em ondas vinham as lufadas e se enfiavam pelo galpão, esparramavam a fumaça e faziam os dois velhos tossir esfregando os olhos ardentes.

— Que coisa, compadre! Arre, que isso é um despropósito! Como se não chegasse a sêca, mas êste ventarrão.

— Que nada. Isto é prá chuva. Deixa que vente. Assim o vento vai acolherando as nuvens e troperiando água prá gente.

— Troperiando água... — Seu Ingrácio fêz um muxôxo e sacudiu os ombros curvos. Cuspiu longe, para um lado, depois pegou a cuia que o velho Crescêncio lhe estendia. — Como se tudo que fôsse vento se demudasse prá chuva... Lá prá baixo tem uma plantação que está estorricada. E dizem que prá aqui não é tanto... Tem bandas que a coisa está ôsca, compadre. Isto, agora, já parece praga. Tudo que é verão, é a mesma coisa.

Seu Crescêncio era o dono da estância. Estância são modos de dizer, porque a casa era um rancho, o campo era pouco e logo adiante acaba a invernada num capão espichado em cuja beira corria uma aguada forte e numa sanga, mais em baixo, arredondada e funda, lindeira com a estância dos Guachos. Seu Ingrácio era o vizinho mais próximo, dono dos Guachos, campos trevados que lhe vieram à mão por herança e que êle esbanjou no truco, nos fandangos e nas mulheres, sem pensar na velhice ou nos filhos. Agora, o que sobrava da Estância estava hipotecado e o velho remoia seus pensamentos à beira do fogo do vizinho, pensando em como seria diferente a vida se... Mas quando o arrependimento vinha, êle o manoteava e, engolindo em sêco, enchendo o mate ou espichando os olhos para as tropelias do vento, lembrava quanta mulher linda vira, quando bailongo buenacho, quanta galopeada igual a do vento fizera êle em todo o rincão e mais adiante, pelo povo, quando o dinheiro lhe saía da guaiaca, rindo, cantando, luzindo sorrisos nas mesas de jôgo, atraindo as mulheres como o candieiro atrai mariposas em noites de verão. E as lembranças sufocavam as penas e as alegrias, subindo do fundo das coisas que vão sendo esquecidas, afugentavam a papelada do Banco a lhe rodopiar na frente dos olhos, de um tempo para cá, como as fôlhas das árvores despencadas pelo vento.



Dina curvada sôbre as moitas, ia recolhendo a roupa que o vento erguia e atirava para longe.

Dina era magricela, espichada, filha sem pai, cria da estância como tantas outras do rincão. Nascera por ali, filha de Sia Nica, de quem as mulheres nunca puderam arrancar o segrêdo e de quem não se podia dizer nada, ainda que um e outro desconfiasse de certa parecença entre Dina e Seu Ingrácio.

O vento forte colava-lhe ao corpo o vestido remendado, já sem côr, e seus cabelos se emaranhavam e caíam sôbre os olhos de onde ela os tirava com um puxão. Mas o vento continuava em tropelias pelo seu corpo, erguendo o vestido acima dos joelhos magros, remechendo nas peças de roupa que Dina recolhia. E ela, lutando contra o vento, espichava o vestido, prendia-o entre os joelhos enquanto relanceava um olhar pela coxilha, num pudor instintivo e mal largava sôbre o capim a roupa recolhida, já o vento revirava tudo e espalhava entre as guanxumas os panos de prato, as toalhas, os vestidos, as camisas, a roupa tôda que lavara de manhã. mal havia nascido o sol.

— Diabo de vento! — Dina mordeu os lábios. Um apêrto na garganta vinha subindo. O desafôro do vento com a roupa, sujando tudo, dava-lhe vontade de chorar. Era mal o tempo de recolher e já tudo rolava, fugia, espalhava-se, uma peça aqui, outra ali, como se o vento quisesse divertir-se.

— Que se suje, pronto! Não recolho mais nada.

E ela sentou no capim, erguendo os braços para fazer um coque com os cabelos lisos e compridos que o vento sacudia e remechia com os dedos desinquietos.

Foi assim, de braços erguidos, com o busto magro moldado no vestido pelo vento que se comprimia contra seu corpo, que Joaquim, peão de Seu Ingrácio, a viu, num relance, quando vinha recolher as vacas. E a mulher, sòzinha na beira do capão, magra e pequena entre o verde da coxilha que ia subindo e se arredondava lá em cima, contra o céu, formando um muro, pareceu-lhe uma flor sôlta no campo. Flor para ser colhida.

— Antes que o vento estrague — Pensou êle. E apeou.

Pulando entre as pedras da vertente, passando por entre o aramado que fazia a divisa, êle veio se chegando, meio sem saber o que dizer.

Mal Dina ouviu o ruído nas pedras, ergueu os olhos e viu quem era. Num pulo ficou de pé, lutando com o vestido que o vento, de lufada em lufada, procurava levantar.

— Buenas, sia Dina.

— Buenas. Seu Ingrácio tá lá em cima, no galpão.

— E'? Mas não vim falar com êle.

— Então?

— Le vi.

— Só por isso cruzou o aramado?

— Pois... só.

— Melhor é mudar de rumo, que a Ceição te espera no rancho.

— E que tem a Ceição? Acaso deixei me botarem buçal?

— Assim parece. Até já.

— Dina!

— Que tem? — Dina virou-se. O vento grudava-lhe ao corpo o vestido ralo.

— E... a roupa?

— Fica.

— As vacas vão comer. Melhor é recolher duma vez.

— Não precisa. E que as vacas comam, que me importa?

— Puxa! Não precisa ficar braba. Se é por mim, me retiro, que o serviço me espera.

— E por que veio, então, se tinha serviço?

O vento levantou a roupa que branqueou no ar e atirou-a pelas macegas e algumas caíram nágua onde foram molhando e afundando; umas foram carregadas pela correnteza até a outra ponta, outras encalharam nas pedras formando manchas onde o sol reverberava. Dina saiu correndo e começou a juntar o que pôde. Joaquim arregaçou as bombachas e foi entrando nágua, juntando o que podia e atirando para o barranco.

— Êste vento infeliz! Agora tenho de lavar tudo de novo. Faz horas que eu junto e o vento espalha. Como é que a gente pode fazer alguma coisa com um vento infeliz dêstes?

— Ora, Dina, eu junto. Deixa.

— E o que é que adianta que tu junte? Quem lava sou eu.

— Bueno, não precisa se arrepiar. Parace galinha choca. Se quer, largo tudo e já me vou.

— Já que tá aí, fique. Pelo menos ajude a gente.

Dina escolheu a roupa, cuidadosamente, separando as sujas e as limpas e fêz uma trouxa das peças que estavam sêcas. Depois se ajoelhou na beira da sanga e começou, de novo, como de manhã, a ensaboar a roupa fazendo bolas de espuma que a água levava na correnteza. Joaquim ficou por ali, incerto.

— Parece que não lhe importo muito.



— E se importasse? — Os olhos de Dina brilharam com o sol.

— Era diferente. Tu não tava lavando roupa.

— E que é que eu estava fazendo?

— Pois... — Joaquim hesitou, sem saber o que Dina gostaria de fazer.

— Tá pensando na Ceição, não é? — Dina esfregava a roupa com mais fôrça.

— Até que nem... — Joaquim olhava as pernas de Dina, muito morenas entre o capim verde que se espalhava na beira da sanga e as barbas de bode que o vento sacudia.

As árvores, inquietas, rangiam e, às vêzes, fôlhas amarelas se despencavam com um ruído sêco, em redemoinho, e iam cair longe, entre a poeira levantada.

As portas do rancho bateram, uma toalha se ergue da mesa e escorregou para o chão e uma fumarada saiu do fogo escurecendo a cozinha.

— Cruzes! Ave Maria! Fecha isso, Dina. Parece que o demônio anda sôlto.

Sia Nica, esfregando os olhos vermelhos da fumaça, fechou a portinha do fogão, tapou as panelas e virou-se para a filha:

— Mas... credo, que cara é essa?

Dina, muito vermelha, compunha os cabelos emaranhados de fôlhas e gravetos:

— Tá um vento, mãe...

CARNAVAL — 1955
Da Bahia e do outro mundo...

Algumas criações originalíssimas de Lauritzen Bern, destinadas aos "brotos" carnavalescos.



DISCO VOADOR — Será a fantasia predileta dêste ano. Confeccionada em malha azul e vermelha, de corte muito justo. O chapéu, em formato de disco voador, tem uma abertura em funil no alto, por onde deve sair uma mecha de cabelo (se forem curtos, usa-se a mecha postiça).

NOA-NOA — Em jérsei de algodão (para se conseguir um bom caimento do drapeado da saia) — Enfeites de contas brancas. O busto é inteiramente recoberto com flores verdes, sendo uma conta branca o miólo de cada uma. Apenas uma flor vermelha viva nos cabelos põe uma nota rubra no conjunto todo verde.



BAIANA — Numa versão azul e verde, de Lauritzen Bern. A saia é tôda aplicada de bordado inglês. O chale verde enfeitado com o mesmo bordado, acrescido, porém, de lantejoulas prateadas. Original o turbante estilizado; as frutas podem ser feitas com bolas coloridas e as fôlhas de bananeira recortadas duplas em fêltro, e armadas com entretela de nylon, bem dura.





PAGÃO — Em tecido rodier, ou imitando palha (tão em moda êste verão) com aplicação de remendos, em algodão de diversas côres. Tanto o corpete quanto a saia têm as bainhas tôdas desfiadas. Chapéu de palha, também com as bordas desfiadas.

Fátima — Revelação dos três pastôres

(II)

NESSA altura o fato tomou grandes proporções. Os jornais tomavam conta do assunto explorando o caso e o país voltava os olhos para Fátima, com plena convicção de que ali se estava passando algo de anormal.

A posição da igreja caracterizou-se por grande prudência. Fátima pertencia ao Patrarcado de Lisboa e o respectivo Vigário Geral, D. João Evangelista de Lima Vidal, dera ordens terminantes, na ausência do Patriarca desterrado, para que nenhum sacerdote interviesse, nos acontecimentos em marcha, proibindo-os de comparecer à Cova da Iria, mesmo como simples espectadores.

O Boletim do Conselho de Vila Nova de Ourém, no dia 29 de julho, registrou a primeira notícia de origem católica, a respeito das aparições de Fátima. Êste artigo, sob o título «Real aparição ou suposta... ilusão», assim se referia aos extraordinários acontecimentos:

«Esta freguesia experimentou no passado dia 13 o espetáculo mais maravilhoso e comovente que a imaginação podia idealizar. Quererá a Rainha dos Anjos fazer desta freguesia uma segunda Lourdes?!... Ah! Quem o merecera! A Deus e à Virgem não é impossível. Não foi possível fazer cálculo aproximado do número de pessoas que vieram à distância de tantas léguas, desde o humilde pastorinho, rude lavrador, aos que fazem agradáveis passeios em velozes automóveis, para tomarem fé de alguma prova da tão propagada aparição de Nossa Senhora a três crianças desta freguesia (3ª vez 13-7-1917). Tôdas as pessoas ou, pelo menos, a maior parte, ficaram satisfeitas só em verem a maneira como as crianças se apresentaram e falaram — perguntando... pedindo... e esperando tempo de resposta sem que mais ninguém as ouvisse. Isto — dizem, pois não fui testemunha — na presença, segundo os diversos cálculos, de 800, de 1.000, de muito mais de 1.000 e de 2.000 pessoas que no mais admirável dos silêncios ora rezavam, ora suplicavam, ora choravam; por último foi necessário que as almas piedosas, para livrarem as crianças de confusos interrogatórios e de graves incômodos, que poderiam ter no meio de tão grande multidão, pegassem nelas e as metessem em automóvel e as afastassem a distância de dois e meio quilômetros para junto da igreja onde foram fotografadas. Foi simplesmente admirável, mas por ora não digo mais nada.»

Êste Boletim era órgão do clero do Arciprestado de Ourém e refletia a posição em que ficara o Vigário da Vara após os acontecimentos da terceira aparição de 13 de julho.

APARIÇÃO DE 13 DE AGÔSTO

As notícias das anteriores aparições espalharam-se por todo Portugal. Em Fátima tinha-se conhecimento que grandes multidões aí estariam em agôsto, para presenciar a quarta aparição. A época porém era de grande exaltação política e havia partidos sistemàticamente contrários à Igreja.

As autoridades locais consideravam os fatos que estavam passando em Fátima como «exploração da ignorância do povo» e «mobilização de fôrças contra o regime». Em Vila Nova de Ourém, o Administrador do Concelho, Artur de Oliveira Santos, que já havia sido chefe do Partido Democrático, presidente da Câmara, juiz substituto da Comarca, aos 36 anos assumira o govêrno do Concelho de Ourém, passando para trás muitos outros candidatos. Era êle um livre pensador, homem inteligente, de grande energia. Resolveu aplicar essa energia para combater, segundo o que êle mesmo afirmava, aquêles que pretendiam derrubar o regime a que servia com tanto amor.

Ordenou que os pais dos videntes os levassem no dia 11 de agôsto, à Administração do Concelho, para serem ouvidos.

O pai de Lúcia levou-a à presença do Administrador, mas o sr. Marto, achou melhor comparecer sòzinho e responder pelos filhos. Houve algum aborrecimento mas, finalmente Artur de Oliveira resolveu interrogar apenas Lúcia. Era seu intento descobrir o segrêdo que a Senhora havia revelado às crianças. Empregou tôda a astúcia, no entanto, nada conseguiu e teve que desistir.

Na manhã de 13 de agôsto, o Administrador apareceu na casa do pai de Jacinta e Francisco.

— Sr. Marto — disse — também quero ver o milagre. Sou como S. Tomé, gosto de ver para crer.

O sr. Marto olhou-o com desconfiança, no entanto a autoridade prosseguia:

— Onde estão as crianças? E' melhor chamá-las e eu as levarei no meu carro.

Pouco depois apareceram os pastorinhos e recusaram-se a entrar no carro. O Administrador mandou-os então para a residência paroquial, onde queria interrogá-los.

Lúcia foi a primeira a comparecer à presença de Artur de Oliveira e do prior, que passou a interrogá-la:

— Quem te ensinou a dizer as coisas que andas contando por aí?

— A Senhora que eu vi na Cova da Iria.

(Cont. na pág. 40)

Por MÁRIO SALGUEIRO **Desenho do RAMÓN**







EM 1950, Silvana Pampanini iniciava a sua carreira de atriz cinematográfica e não constituía um cartaz internacional de projeção. Outra Silvana — Mangano — despertava maior interêsse. Àquela noite, ela me foi apresentada por Fon-Fon, no Rupe-Tarpeia, um «cabaret» romano instalado no sub-solo de uma velha casa, onde o conjunto brasileiro fazia sucesso. Lá iam freqüentemente Ana Magnani (que excelente «bateria» para acompanhar um samba!), Mischa Auer cada noite mais «alto», Jean Gabin que então iniciava uma filmagem franco-italiana, das primeiras — e nessa noite, a Pampanini, acompanhada de um elegante rapaz. Marcou-se outro encontro para a manhã seguinte, quando Silvana e o acompanhante, metidos no seu carro espetacular, iam buscar-me no Albergo Romano, para um giro à Vila Borphesi. O rapaz mostrava-se bastante interessado na divulgação de fotografias de Silvana aqui no Brasil, e a «ragazza» queria mais, porque ambicionava um contrato para vir à América do Sul:

— Filmar?

— Oh, não! Não me parece que o cinema venha a ser o meu grande futuro! Mas eu canto e danço. Gostaria de ser contratada por uma estação de rádio e também podia aparecer, bailando, em uma companhia de revistas!

Lembro-me de que foram batidas algumas chapas, nas alamedas magníficas de Borghesi, e sem dúvida a beleza da jovem italiana favoreceu o serviço. Todos êsses flagrantes foram pouco mais tarde publi-

A OUTRA PAMPANINI

EM 1950, ENTREVISTADA PELA «REVISTA DA SEMANA» EM ROMA, SILVANA AMBICIONAVA CONHECER RIO E S. PAULO, MESMO «SÓ PARA CANTAR NO RÁDIO E DANÇAR EM TEATRO DE REVISTA» ★ E OFERECIA DEZ POR CENTO DE COMISSÃO AO REPÓRTER, CASO ARRANJASSE O CONTRATO...

Texto de CELESTINO SILVEIRA





As duas fotos da página ao lado, mostram Silvana Pampanini, ao natural, por ocasião do passeio à Vila Borghesi onde posou especialmente para a REVISTA DA SEMANA. — Esta e a que se vê ao lado, permitem observar o confronto da artista, em «maquillage» de estúdio. Realmente é mais bela ao natural.

cados pela REVISTA DA SEMANA, mas, quanto à oportunidade para trazer a Pampanini (em 1950), essa não apareceu. Até porque seu nome era quase totalmente desconhecido, então, no Brasil. O que levou a atriz a oferecer os clássicos dez por cento de comissão ao provável intermediário do negócio...

Também me lembro que a despedida fêz-se, noite alta, depois do jantar em um restaurante ao ar livre, com o último apêlo do casal:

— E não esqueça... O contrato para Rio e São Paulo... Rádio ou teatro de revista... De lá continuarei a excursão para Buenos Aires!

—

O mundo dá muitas voltas, amigos. A bonita italiana, linda de doer, que pelo Ano Santo sonhava com um contrato precário ao nosso país, acaba de passar por êle sem lhe dar a menor importância. Porque a importante, agora, é ela, Silvana Pampanini, a maior dona de quantos contratos desejar, esquecida da oferta de dez por cento feita espontâneamente ao repórter brasileiro, naquèla tarde memorável de primavera, vai fazer cinco anos, em plena Vila Borghesi, um dos recantos mais adoráveis de Roma!

E se porventura esta página cair sob os olhos da bela italiana, se houver quem faça a tradução destas linhas, Pampanini, a outra, a de agora, famosa da cabeça aos pés, há de sorrir por cima daqueles ombros maravilhosos que a Natureza lhe deu:

— Êstes jornalistas têm coisas...

—

Mas talvez duas dessas poses a façam avivar a memória daquela tarde primaveril em Borghesi. E da outra Silvana Pampanini, quando, pelo Ano Santo, longe de imaginar o triunfo que a esperava no cinema, posava para o jornalista «brasiliano», sonhava, modestamente, com uma temporada de rádio no Rio, outra em São Paulo, e algumas apresentações coreográficas em modesto teatrinho musicado brasileiro...



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

LUXO DEMAIS...

Em meados de 1952 foi aprovada a construção de um novo iate para a família real inglêsa. Chamar-se-ia «Britânia» e, segundo os cálculos do Almirantado custaria cêrca de mil e duzentos contos. Agora, passados mais de dois anos, constatou-se que os cálculos dos Lords do Almirantado tinham sido muito otimistas. As despesas já atingiram quase 3 mil e quinhentos contos, e quando estiver pronto chegará a 4 mil. Os inglêses protestaram: «E' muito luxo para a rainha». Afinal, são êles quem pagam os impostos.

O VATICANO E OS «SLAKS» FEMININOS

Uma explicação interessante sôbre a opinião da igreja católica a respeito das mulheres usarem calças compridas foi dada por um teólogo numa revista semanal que se publica no Vaticano:

«Não é verdade que o fato de usar calças compridas seja necessàriamente um mal. Se há um motivo para isso, especialmente em relação às jovens, como a prática de esportes, de ginástica, e outros mais, é evidente que mal nenhum há em vesti-las. Outra coisa, é, porém, usá-las por outras razões bem diferentes, desonestas, ou mesmo apenas por vaidade, mania de novidade ou exotismo, etc.»

SEU MARIDO RONCA?

Veja o que diz um médico londrino sôbre o ronco:

«Geralmente, uma pessoa sôbre 8 costuma roncar... a medicina não sabe como reduzir essa porcentagem. Ainda que não haja nada de humilhante no fato de roncar, ninguém admite que tenha êsse defeito. Para não roncar, é necessário, antes de tudo, assoar bem o nariz antes de dormir, e não dormir nunca de costas, mas de lado. Para evitar virar-se de costas, tôdas as pessoas que roncam deviam ter, cozido nas costas do pijama, um toquinho de madeira.

ESSAS GARÔTAS DE HOJE!

As famílias da cidadezinha de South Shields, na Inglaterra, se lamentavam porque os aviões inglêses a jacto passavam muito baixo, quase tocando os telhados das casas, fazendo vibrar os vidros das janelas. Agora, porém, descobriram o «porque» de tal fato. As jovens da cidade haviam adquirido o hábito de escrever em letras garrafais os seus nomes e até o telefone de suas casas, convidando os pilotos a descerem para uma prosinha.

UM POUCO DE BELEZA

COSTAS SEM MANCHAS

Durante alguns meses você sonhou com a chegada do verão... e os domingos de sol na praia. Lembre-se, porém, que a roupa de banho expõe os seus ombros e as suas costas aos olhares alheios. Por isso, deve ter a pele macia e livre de sardas e manchas.

E você conseguirá não ter manchas se observar o seguinte:

1 — Cuidar de seu regime alimentar, comendo muita fruta fresca, muita salada e vegetais. Beba ao menos um litro e meio de água por dia.

2 — Fazer um pouco de exercício físico diàriamente. Mesmo que tenha tendência à preguiça, reaja! A circulação do sangue é mantida em bom estado com os exercícios.

3 — Limpar sempre sua pele, de maneira que não fique nem um pouco de matéria expelida pelos poros... o que é uma das causas de manchas. Lave-se com água e sabão uma vez por dia. Use um esfregão de fibra ou uma escôva macia para tonificar e estimular a circulação da pele. Enxague-se no final do banho com água fria e enxugue-se com uma toalha sêca, esfregando-a no corpo.

LUBRIFIQUE A PELE

Depois do banho passe nas costas uma loção suave, para que a pele fique macia.

Suas costas serão mais bonitas se você tiver presente que muito sol não lhe fará bem. Se exagerar, por maiores cuidados que tenha, ficarão com manchas e sardas, a não ser que as proteja **sempre** com um óleo que atenue os efeitos solares e não as deixe ressecar. Seja generosa ao aplicar o óleo ou creme para a praia. Assim, ficará com um bonito amorenado sem descascar a pele. Há porém, ainda outros problemas, em relação a certos ombros e costas:

ESPINHAS E CRAVOS

Uma vez por dia lave as costas como explicamos antes. Em vez, porém, de usar uma loção oleosa, aplique um adstringente. (magnésia leitosa é ótima). Na hora de se deitar lave as costas e passe uma loção à base de limão ou de laranja (todos os fabricantes de produtos de beleza têm uma loção dêsse tipo) para clarear as manchas deixadas pelas espinhas.



DAWN ADDAMS

PELE ÁSPERA

Para suavizar a pele áspera das costas, aplique, depois do banho, um bálsamo que a suavize. Se a aspereza é, porém, nos cotovelos (ou joelho) uma massagem com um pouco de óleo de rícino ou de amêndoas e pedra pomes resolve o problema. Previna a aparição de novas asperezas com a aplicação regular de uma loção suavizante e tenha o cuidado de se enxugar bem depois dos banhos de mar.

Notinhas úteis

SEUS SAPATOS DURARÃO MUITO MAIS, se logo depois de comprá-los, antes de calçá-los, untar as solas e os saltos com óleo de linhaça, e deixar secar.

●

AMONÍACO — O amoníaco constitui um ótimo produto para a limpeza da casa. Porém, é preciso ter cuidado de não usá-lo em demasia, porque pode deixar manchas. Além disso evite que o amoníaco puro entre em contacto direto com as mãos, e se isso acontecer, lave-as muito bem com água e sabão.

●

PARA DESCASCAR FRUTAS, com ameixas, pêssegos, maçãs ou tomates, deixe por alguns segundos em água fervendo. A casca sairá com muito maior facilidade.

●

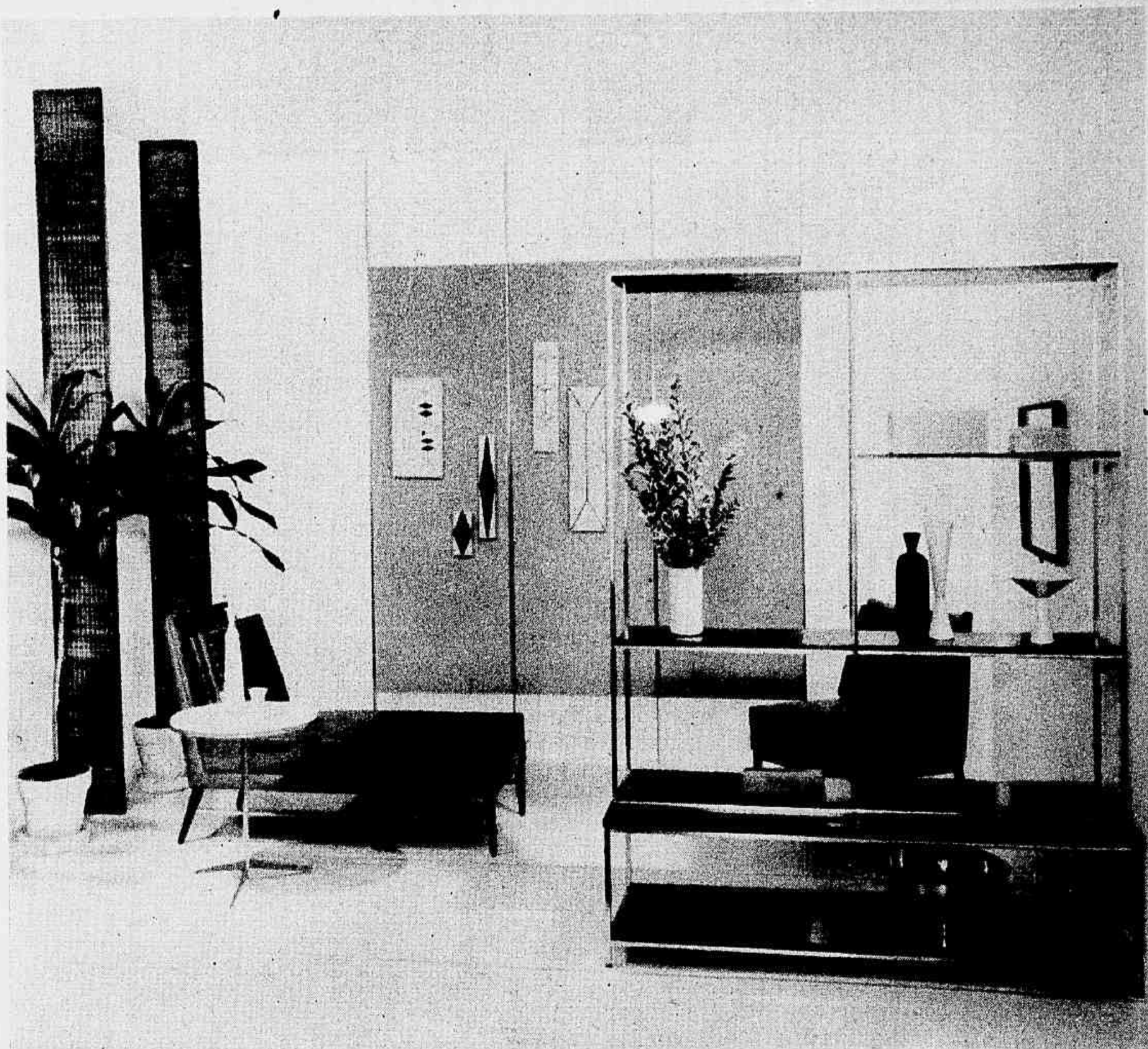
CAPAS IMPERMEABILIZADAS — Devem ser limpas com água morna e uma escôva muito macia. Nunca empregue em capas impermeáveis, ou de borracha, sabão, gasolina ou terebentina. Já as capas de **matéria plástica** são lavadas perfeitamente com água e sabão.

●

MANCHAS DE CAFÉ — As manchas de café sairão com facilidade se forem lavadas com água muito salgada. Se as manchas forem, porém, em tecidos frágeis, empregue glicerina, que deverá ser depois lavada com água morna e sabão.

●

CALDOS ENGORDURADOS — Se o caldo que demasiadamente gorduroso, faça-o ferver, e jo- preparou para «consommé» ou para sopa está gue dentro uma clara de ôvo crua. Depois tire a clara com a escumadeira. Tôda a gordura sairá.



SUGESTÃO PARA O LAR

ESTA sala atraente, para palestra e repouso, foi criada pelo decorador Paul Mc Cobb. À esquerda, interessante efeito decorativo foi obtido com vasos de folhagens, separados por painéis de madeira, de 30 cm de espessura, que vão do chão ao forro. O móvel divisório com prateleiras, à direita, é revestido de fórmica negra, e deixa entrever no canto da sala uma poltrona acolchoada, de linhas singelas, forrada em verde garrafa, para contrastar com o cinza, claríssimo, das paredes. A espreguiçadeira, é, porém, tôda castanho claro, forrada em couro. Muito original é o painel abstrato que ornamenta a parede do fundo.

WEEK-END NA COZINHA

As crianças estão em férias, e é preciso pensar continuamente em satisfazer o seu natural apetite, oferecendo-lhes sempre uma novidade saborosa e... que não dê muito trabalho para se preparar. Neste caso estão os deliciosos «Biscoitos de Banana» da receita de hoje.

BISCOITOS DE BANANA

1 — Misture juntos: 1 e meia xícara de farinha de trigo peneirada; 1 xícara de açúcar; uma colherinha de bicarbonato de soda; uma pitadinha de sal; uma colherinha de noz moscada e outra de canela em pó.

2 — Depois de bem misturados os ingredientes secos, acima enumerados, ponha 3/4 de xícara de manteiga ou margarina; junte: um ôvo bem batido; 2 xícaras de bananas amassadas (2 ou 3 bananas); 1 xícara e meia de aveia e 1/2 xícara de nozes moídas. Bata bem.

3 — Pingue a massa numa assadeira (sem untar), tendo o cuidado de deixar perto de dois centímetros entre cada biscoito.

Asse em forno moderado, cêrca de 15 minutos. Tire os biscoitos da assadeira imediatamente depois de assados; e deixe esfriar. Guarde-os em latas, ou, melhor ainda, em boiões de vidro bem tampados.

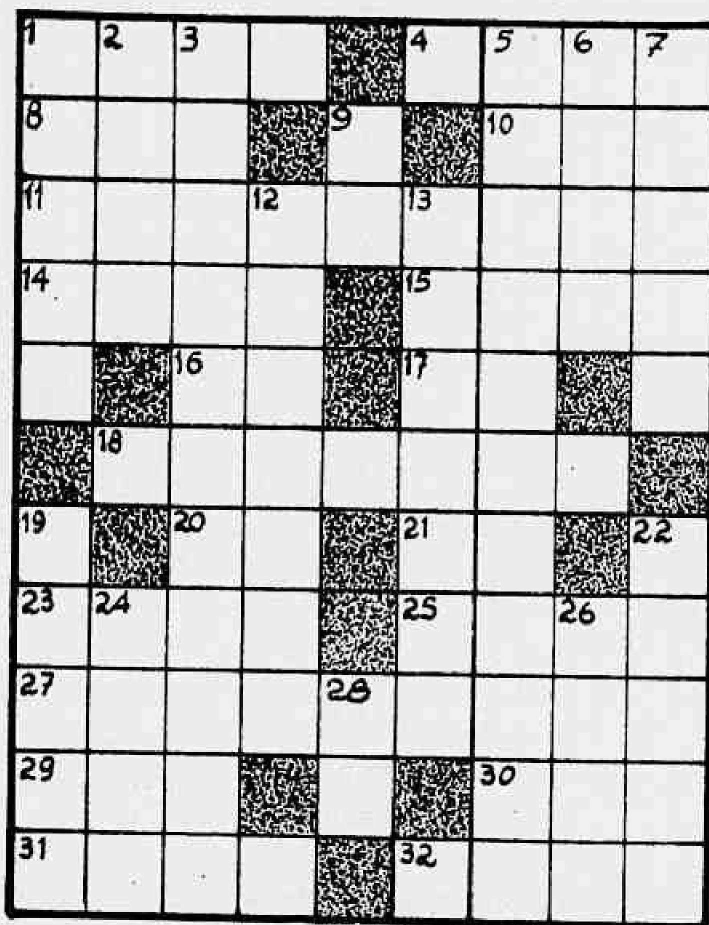
A receita dá, mais ou menos, 3 dúzias e meia de biscoitosi.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 51

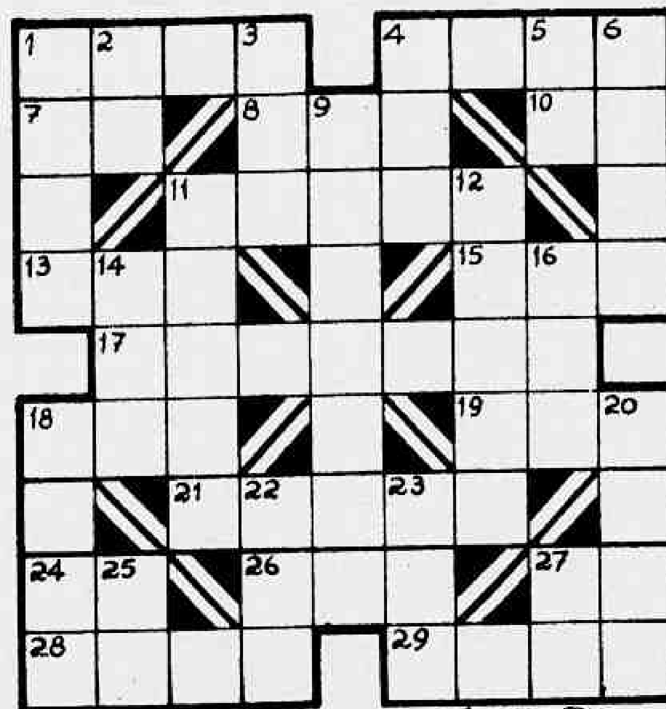
Para Veteranos



HORIZONTAIS — 1. Voz pública — 4. Obscuro — 8. Gênero de formigas — 10. Sufixo muito usado em nomenclatura química — 11. Diz-se da mistura em partes iguais dos isômeros de uma mesma substância (pl.) — 14. Véu fino com que as senhoras mais recatadas velavam o rosto — 15. Malévolos — 16. Híbrido de jumento e égua — 17. Instante — 18. Tapado — 20. Interjeição de espanto — 21. Aprêço do que nos é pessoal — 23. Menciona — 25. Indígena da tribo que habita o rio Tapajós — 27. Crítico — 29. A parte da psiquê intermediária entre o id e o mundo exterior — 30. Corrias — 31. Espécie de corça da América — 32. Aparo por igual.

VERTICAIS: — 1. Ostentação — 2. Vincular — 3. Tristes — 5. Formulário 6. Comandante chinês — 7. Pedra que entra na construção de uma parede sem argamassa — 9. Aum — 12. Evitavas com destreza — 13. Pessoa meiga — 19. Não cumprem — 22. Em que há geada — 24. Edifício — 26. Cachaça (pl.) — 28. Símbolo do volfrâmio.

Para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 4. Cóleras — 7. Seguir — 8. Víscera dupla, secretora da urina — 10. Ali — 11. Fruto do mamoeiro — 13. A galinha o põe — 15. Botequim — 17. Peças do anez dos animais de sela — 18. Chegar — 19. A casa — 21. Do verbo ofegar — 24. Pronome pessoal — 26. Bebedeira — 27. Variação pronominal — 28. Terra arroteada e própria para cultura — 29. Produzir som.

VERTICAIS: — 1. Cachimbo — 2. Brisa — 3. Pedra do altar — 4. Óxido magnético de ferro que tem a propriedade de atrair o ferro — 5. Outra coisa — 6. Ir-se embora — 9. Empurram; dirigem com fôrça para algum lugar — 9. Monte pouco elevado; outeiro — 12. Esmola — 14. Segue — 16. Membro empenado de ave — 18. Elege por meio de voto — 20. Vassourar o forno depois de aquecido — 22. Bílis — 23. Morrão de balão de S. João — 25. Pátria de Abraão — 27. Perversa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 50

Para Veteranos

HORIZONTAIS: — Man — xis — ária — mera — Rã — sai — Ar — Ara — ira — inverna — II — it — aburrão — axá — Sal — si — ume — Su — ilha — dril — roa — usa.

VERTICAIS: — mará — arari — ni — xe — irara — Sara — As — mi — até — aniba — intãs — viu — rir — áxilo — rom — oásis — asir — lula — ua — Ed — há — Ru.

Para Novatos

HORIZONTAIS: — cá — lá — ló — mó — relâmpago — orear — aca — rei — areal — larapiara — ri — dá — ar — só.

VERTICAIS: — colocaria — amarelado — lê — ume — Og — ré — arara — parai — or — al — epi — má — ar — Ra.

Optima

UMA MÁQUINA DA QUAL SE ORGULHA A INDÚSTRIA ALEMÃ DE APÓS-GUERRA



DISTRIBUÍDA COM A GARANTIA DE UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO RAMO DE MÁQUINAS.

ORGANIZAÇÃO Olympia,

MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO LTDA.
RIO DE JANEIRO

End. Telegr. «DELTA»
Rua Senhor dos Passos, 98

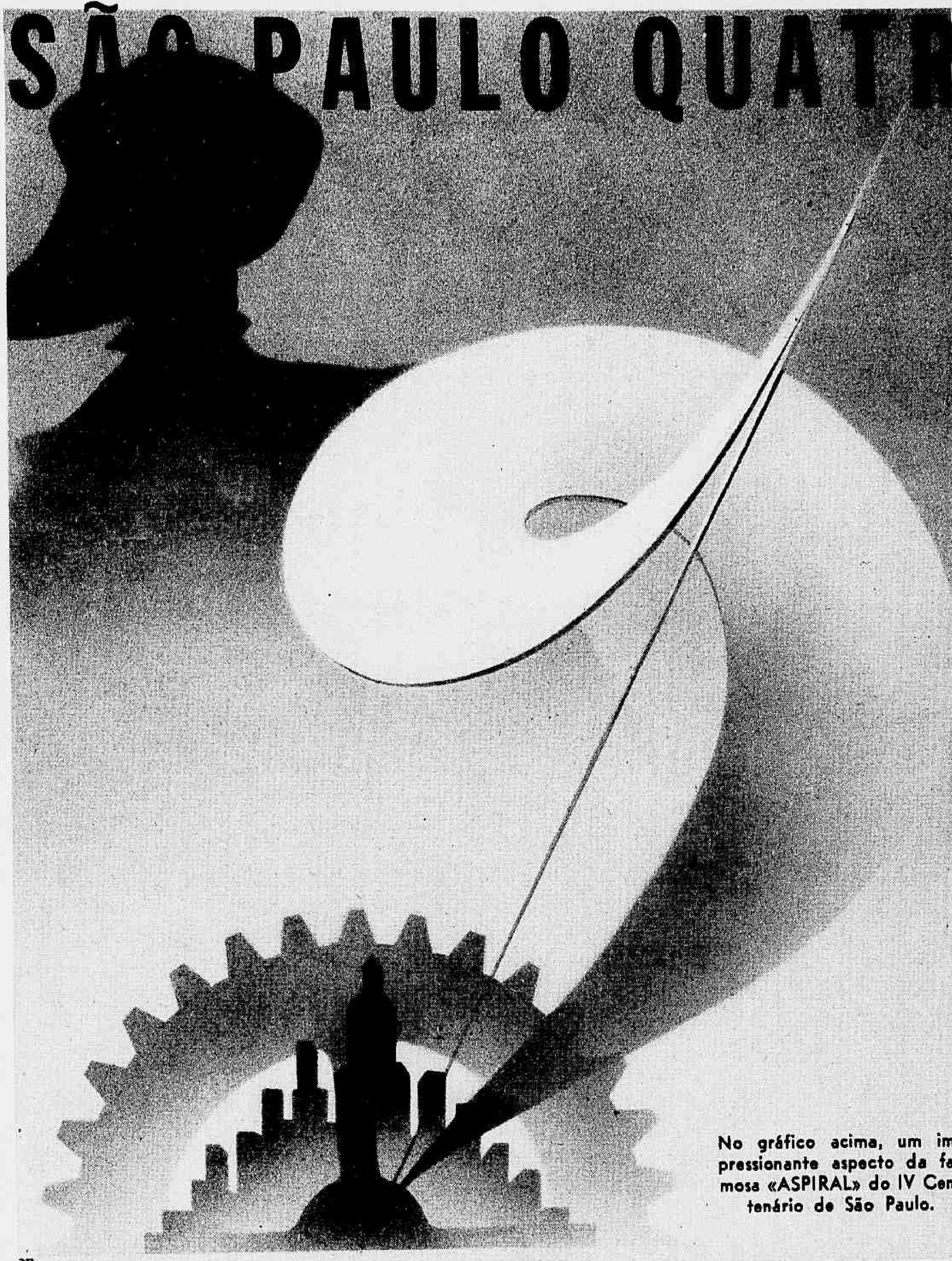
Telefones Escr. 43-1785 / Ofic. 43-2252

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO — COFRES E MÓVEIS DE AÇO — IMPORTAÇÃO — OFICINA MECÂNICA

SÃO PAULO QUATROCENTÃO

Reportagem de SEBASTIÃO MENDES

Fotos de MARIO ZILLE



No gráfico acima, um impressionante aspecto da famosa «ASPIRAL» do IV Centenário de São Paulo.

QUANDO falamos nas festividades do IV Centenário de São Paulo e mencionamos o nome Ibirapuera, temos a impressão de que também êsse substantivo surgiu repentinamente, como um complemento direto da obra prima da arquitetura nacional que ali se ergue. É que o vulto gigantesco dessa criação arquitetônica, impondo-se como o marco de nova civilização que surge para engrandecimento do Brasil, arrancou do anonimato a denominação obscura que constituía Ibirapuera, trazendo-a resplendente para a galeria moderna dos grandes nomes universalizados.

Os impressionantes palácios industriais, hoje abrigados à sombra de um «helicóide» denominado pelos seus próprios criadores de «Aspiral», o que é uma contradição às vigentes leis físicas, bem significa que São Paulo anseia por um futuro grandioso; que seu povo não medirá sacrifícios na luta pela prosperidade da terra brasileira. Foi inspirada nesses patrióticos e humanos princípios que se idealizou e construiu o parque de Ibirapuera. Desde a mais sutil obra artística ao mais complexo e moderno invento da indústria nacional se reuniram de maneira harmônica, para deslumbrar os olhos do expectador mais indiferente e fazer pulsar emocionado com tanta beleza, o coração daqueles que, mesmo sem poder visitar Ibirapuera, sentiram que São Paulo surgiu com o ímpeto arrojado dos seus bandeirantes batavos, traçando pela segunda vez novas diretrizes através das mais intrincadas sebes em que se perde nos nossos dias esta incomensurável Nação.

O maravilhoso parque de Ibirapuera, como todos os grandes feitos da humanidade, foi criado sôbre bases sólidas, no propósito de ligar o espírito da nossa época à fantástica epopéia escrita por uma raça audaciosa e forte.

Ser-nos-ia difícil enumerar neste pequeno texto as centenas de luxuosíssimos «stands» destinados à exposição dos mais variados produtos industriais. Entretanto, porque nos sentimos orgulhosos com as indústrias cariocas, sempre num crescendo desenvolvimento em busca das culminâncias do progresso, não deixaremos de mencionar algumas das firmas desta capital que, na grande feira industrial de Ibirapuera souberam expor com acentuado gôsto os seus conceituados artigos.

A inigualável tendência artística do carioca, irmanada ao espírito dinâmico do seu povo, fêz-se representar nas coisas mais simples, razão por que os «stands» onde são expostas criações da indústria carioca recebem diàriamente milhares de visitas.

E é assim o São Paulo que visitamos há pouco; diverso, impregnado de progresso, nada mais contendo da remota Piratininga dos tempos coloniais. Os seus filhos, porém, hospitaleiros e bons, jamais olvidarão o destemor dos Paes Lemes, a abnegação dos Anchietas ou o valor artístico dos Álvares de Azevedo. Arte e indústria o paulistano sabe coordenar dentro das normas mais lógicas, aproveitando da primeira o deleite espiritual e fazendo com que a segunda se transforme na fôrça propulsora que faz bater o coração do Brasil.

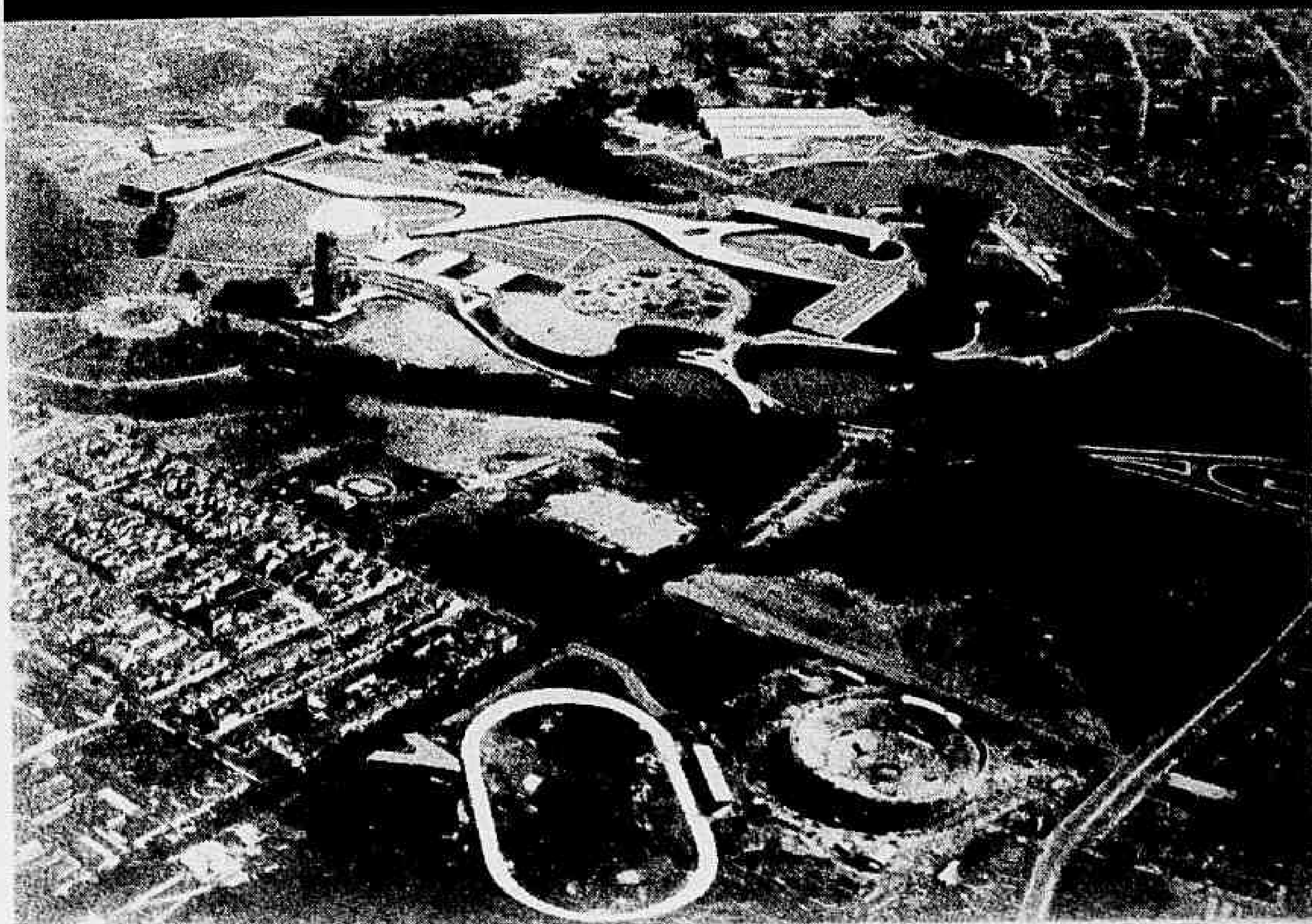
A confraternização da paulicéia com todos os demais estados da Federação brasileira pode ser constatada por quantos visitem os «stands» onde se expõem coisas típicas de cada região.

Nas páginas seguintes oferecemos aos leitores aspectos dos «stands» onde se encontram em exposição produtos manufaturados por algumas das mais importantes firmas industriais do Rio de Janeiro.

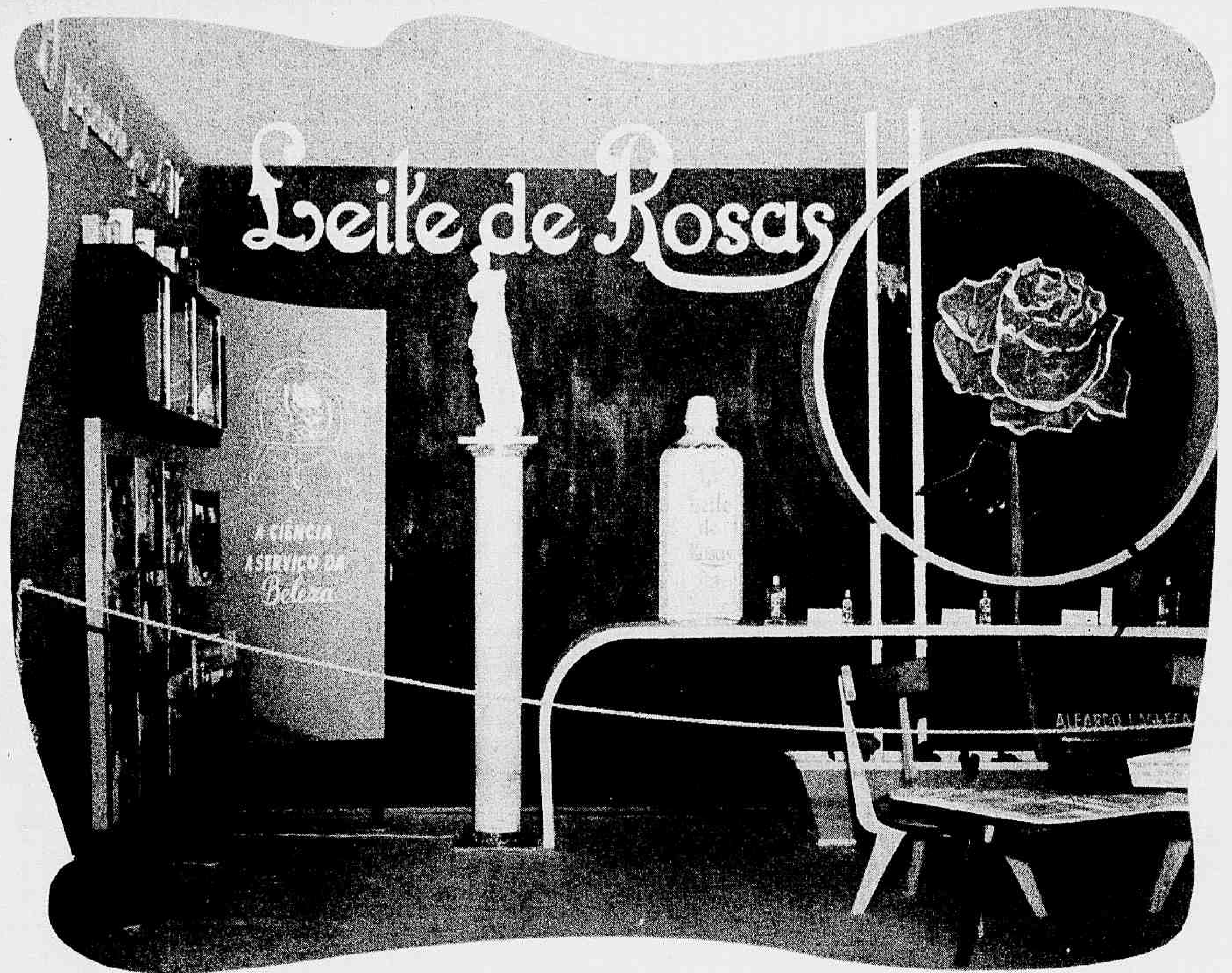
A fotografia mostra-nos a triunfal entrada do grande parque de Ibirapuera.



Visto do alto, temos um aspecto parcial do conjunto do maravilhoso parque.

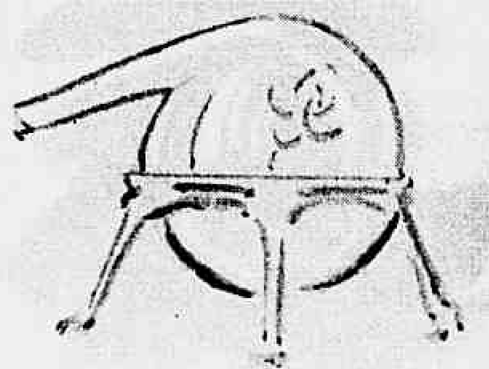






ÊSTES dois flagrantes são do «stand» dos Laboratórios Leite de Rosas Ltda., que, como não poderia deixar de ser, pelo muito que representa na indústria nacional de produtos de beleza, fêz-se também presente à Exposição de Ibirapuera. O «Leite de Rosas», O FAMOSO PREPARADO QUE DÁ «IT», hoje conhecido mundialmente, graças à ação dinâmica e inteligente do sr. Francisco Olímpio de Oliveira, fundador e diretor-presidente dos Laboratórios, e dos seus dedicados auxiliares, é um dos produtos que dignificam o nosso parque industrial, razão por que o seu «stand», muito bem instalado, artística e arquitetônicamente, é um dos mais visitados e admirados da Exposição Comemorativa do IV Centenário de S. Paulo.





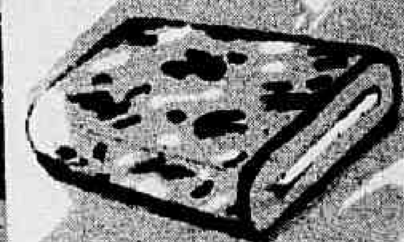
FÁBRICA BANGU

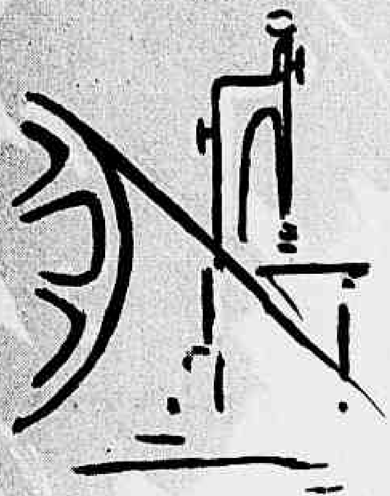


NA representação carioca do PAVILHÃO DOS ESTADOS, uma exposição desde logo chama a atenção dos visitantes, e esta é a organizada pela FÁBRICA BANGU, cujos renomados e famosos tecidos, dominando inteiramente os mercados nacionais, transpuseram as fronteiras do nosso país e estão concorrendo com os melhores de fabricação estrangeira.

Como se vê pela mostra organizada pela fábrica carioca, os tecidos BANGU se colocam atualmente no nível dos mais destacados tecidos nacionais e estrangeiros.





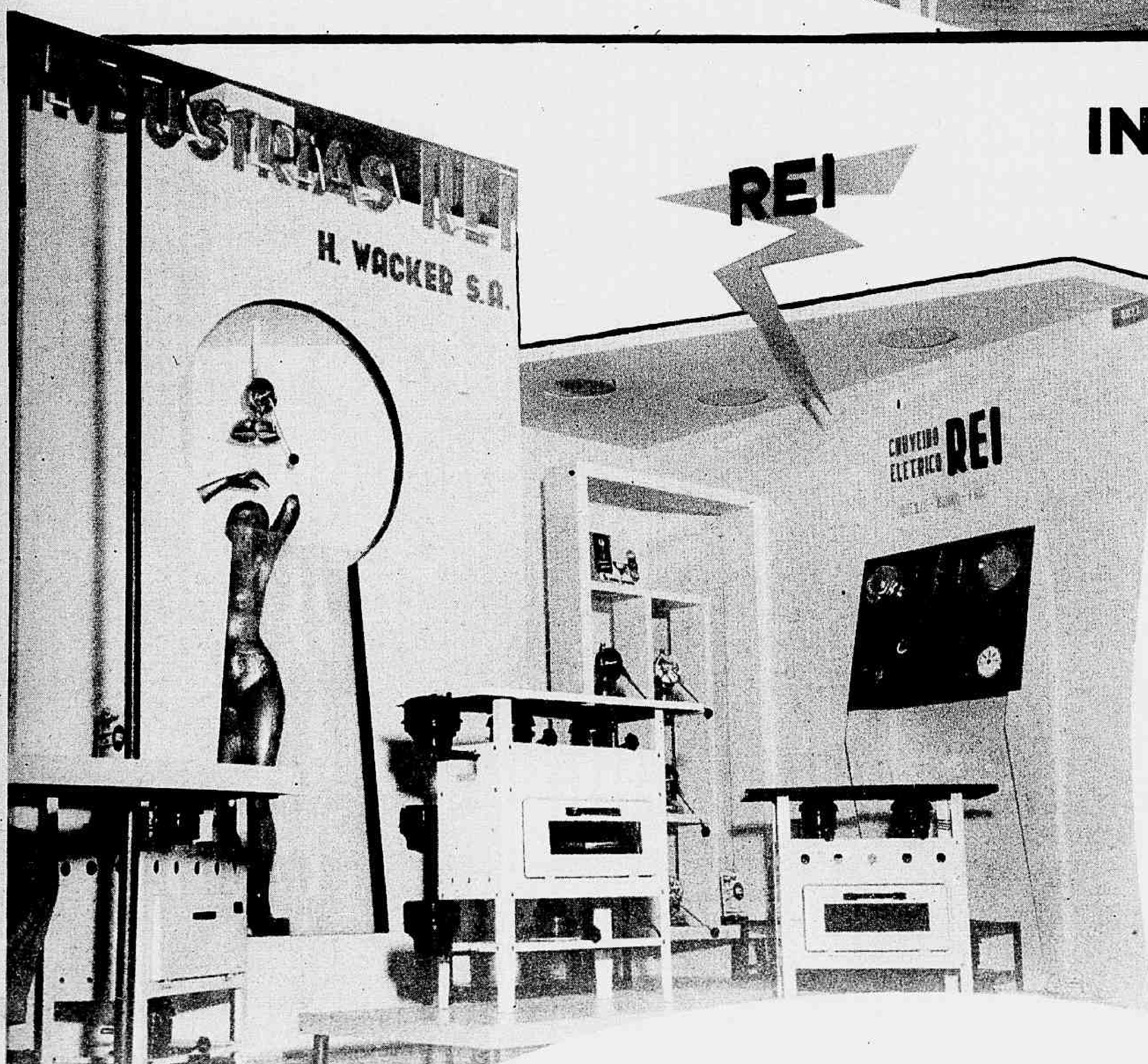


COMÉRCIO E INDÚSTRIA TUFFY HABIB S.A.

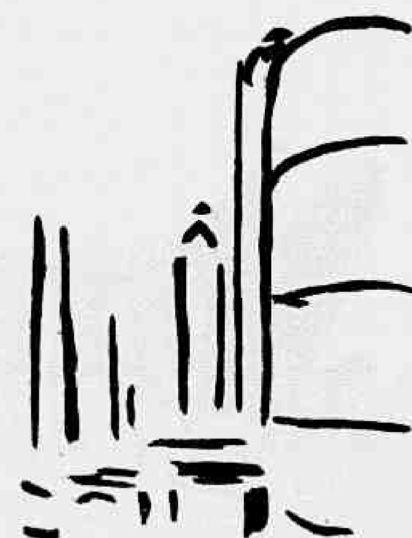
Na foto ao lado uma vista do «stand» onde a firma COMÉRCIO E INDÚSTRIA TUFFY HABIB S/A., conhecidíssimos importadores e exportadores de armarinho e fabricantes de botões de madrepérola, colchetes de pressão, colchetes de gancho, fechos corrediços, agulhas de máquinas para costura, plásticos em filmes, tubos, tiras, chapas, etc., expõem os seus conceituados produtos.



INDÚSTRIAS "REI"



O «stand» da INDÚSTRIAS REI, um dos mais bem organizados da exposição em referência, num aspecto onde podemos ver os famosos CHUVEIROS ELÉTRICOS REI e outros produtos que representam o que há de mais perfeito no gênero.

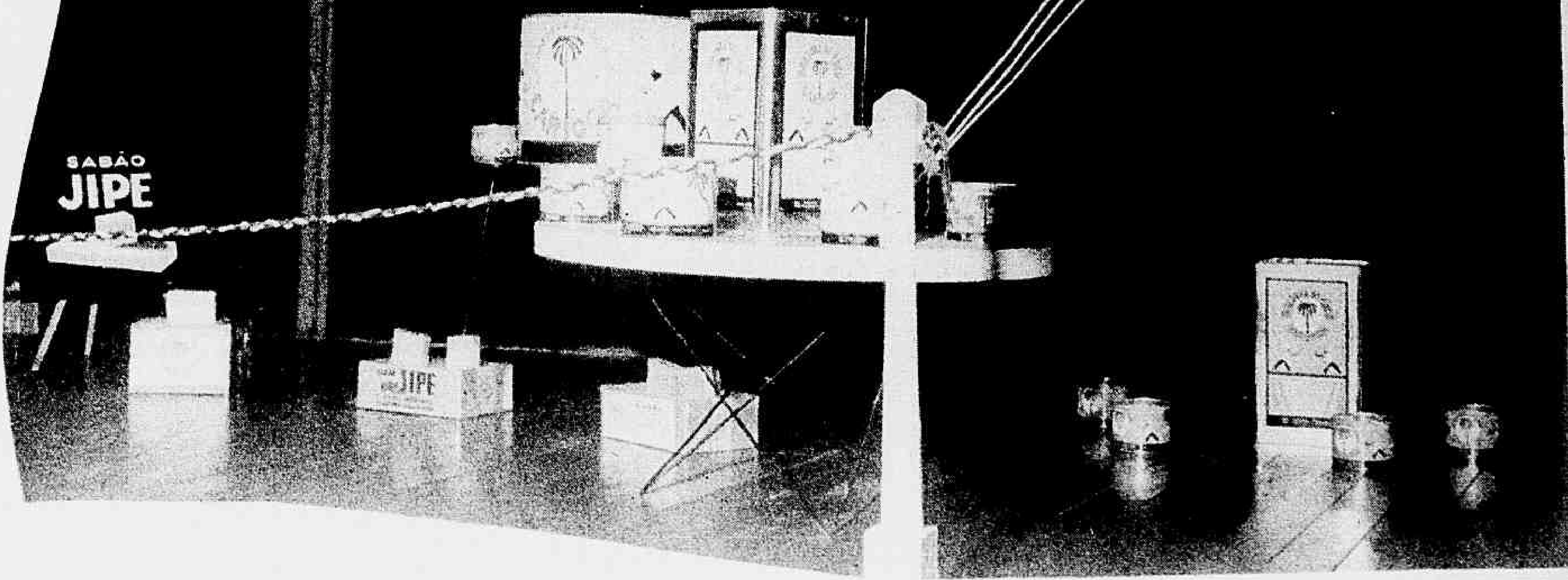




"O S A"

Dentre os mais sugestivos pavilhões de mostra individual nos palácios de Ibirapuera, colhemos um magnífico aspecto do «stand» da conhecida e conceituada ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL S/A. do Rio de Janeiro e de todo o país, ou simplesmente «O S A»





Na fotografia à direita, a objetiva do nosso repórter fixa um ângulo significativo da exposição organizada pela Cia Carioca Industrial, grandes produtoras da afamada Gordura de Côco Carioca, do Sabão Jipe, Sabão de Côco e Sabão Carioca. «Stand» muito visitado o da Cia. Carioca.

FÁTIMA - Revelação dos três Pastôres

(Cont. da pág. 28)

O prior ameaçou-a, dizendo-lhe que se ela e os primos continuassem mentindo, iriam para o inferno. A pequena respondeu-lhe:

— Se quem mente vai para o inferno, então eu não vou para lá, porque não minto e digo só o que tenho visto e o que a Senhora me tem dito... E quanto ao povo que ali vai, só vai porque quer, nós não chamamos ninguém.

— A Senhora te contou algum segrêdo? — continuou o prior.

— Sim, mas não posso repeti-lo. Se quiserem, vou lá em cima e pergunto à Senhora se ela me dá licença para eu dizer o segrêdo, se ela me der licença, então eu lhe digo.

O Administrador não gostou do rumo que tomavam as coisas. Meteu as crianças no carro e seguiu para Vila Nova de Ourém. Chegando lá, ficaram hospedados na casa de Artur de Oliveira e foram muito bem tratados por sua espôsa.

Na manhã do dia 14, os três primos foram levados à Administração do Concelho, para novo interrogatório. Êste e outros inquéritos foram ainda inúteis. Os pequenos continuavam repetindo o que muitas vêzes antes haviam dito e o segrêdo desta ocasião não foi revelado. Para amedrontá-los, lançaram mão da ameaça de cadeia, se não contassem a verdade.

Voltaram para a casa do Administrador, continuando a ser muito bem tratados. Na manhã seguinte houve outros interrogatórios individuais e disseram-lhes que estavam sendo preparados caldeirões com azeite fervendo, onde seriam mortos.

Falhando ainda mais esta tentativa para a revelação do segrêdo, o Administrador não teve outro remédio senão reconduzir de carro as crianças para Fátima, onde deixou-as na casa do prior.

REVOLTA DO POVO CONTRA O RAPTO E PRISÃO

Uma multidão de cêrca de 20 mil pessoas compareceu no dia 13 de agôsto à Cova da Iria. Todos estavam impregnados de ardente fé e quando tiveram notícia do rapto das crianças, houve uma onda de indignação contra o administrador, atingindo também o prior que foi julgado igualmente culpado. Muitos queriam dirigir-se a Vila Nova de Ourém para tomar satisfações com Artur de Oliveira. No entanto foram acalmados os ânimos graças à intervenção do sr. Marto que dizia aos mais exaltados:

— Sossegai rapazes, não se faça mal a ninguém. Quem merecer o castigo o receberá. Tudo isto é pelo poder do alto.

REAÇÃO DA IMPRENSA

O protesto do povo que se encontrava em Fátima no dia 13 de agôsto e mais tarde a notícia dos interrogatórios violentos e prisão dos videntes, levou a imprensa a duas reações opostas, partidas principalmente do jornal maçônico «Mundo» e do órgão católico «Liberdade».

No número de 18 de agôsto, o jornal católico assim se expressou: «Nos dias 13 de cada mês, em Fátima, junto à Serra do Aire, exibiam-se em público três crianças, que diziam ter-lhes aparecido a Virgem Maria. Sucede que o caso avolumou-se de tal maneira que no dia 13 compareceram mais de 5.000 (ou 15.000?) pessoas dos concelhos de Tôrres Novas, Leiria, Batalha, Pôrto de Moz, Chamusca, Santarém, etc., a pé, e outras de carro e todo o gênero de transporte. O Administrador, sr. Artur de Oliveira Santos, acompanhado do oficial da Administração, sr. Cândido Alho, dirigiu-se de manhã à casa dos pais das crianças, indo ali encontrar numerosas pessoas, entre elas uns 10 padres. Convenceram os pais, a pretexto de que desejavam que o Prior de Fátima os ouvisse antes de se dirigirem para a serra, a comparecerem em casa do padre, para depois êle, Administrador, se dirigir com as crianças para a serra, onde desejava assistir à aparição da Virgem. Desta maneira o Administrador conseguiu trazer as crianças para a Administração do Concelho, precisamente à hora do aparecimento da Virgem, ficando assim logrados os incautos que ali compareceram».

Pelo artigo publicado no mesmo dia no «Mundo», poderemos verificar quão ferrenha era a oposição, ao tempo, dos livres-pensadores contra a Igreja. O artigo de fundo intitula-se «Impostores»:

«Em pleno século XX existem impostores que nada ficam a dever na charlatanice audaciosa ao célebre José Bálsamo, mais conhecido pelo Conde de Cagliostro. Êste italiano estêve também em Lisboa em fins do século XVIII onde foi recebido como o grande Elias pelos beatos e pelos fidalgos de polpa repolhuda. Era milagreiro, curava tôdas as maleitas com pòzinhos, dava vistas aos cegos, descobria tesouros, falava em segrêdo com o padre-eterno, adivinhava o futuro e transformava os mais vis metais em ouro puro. Teve uma voga imensa na Europa de fins do século XVIII. Era seguido ondas de fanáticos crentes no mistério das suas virtudes e milagres. Passou por santo, por eleito de Deus, quando não era, afinal, mais do que um refinado velhaquete, um bandido da pior espécie. Vendia a mulher, que era formosa, como se fôsse uma mercadoria de praça pública. Entrou e saiu das cadeias vêzes sem conta, e poucos leitores haverá que não conheçam a célebre história do colar, que em Paris o levou à Bastilha. Pois êste José Bálsamo, em reunião que convocava dos fiéis, fazia com que as crianças vissem aparições místicas. Umas vêzes era a Virgem Maria, outras, grupos de anjos, outras era êle próprio, o José Bálsamo, que no meio das nuvens descia do céu ladeado por Enoch e Elias. E as crianças, coitadas, afirmavam tudo isso como coisa certa, havendo até sujeitos de barbas e pais de filhos, que secundavam as afirmações das crianças, — viam tudo quanto o insigne charlatão queria que vissem!

Êste conde de Cagliostro, se não fôsse, no fundo, um tratante vulgar, escamoteador de dinheiro aos amantes da espôsa, e se possuísse uma cultura superior às bugigangas da sua hermética, não fazendo concorrência a Roma, pretendendo substitui-la, estaria hoje canonizado e no calendário possuiríamos um santo que melhor estaria na Penitenciária... Pois tal qual os milagres dêste famoso milagreiro, sucedem fatos semelhantes ali para os lados de Tôrres Vedras, na Serra de Aires. Disseram várias correspondências, publicadas nos jornais, que na Serra de Aires aparecia uma santa a certas crianças e que para assistirem ao espetáculo centenares de pobres criaturas deixavam os seus lares, os seus filhos pequeninos abandonados, o amanho das suas terras incultas. Isso é vergonhoso. Na Serra de Aires há, sem dúvida alguma, algum José Bálsamo que industria pobres crianças a verem a santa. Não seria infrutífera nem deixaria de ser edificante, descobrir essa espécie de Cagliostro, que da boa fé de tanta gente simplória e da inocência, para caso útil, de quaisquer crianças, abusa tão audaciosamente. Êsse José Bálsamo, da Serra de Aires, deve ser o mesmo, ou seu comparsa, que fazia aparecer santas em Monção e ali para as bandas de Aveiro. A raça dos impostores, que à custa da religião e das crianças católicas de certo povo bisonho tem exercido a sua indústria através dos tempos, ainda não acabou. E é sob esta reunião sagrada que os inimigos da Pátria e da República tanto odeiam, que com ousadia extrema os impostores vão praticando sem punições tôdas essas proezas de estupidez e de cegueira. Abra o povo os olhos e corra a chicote os charlatães que negociam com a sua crença religiosa».

CARTA DO PRIOR DE FÁTIMA

O povo continuava a considerar o Prior como participante do plano do Administrador para arrancar dos pastôres o segrêdo que a Senhora lhes confiara. Sentiu-se o padre, então, na obrigação de retratar-se e dirigiu ao «Mensageiro», de Leiria, a seguinte carta:

«Com tôda a repulsa do coração de padre católico, venho tornar patente e asseverar perante todos os que tiveram conhecimento ou o possam vir a ter do boato tanto mais infamante e repelente quanto mais perigoso para a minha existência e dignidade paroquial, de que fui cúmplice no brusco arrebatamento das criancinhas, que dizem ver Nossa Senhora, à autoridade de seus pais e satisfação de 5 a 6 mil pessoas (segundo os cálculos), que, muitos à distância de tantas léguas e com enormes sacrifícios, vieram para as ver, falar e ouvir falar — digo, venho repelir tão injusta como insidiosa calúnia, bradando ao mundo inteiro que não tomei parte, por mínima que fôsse, quer direta, quer indiretamente, em tão odioso sacrílego ato. O Administrador não me confiou o segrêdo das suas intenções.

E se foi Providencial — que foi — a autoridade levar as crianças furtivamente e sem ocasião de resistência, não menos Providencial foi a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato, aliás, teria esta freguesia, hoje, a lamentar a perda de seu pároco.

Mas desta vez ainda a cilada do demônio não logrou ferir-me de morte, devido, certamente, à Divina Providência.

A autoridade, depois de longo interrogatório das criancinhas em suas casas, mandou-as para minha casa — diz, para elas lhe descobrirem um segrêdo que até então lhe não tinham revelado — donde, em tempo que julgou oportuno, as mandou subir para o carro e dizendo aos pais e circunstantes que as levava ao local das aparições, parte à desfilada para Vila Nova de Ourém.

Escolheu a minha casa com que fim?

Para se furtar às iras que seu ato iria promover? Para que o povo se amotinasse, como se amotinou, contra mim, como cúmplice?

Para... outro fim?...

Não sei! Mas só o que sei, é que detesto tal proceder e que Deus há de velar sempre pelos seus.

Às obras de Deus ninguém pode pôr entraves. Não foram necessárias, dizem milhares de testemunhas, as crianças para revelar o segrêdo da Rainha dos Campos. São elas mesmas a atestar fatos extraordinários e os fenômenos de que deram fé e que mais e mais arraigaram essa crença.

Agora não são as crianças, é a enorme massa de povo de tôdas as classes e condições vindas dos diversos pontos do país.

Se a minha ausência como pároco no local da Aparição se fêz sentir aos crentes, a minha presença não menos se faria sentir aos descrentes em desprimor da verdade dos fatos.

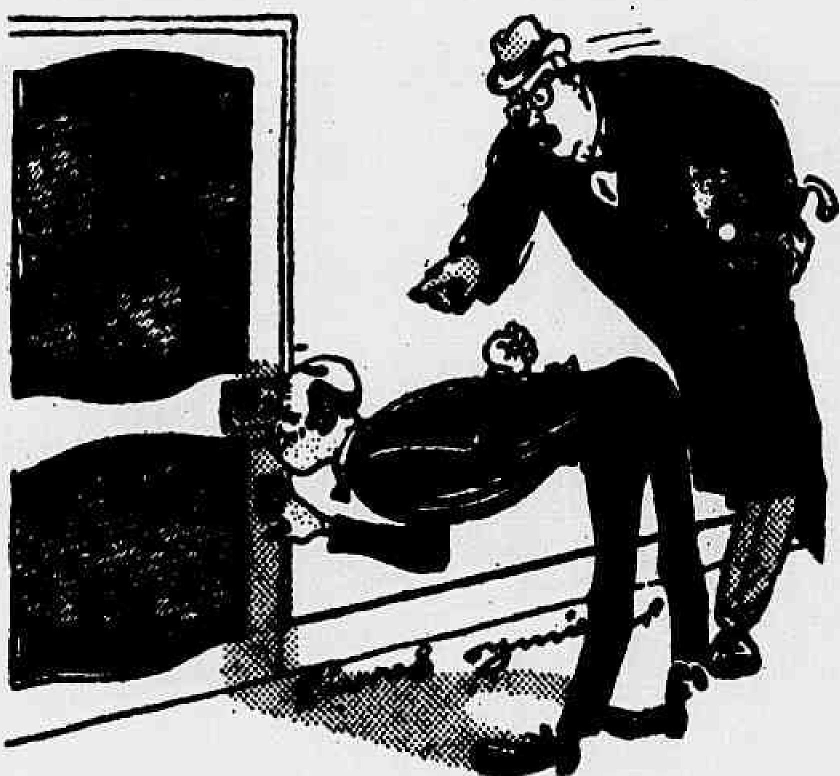
(Continua no próximo número)



SEM LEGENDA — (Paris Match)



O barulho deve ter sido do vento . . . — (Paris Match)



Espere um momento, a dona está mudando roupa . . . (Oggi)

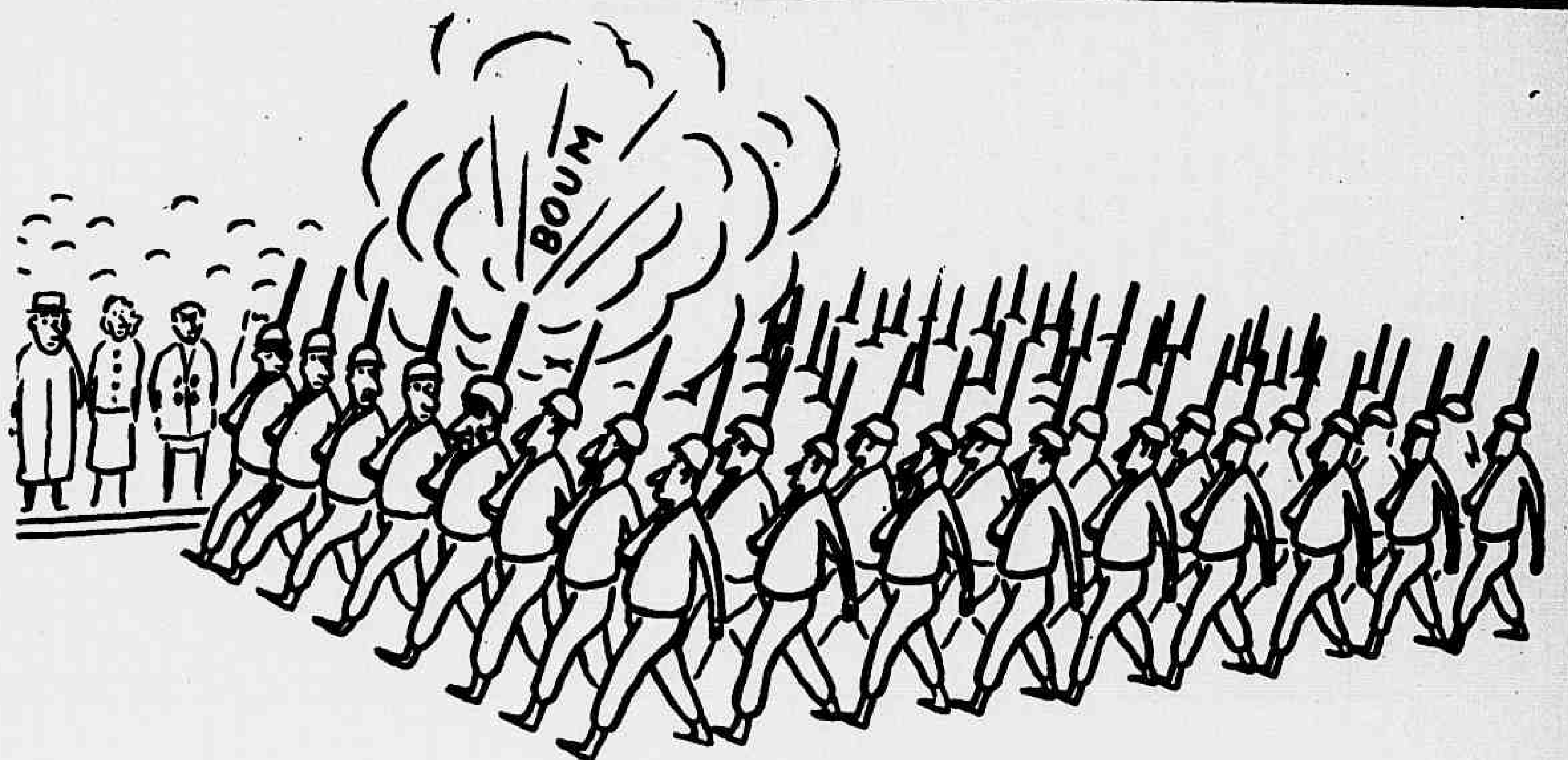
A inoportunidade no RISO DOS OUTROS



O capitão nos disse para fazer uma ronda de hora em hora . . (Paris Match)



SEM LEGENDA — (L'Illustré)



SEM LEGENDA — (Settimo Giorno)

ESTA É A VERDADEIRA



Izidra de Lima, que na opinião da mãe de «Sete Dedos» foi a verdadeira razão da volta do filho ao Brasil. E' o seu grande amor.

O GRANDE AMOR DA VIDA DO BANDIDO

O DESTINO PÕE SUA MARCA NO ASSASSINO PARA EVITAR A PRISÃO DE UM INOCENTE ★ A FAMíLIA DE «SETE DEDOS» CONSTRÓI UMA CASA CONFORTÁVEL ★ FALA A MÃE DO FACÍNORA, O IRMÃO, O PAI E A IRMÃ, NUMA ENTREVISTA DE TRÊS HORAS ★ UM CRIMINOSO BIOLÓGICO, «SETE DEDOS» FOI GRANDE AMIGO DE «TREM DE LUXO» ★ CONTINUANDO A TRADIÇÃO DA FAMOSA PRISÃO PAULISTA, MORRE MAIS UM DIRETOR ATACADO DE CÂNCER

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

(SEGUNDA E ÚLTIMA DE UMA SÉRIE)

OS jornais deram destaque às razões pelas quais «Sete Dedos» teria voltado ao Brasil: saudades da Pátria distante e particularmente da Praça Saens Pena, bairro da Tijuca.

Eis o que afirma a progenitora do bandido:

— O Benedito voltou, eu sei porque... Êle, se estava na Venezuela, regressou porque não suportou mais as saudades da única mulher que êle amou em sua vida...»

— E quem é essa mulher?

— A Izidra, uma tal de Izidra de Lima. Foi lá em «Sete Lagoas». A Izidra é feia, mas êle gostava dela. Imagine que êle desenhou e construiu uma casa para ela. (Foto publicada nesta reportagem). Êle sempre teve jeito prá fazer casa, podia ser um engenheiro, não acha?

Mais adiante Dona Florência deu ao jornalista o endereço da casa de propriedade do filho:

— A casa fica na rua Goiás, número 251. Nessa época, 1947, o Benedito só havia cometido tentativas de morte e ainda não era muito perseguido. Estêve trabalhando por



HISTÓRIA DE "SETE DEDOS"

duas vêzes, tentando a regeneração, mas a polícia foi tirá-lo do emprêgo essas duas vêzes. Foi quando êle viu que já não podia viver como qualquer outro... A Izidra abandonou o rapaz, e desde então êle passou a roubar com mais ímpeto, com grande freqüência, de tal forma que até parecia procurar a morte. Foi o abandono dessa mulher feia que fêz a desgraça do rapaz. (Observe-se que ela jamais menciona «Sete Dedos» como seu filho) Foi o abandono dessa mulher e certos policiais. E olhe aqui: êle voltou de onde estava — que eu não sei — para ver se conseguia rever a Izidra. Não sei se eu já lhe disse que **êle** vai nessa tal Praça do Rio de Janeiro porque foi lá que êles se conheceram, e foi lá que êles brigaram e se largaram. **Êle** espera, êle tem esperanças... E quem sabe? Acho que **êle** queria era encontrar a Izidra, raptá-la e ir para muito longe onde ninguém soubesse de seu passado.

Quando menino, apesar de inteligente, andava sempre batendo nos outros meninos, roubando e estragando as roupas alheias. Sempre foi desconfiado, e às vêzes roubava só para dar aos outros. O sr. sabe, deve ser uma doença. Mas no Brasil a polícia só quer saber de reprimir. Se eu pudesse dava a minha vida para que êle fôsse inocente. Quisera acreditar, mas não acredito. Sei que **êle** é culpado, matando o próximo, oh, meu Deus!...»

Depois de enxugar as lágrimas, d. Fungência prosseguiu:

— O irmão, coitado, só trabalha para a farmácia. A irmã tem vergonha de ser reconhecida na rua. O sr. imagina que o Salomon (irmão mais novo) já foi prêso várias vêzes porque a polícia pensa que é **êle.** Graças a Deus meu filho tem os 10 dedos nas mãos. O outro filho, que é condutor de bonde, também já foi prêso por engano...»

SEMELHANÇA IMPRESSIONANTE

É realmente impressionante a semelhança de Salomon com o irmão. Estatura, pêso e até um sinal que o bandido tem no queixo. Antêntico sósia, Salomon (o mais novo dos homens) assim mesmo, demonstra gostar imensamente do irmão, pois não permite que se faça qualquer referência desagradável ao mesmo.

O destino tem seus inexplicáveis caprichos. Um exemplo dos mais impressionantes, é o caso de «Sete Dedos». Logo que enveredou pelos caminhos tortuosos do crime, sofreu um desastre, na Central do Brasil, perdendo três dedos da mão direita. Aliás, convém que seja dito que não é verdade aquilo que foi publicado: («Sete Dedos» teria perdido os dedos durante uma fuga»).

O DESTINO PÕE A SUA MARCA

Dessa maneira ficou «Sete Dedos» marcado para tôda a vida. E não fôsse isso, tendo um irmão cujas impressões digitais até, são semelhantes, não estaria o mano inocente na cadeia em seu lugar?

Conta-se em S. Paulo que o jovem Salomon, ao ser detido pela última vez, ouviu dos policiais: «Agora arranjaste uns dedos postiços, hein? E ficas calmo para fingir que não és o «Sete Dedos», hein?... Arranca êsses dedos de borracha, malandro!»

CONFIDÊNCIAS DE UM EX-COMPANHEIRO

Antes de viajar para S. Paulo, o autor desta reportagem foi até o Presídio do D. Federal, a fim de se avistar com alguns ex-companheiros de prisão. O objetivo do repórter, era obter o enderêço de «Sete Dedos», o que foi felizmente possível. Mas além do enderêço, tomamos conhecimento de certos ângulos da personalidade do criminoso. Eis o que nos disse um velho freqüentador das prisões brasileiras:

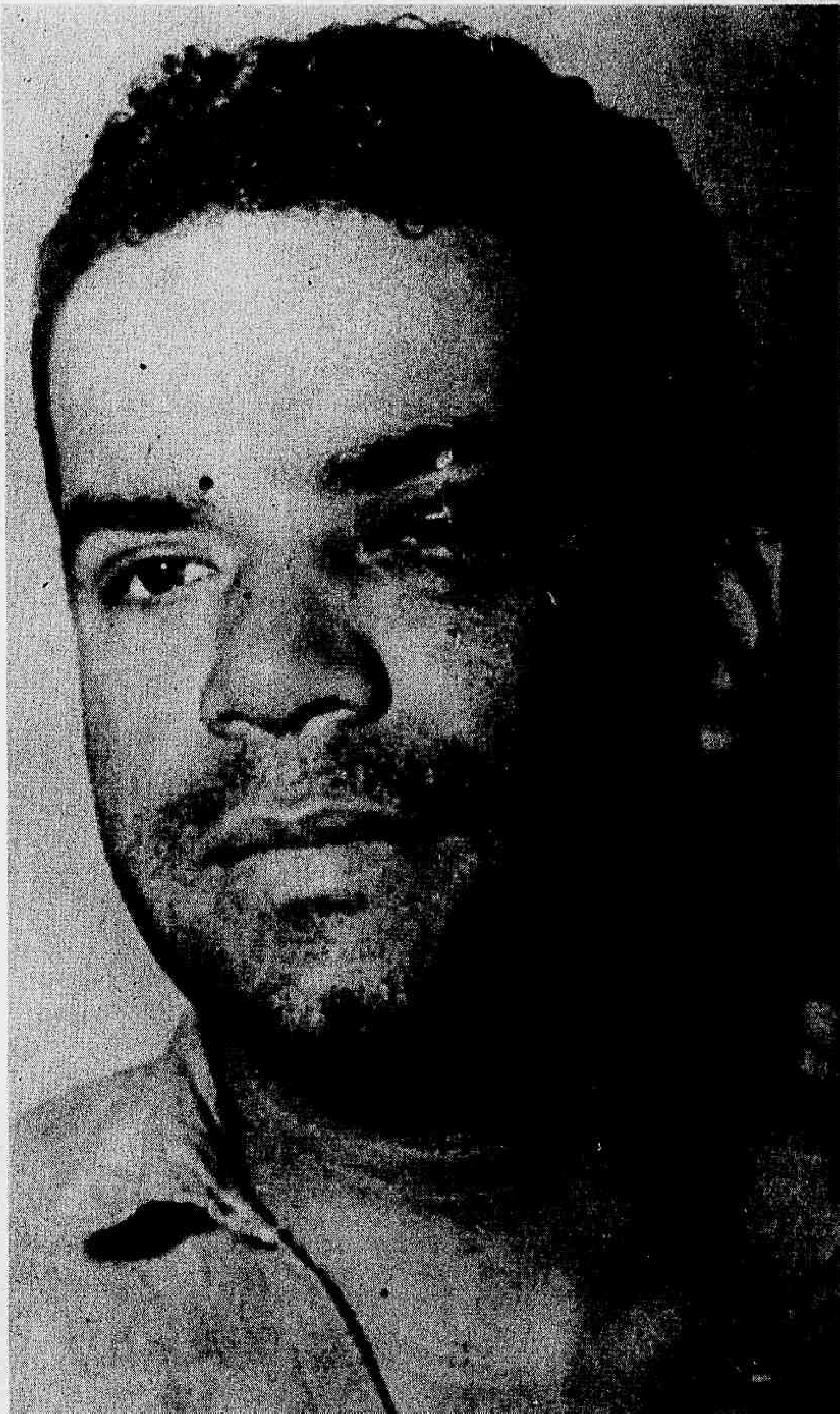
«Êle é extremamente desconfiado. Bom, muito bom. É capaz de tirar a roupa do corpo se encontrar alguém com fome, mas só **trabalha** sòzinho, isto por ser desconfiado. Sabe de uma coisa? «Sete Dedos» reza como qualquer cristão. Êle acredita em alguns santos, mas tem um tal amor à liberdade que prefere morrer a ser prêso. Êle gosta de dizer piadas engraçadas, quando as coisas vão bem. Mas, lá naquela prisão de São Paulo...

Fugir dali daquele inferno, acho difícil, ainda mais agora. Foi lá que o «Trem de Luxo» morreu. Lembra-se dêle? Pois é, o pessoal metido a «peitudo» lá em São Paulo morre logo de água na pleura e de desarranjo intestinal. Êles tiram o miolo do pão e enchem o «marroco» de manteiga. Vem a sêde, e daí para o cemitério é um pulo! E o «Diabo Louro», lembra também? Pois é, também morreu de pleurisia. E não é só isso, não senhor. Eu não queria ser nem diretor daquela prisão porque todos os diretores morrem de câncer. Que eu me lembre, já foram p'ro «beleléu», com tôdas as «pernas» e lucas, dois «cavalos»: o tal de Alfredo Issa e o dr. Acácio Pereira de Sá. Lembre-se bem, quando a pleurisia chegar e o «Sete Dedos» morrer ,êles vão avisar.

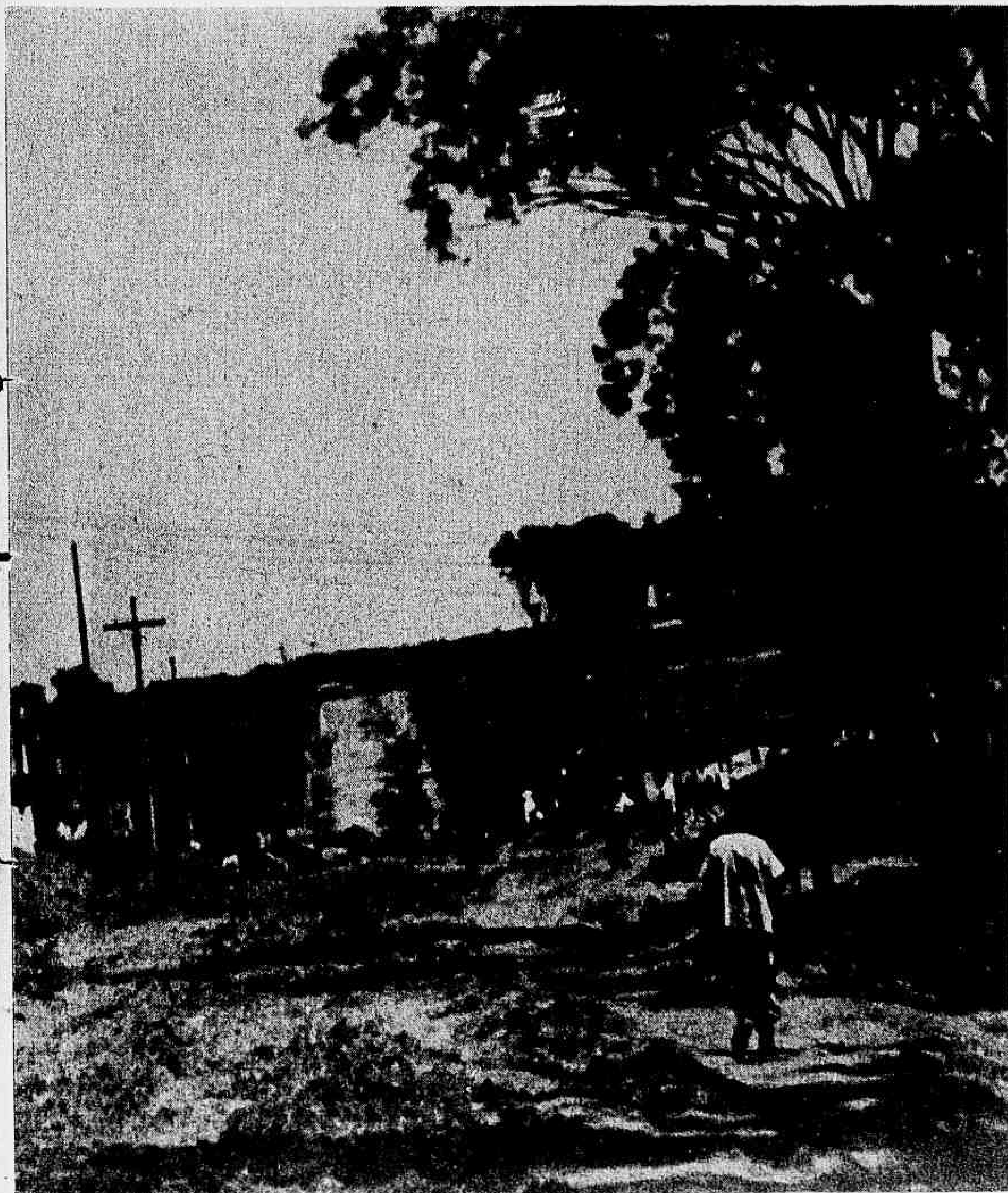
Morreu o 8.487. E ninguém vai saber quem é o 8.487.»

SE EU PUDESSE, CORTARIA O SEIO EM QUE ÊSSE FILHO MAMOU

Ainda na residência de «Sete Dedos», em Vila Matilde, S. Paulo, a entrevista prosseguia:



«Sete Dedos» atualmente, tendo no rosto as marcas da luta travada com a polícia carioca. Está na cela 504, incomunicável e triste.



Vila Matilde, lugarejo onde o repórter foi encontrar a família de «Sete Dedos», conseguindo dessa forma a 1ª entrevista dos pais do bandido.



Retrato da ficha policial de «Sete Dedos». Seu prontuário é enorme, principalmente de assassinatos de policiais que tentaram prendê-lo.

"ÊLE VAI AGORA MORRER NA CADEIA"



A casa construída e desenhada pelo próprio «Sete Dedos», em Sete Lagoas, para a mulher que muito ama, Izidra de Lima, mulher feia...

— A senhora (Referia-me à mãe do bandido) não deseja mandar dizer algo ao Benedito? Não gostaria de vê-lo?...

D. Matilde baixou a cabeça e falou pausadamente pela primeira vez:

O sr. olha tudo nesta casa. O sr. deve estar pensando que esta casa foi comprada com o dinheiro dêle... Fique sabendo que não foi não, e eu não quero ver o Benedito, eu já disse isso. Se a irmã quiser ir, eu acho que não deixo para os dois não sofrerem mais do que já sofrem e o sr. já perguntou e eu respondi isto mesmo... O sr. está aqui cumprindo ordens, eu sei...»

Salomon interferiu:

— Êle quer é cartaz, mamãe. Deve ser um repòrtezinho qualquer, querendo fazer cartaz às nossas custas.

Olhou para o repórter e prosseguiu:

— Vá cantar noutra freguezia, e deixe minha mãe em paz. Quer uma enxada, quer? Quer ver o que é trabalho? Pensa que a nossa vida aqui é uma beleza, pensa?...

Do lado de fora da casa, ainda havia um grupo de curiosos que não compreendia a paciência do repórter e chegando mesmo a invadir o jardim, dizia:

— Quebra logo a cara do «Sete Dedos» segundo, «seu» repórter:

D. Florência arrematou;

— Olhe só a situação que o sr. criou. Aliás, o sr. não é culpado, mas o meu filho Salomon tem um gênio horrível...

O repórter explicou aos curiosos que estava ali para trabalhar e que um desfôrço físico, só em último caso. Dona Florência prosseguiu com a palestra:

— Não tenha raiva do meu filho, não ligue. Êle tem pena de mim e do pai. E o sangue, meu filho, o sangue é coisa muito séria. Agora pergunte o que quer perguntar.

— A senhora será capaz de perdoar o seu filho, no caso de êle aparecer em sua casa, mesmo que esteja fugido da polícia?...

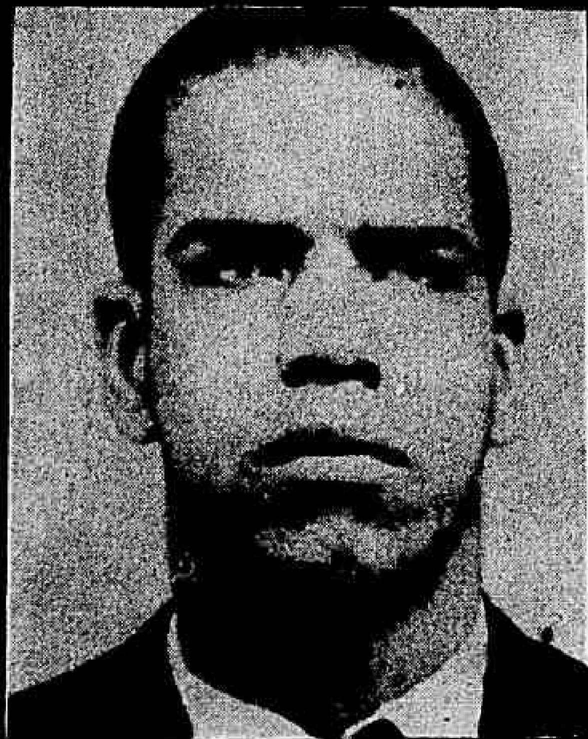
O sr. me pergunta se posso perdoar, mas só Deus pode perdoar. Condenar eu o condeno porque matar também só Deus pode fazê-lo. Se êle aparecesse, eu o mandaria embora, mas não o denunciaria. E por falar nisso, como já lhe disse, se não me engano, só irei vê-lo velho e doente, quem sabe? Quem sabe? É preciso que se compreenda que desde os 12 anos que não sei de meu filho. Êle vai agora morrer na cadeia, nunca mais verá a luz do dia...

Dona Florência começou a chorar, provocando a intervenção do filho Salomon. A velha senhora enxugou as lágrimas, e prosseguiu:

— Não, não vá embora ainda porque eu quero lhe fazer uma pergunta. O sr. acha que eu tenho culpa de ter tido um filho assim? Se o sr. tivesse filhos e seus filhos se tornassem ladrões e assassinos o enhor era o culpado?...

Antes que o repórter abrisse a bôca, dona Florência continuou:

— Pois é assim, e tem uma coisa. Eu não vou mudar desta casa que custou o suor do meu marido e de meus filhos, menos do Benedito. Ou o sr. está pensando que esta casa foi feita com o dinheiro dêle? Se o sr. está pensando, está enganado. Sou

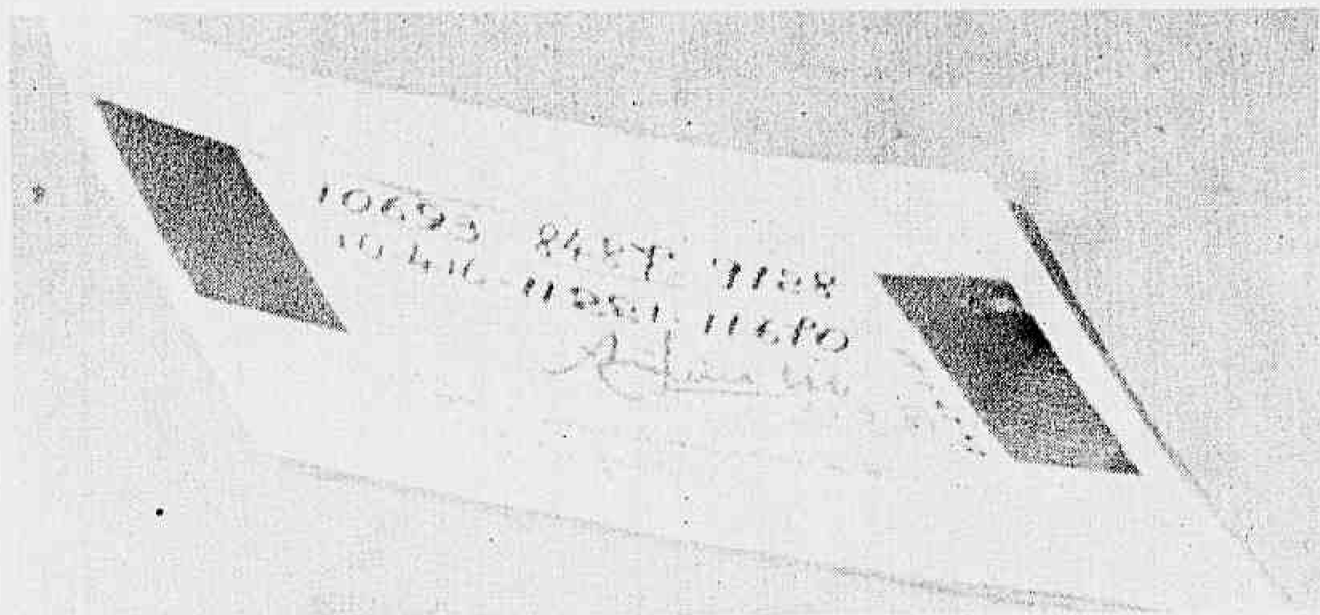




Eis «Sete Dedos» e seu irmão Salomon. O carrancudo é o irmão mais novo do facínora, o outro, de bigode, é «Sete Dedos». A semelhança impressionante já levou Salomon à cadeia várias vêzes.

O pai de «Sete Dedos» que enlouqueceu, ao saber da prisão do filho. O sofrimento da humilde família é consternador, conforme se pode ter uma idéia pela entrevista concedida por d. Fulgência, mãe do bandido.





Senha falsa, feita por «Sete Dedos» na prisão e utilizada para fugir de uma cadeia de Belo Horizonte, juntamente com três companheiros.

uma mulher casada e de respeito, e não vou me mudar daqui só porque um repórter descobriu onde eu moro ou porque a polícia venha me perseguir. Moro no que é meu e daqui só saio para o cemitério. Não tenho mêdo de nada, que me persigam, que me matem, nada temo, nada devo, sou limpa.

Dona Florência em seu desespêro era em certos momentos contraditória. Estudando sua fisionomia, nada demonstrava que estivesse mentindo. O que se sente na verdade, é o sofrimento estampado em sua face de mãe. Quando às contradições, perturbada como está, parecem naturais, e se se chega a notar deslises em seu relato fielmente reproduzido nestas páginas, é porque dona Florência, agindo como pessoa de bem, se sente na obrigação de reprovar o procedimento do filho transviado ao mesmo tempo em que fala mais alto o coração materno.

— Se eu pudesse cortaria o seio em que êsse filho mamou. Se eu pudesse, dava a minha vida, um braço cortado com todo o prazer, só para êle ser igual aos outros filhos. Ah, se eu pudesse, se Deus ajudasse e minha filha casasse logo, eu não me importava de morrer. Felizmente, felizmente eu tenho dois filhos bons, mas para a infelicidade dêles, nem sair podem, nem ir à rua êles vão porque todo mundo vê logo que são irmãos do Benedito... Aquêle menino, aquêle menino, moço, desde pequeno que me dava trabalho. Os vizinhos, tôda hora se queixavam dêle. «O Benedito me bateu, o Benedito roubou minha galinha, o Benedito fêz isto e fêz aquilo!...» E agora esta perseguição, e esta maldição. Eu doente e o pai indo e vindo para o sanatório, ruim da cabeça por causa do filho...

Era impossível falar direito com d. Florência que repetia e repetia: se eu pudesse, se fôsse possível... E ia falando, falando no seu Benedito Lima César, até o fim da entrevista que foi assim:

— Bem, muito obrigado, não se preocupe que Deus há de dar um jeito nisso. Agora, só uma última pergunta: A Senhora não gostaria de pedir ao Presidente perdão para seu filho?... Não gostaria que êle fôsse indultado?...

Dona Florência sacudiu a cabeça negativamente, enquanto o jovem Salomon interveio na conversa:

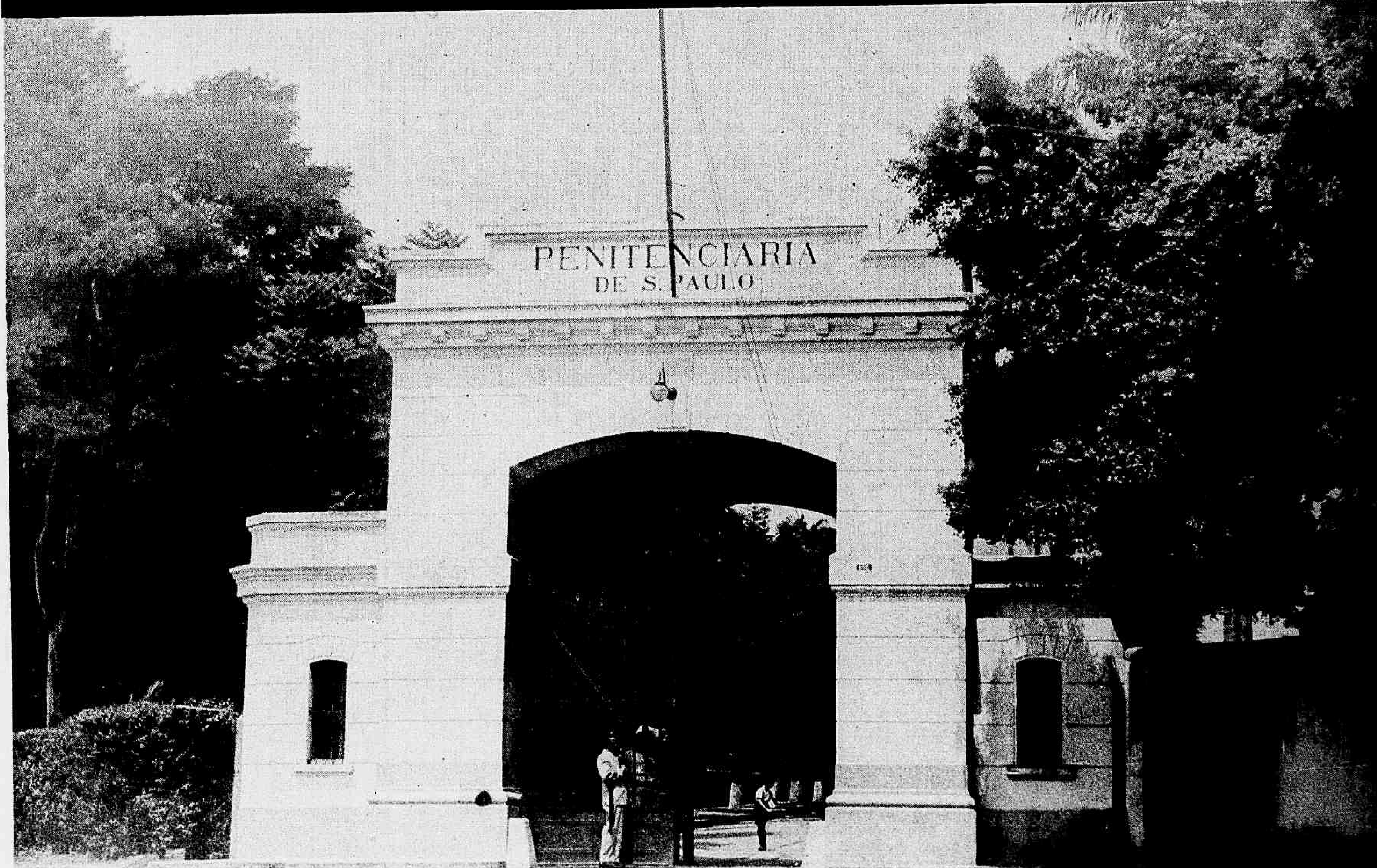
— **Já não prenderam êle, não estão satisfeitos? Não era isso o que vocês queriam?...**

Os olhos do rapaz fuzilavam. Parecia o próprio «Sete Dedos» falando.



A chegada de «Sete Dedos» à São Paulo. Parecia que Gina Lollobrigida estava sendo esperada. Uma T.V. de São Paulo ofereceu Cr$ 50.000,00 por uma entrevista. «Sete Dedos» achou graça, e a polícia, também.

Portão número 1, da Penitenciária Paulista. Agora, para «Sete Dedos» fugir, terá que cruzar nada menos de 14 portas. Conseguirá?...



FLASH PAULISTA

HÉLIO ABREU

SAI GARCEZ, ENTRA JÂNIO. Quando o leitor tiver nas mãos a presente edição desta revista, poucos dias faltarão para que o governador Lucas Nogueira Garcez entregue os Campos Elíseos ao sr. Jânio Quadros. Agora, no encerramento de seu mandato, Garcez é o mesmo homem de 1950, talvez um pouco mais traquejado na arte da política, porém, com as mesmas qualidades que o elevaram à chefia do Executivo do seu Estado. Muitas são as suas realizações e, se mais não fêz, culpa não lhe cabe porque é o Brasil e não apenas São Paulo que está em crise. S. Excia. sempre encontrou de nossa parte o respeito que merece como cidadão e homem público e, se citações e mesmo elogios recebeu nesta secção — como de fato aconteceu — deve-se isso à linha de conduta do governador que, entre outras coisas, tirou São Paulo da lama a que o haviam arrastado o jôgo e o lenocínio. Assim, pensamos interpretar o pensamento de todos os paulistas quando daqui, mais uma vez, manifestamos a S. Excia. a nossa simpatia e os aplausos a que faz jus, no momento em que se prepara para reassumir sua cátedra de professor de Hidráulica (e também de Saneamento...) e recomeçar suas lides de grande mestre do mister que abraçou. Resta-nos, ainda, uma pergunta: Depois de tantos serviços prestados ao seu Estado e ao país, conseguirá, como deseja, ficar ausente da vida política nacional?

—

O SECRETARIADO DE JÂNIO é ainda uma incógnita, disse-nos o deputado Castilha Cabral. «De certo, mesmo, temos apenas o nome do deputado Sílvio da Cunha Bueno, que foi convidado logo após a proclamação de Jânio», declarou o parlamentar bandeirante.

—

MUYLAERT SERÁ conservado na direção da Estrada de Ferro Sorocabana, foi o que informou ao repórter pessoa do atual gabinete (Prefeitura) de Jânio. A notícia não constitui surprêsa uma vez que sôbre Durval Muylaert, sua obra e sua capacidade de trabalho, não existem restrições.

—

NÃO HAVERÁ VASSOURADA nos setores eminentemente técnicos do govêrno de São Paulo, com a vinda de Jânio. Sòmente os cargos de maior confiança serão preenchidos por gente do novo governador, diz o sr. Emílio Carlos.

—

O DISCURSO DE ESTRÉIA do deputado Dagoberto Sales (Usinas


Dagoberto Sales. «petróleo»

Paranapanema) já está sendo elaborado e versará sôbre petróleo e energia elétrica. Como se sabe, o nóvel parlamentar é o pai da fórmula «o petróleo, já».

—

MÁRIO EUGÊNIO NA FAZENDA. Nos últimos dias voltaram a circular rumores de que o substituto do sr. Eugênio Gudin na pasta da Fazenda seria o deputado Mário Eugênio (PSD, 30 mil votos). Ao repórter, instado para que dissesse sôbre o assunto, respondeu o parlamentar de nada ter conhecimento, a não ser dos boatos, naturalmente.

—

FURLAN NÃO ESTUDA CANTO. A propósito de um «flash» inserido, há dias, nesta secção, no qual aparecia o deputado Amaral Furlan como discípulo do prof. Stenberg em lições de canto, pede-nos aquêle conhecido representante do povo retificar tal notícia, pois (é êle quem diz) nunca teve vocação para tenor, barítono ou baixo. Quem, entre os seus colegas de Câmara, adora o bel-canto e toma mesmo lições é o deputado Rogê Ferreira, que entretanto não é aluno do referido prof. Stenberg, mas do padre Calazans, antigo cantor do côro da Igreja de São Simplício.

—

O PREFEITO DE SOROCABA sairá a toque de caixa, a 31 do corrente. Dizem os entendidos em política da cidade de Sorocaba que o atual prefeito, cujo mandato expira agora, sairá do poder a «toque de caixa», isto é, sem direito a um só discursozinho de despedida. Nada mais injusto. O sr. Emerenciano de Barros (êsse o nome) pode não ter tido uma gestão feliz, mas foi um dos homens que não traíram seus chefes a 3 de outubro.

SUÍÇO
e famoso no mundo inteiro
RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

Semana em Revista

PAULO ANDRADE LIMA

DOAÇÃO

Deverá ser inaugurado no próximo ano o Palácio da Embaixada Portuguêsa no Brasil que será construído em terreno oferecido pela Colônia lusa radicada em nosso país.

ECONOMIA MAL DIRIGIDA

Está causando um profundo mal estar nos exportadores brasileiros as normas gerais, para escoamento de produtos manufaturados da Cocesc.

O que ficou estabelecido contraria frontalmente a regulamentação já existente criando um mesmo órgão — «un petit comité» em conflito com as atribuições da Comissão Consultiva do Intercâmbio Comercial com o exterior, e ainda com as disposições especiais para certos produtos tais como café, carnaúba e muitos outros.

LITERATURA E FINANÇAS

Pegou a moda do livro de luxo que não está sendo nem livro nem de luxo. Arte gráfica não se faz em buates, nem com coqueteis e sim nas oficinas.

Gabarito geral, mil cruzeiros. Exceção à regra: «Participio Presente», de Reinaldo Jardim, sob orientação gráfica do belga André Long. Um «show» de arte gráfica, metade do preço da praça: quinhentos cruzeiros.

INJUSTIÇA

No momento em que se comemorou solenemente a inauguração da ferrovia Brasil-Bolívia, o Itamarati intencionalmente deixou de convidar o Embaixador Pimentel Brandão «èsquecendo» que foi êste diplomata quem mais contribuiu para remover as dificuldades surgidas entre os dois países vizinhos.

JABACULÊ

Os exportadores de café não têm o mínimo interêsse em embarcar a sua mercadoria nos porões de nossos navios, dando preferência a barcos de nacionalidades diversas.

O motivo é simples. Sendo o Lóide Brasileiro uma repartição pública, não há possibilidade para impor a jabaculetagem com larga distribuição de dólares.

MALHAR EM FERRO FRIO

O casal Arnon de Melo tentou durante três horas vencer Juscelino que retirasse a sua candidatura em favor de alguém que até agora ninguém recomendou como de união nacional.

RÁDIO E POLÍTICA

A Rádio Mayrink Veiga está apresentando às 19,25 horas Roland Corbisier que se tem revelado um excelente comentarista político.

COITADO DO MARANHÃO

O grande Estado nortista está atravessando uma fase singular: os postos políticos de mais evidência são disputados por pessoas que lá não nasceram e lá não viveram. Agora, se diz que o sr. Ademar de Barros também quer ser Senador por aquêle Estado. Onde estão, afinal, os filhos do Maranhão?

LARRAGOITE

J. Rafael Larragoite acaba de prestar novo compromisso perante o Rotary Clube do Rio de Janeiro, em cujo ambiente encontrou velhos amigos e companheiros.


EUGÊNIO DE BARROS não contém a invasão de estranhos.

FINALMENTE A VENDA O MARAVILHOSO

ALMANAQUE

EU SEI TUDO



ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Rio - Lapa

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Fernando Abbot, famoso médico, nasceu:
— **Em Londres?**
— **Em Paris?**
— **No Rio Grande do Sul?**

2—Que outro nome tem o jacarandá:
— **Jacarauá?**
— **Palissandro?**
— **Ivaça?**

3—Em que ano morreu Marco Aurélio:
— **225?**
— **546?**
— **181?**

4—Einstein, sábio alemão, nasceu em:
— **1867?**
— **1879?**
— **1901?**

5—Paul Eherlich era:
— **Médico?**
— **Músico?**
— **Pintor?**

6—A Tôrre Eiffel pesa:
— **9 mil toneladas?**
— **15 mil?**
— **30 mil?**

7—Em que cidade italiana nasceu a ópera:
— **Florença?**
— **Pisa?**
— **Bolonha?**

8—A camélia é originária da:
— **Alemanha?**
— **Japão?**
— **Espanha?**

9—Cizânia é:
— **Intervenção cirúrgica?**
— **Nome de planta?**
— **Expressão jurídica?**

10—Cristóvão Colombo morreu em:
— **1499?**
— **1506?**
— **1520?**

11—O Conde D'Eu morreu a bordo do vapor:
— **«Massília»?**
— **«Valdívia»?**
— **«Marcílio Dias»?**

12—A heroína de «D. Quixote» de Cervantes será:
— **Marília?**
— **Dulcinéia?**
— **Dorotéia?**

13—«Carvalhos e Roseiras» é um livro de:
— **Eça de Queiroz?**
— **Humberto de Campos?**
— **Alexandre Herculano?**

14—O autor do livro «El rei Seleuco» foi:
— **Infante D. Henrique?**
— **Luís de Camões?**
— **Castilhos?**

15—O Duque de Caxias foi tenente aos:
— **18 anos?**
— **21 anos?**
— **30 anos?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Rio Grande do Sul; 2 — Palissandro; 3 — 181; 4 — 1879; 5 — Médico; 6 — 9 mil toneladas; 7 — Florença; 8 — Japão; 9 — Uma planta; 10 — 1506; 11 — «Massília»; 12 — Dulcinéia; 13 — Humberto de Campos; 14 — Luís de Camões; 15 — Aos 18 anos.

REFINARIA DE PETRÓLEOS DE MANGUINHOS S. A.



Vista parcial da Refinaria — Tôrres de Distilação

GEOTÉCNICA S. A.

ENGENHEIROS

CONSULTORES

SERVIÇOS DE SONDAGENS E ESTUDOS DO SUBSOLO ★ PROVAS DE CARGA ★ MEDIDAS DE RECALQUES ★

PROJETOS E DIREÇÃO TÉCNICA DAS FUNDAÇÕES DOS EDIFÍCIOS ★ UNIDADES INDUSTRIAIS ★ TANQUES



CONFUSÃO EM PUNTA DEL ESTE

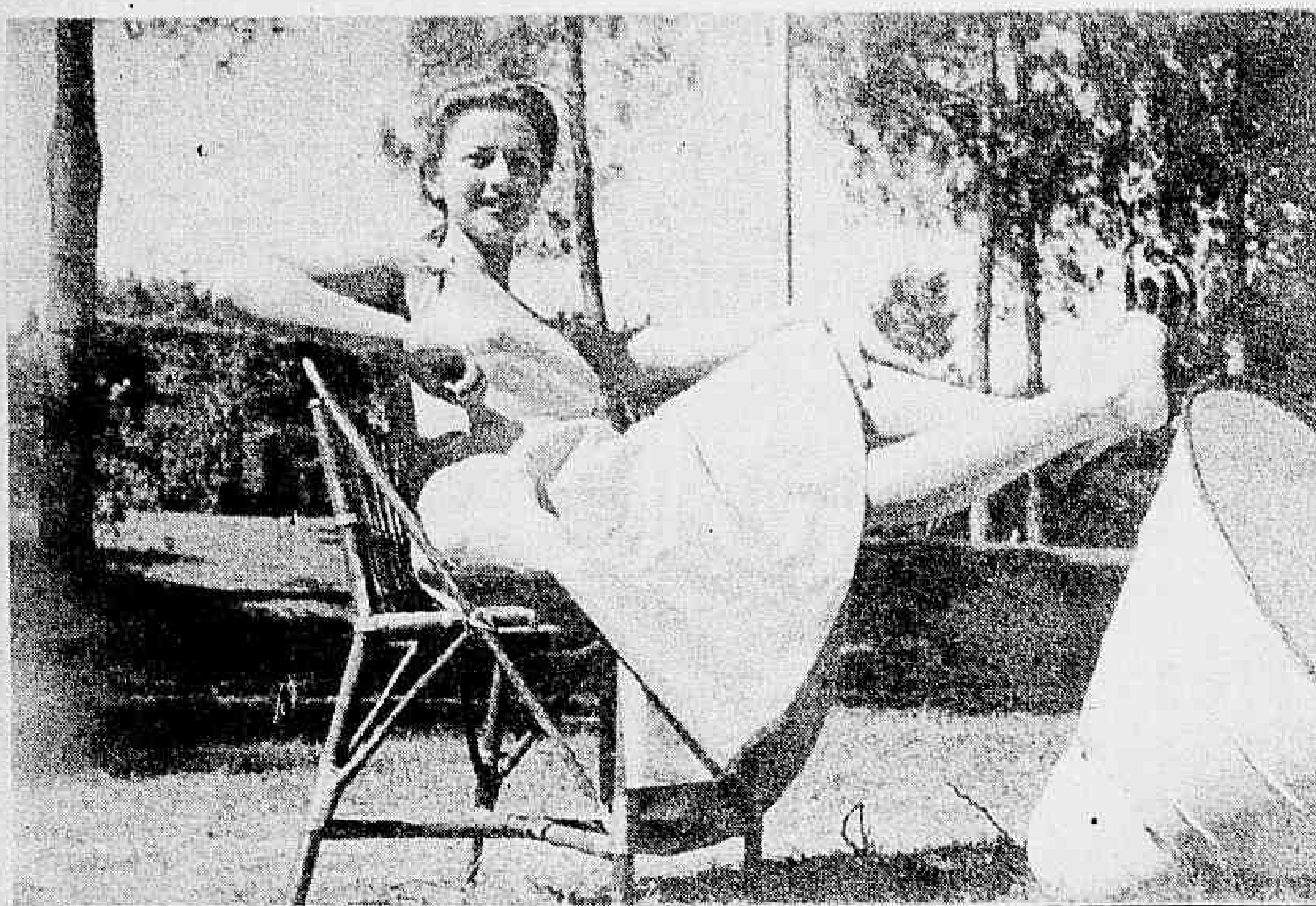
Ray Minn penetra no recinto de projeções para assistir a «Uma Lição de Amor», produção sueca. Irá aprender alguma coisa?

Romance entre Miss Argentina e George Rigand ★ Silvana Pampanini queria um bangalô isolado, só para ela ★ A mais bela do festival ★ Walter Pidgeon, o mais popular ★ A Comissão não paga suas contas, por isso os hotéis não querem aceitar seus recomendados ★ Exploração e publicidade no famoso balneário ★ O primeiro filme ★ John Lund chegou meio alcoolizado na estréia ★ Os artistas de Hollywood na intimidade.

Texto e fotos de VINICIUS LIMA
(Enviado Especial da REVISTA DA SEMANA a Punta del Este)



Cercada de gentilezas e de olhares ávidos, Elaine Stewart encaminha-se para a sala de projeções do «Cantegril».



A bela Giovanna Ralli, da delegação italiana, nos jardins do «Cantegril», procurou ficar sòzinha por uns momentos mas foi descoberta pelo repórter.



Wayne Morris, muito bem acompanhado, no bar do «Cantegril», em Punta del Este, bebe alguma coisa para animar.



Wayne Morris tomou três doses sòzinho e começou a sorrir. Mr. Morris foi sempre um dos grandes alegres do Festival...

O FESTIVAL SEM CRÉDITO NOS HOTÉIS

JNTA DEL ESTE.

Teve início o 3º Festival Internacional de Punta del Este que se ...ou dos mais famosos. Estão apenas 5 delegações, pois as demais ain... não chegaram. Dessa maneira, apenas os EE.UU., México, Alemanha, ...gentina, Espanha e Itália estão (até agora) aqui representados. Con...ne se esperava, os norte-americanos são os mais populares e tam...m os mais velhos e feios... Dentre êles destaca-se Walter Pidgeon que ...este balneário é o mais solicitado pelos caçadores de autógrafos. Depois de Walter Pidgeon, Pat O'Brien é a figura que maior curiosidade desperta. John Lund (cabelos totalmente brancos) assistiu ao filme de es...éia meio «borracho», mesmo assim portou-se como um cavalheiro, mas conversando demasiado com todos e muito feliz porque o único «flash» que estourava em seu rosto era o do enviado da «REVISTA DA SEMANA», único jornalista presente em Punta del Este, até o presente momento.

A DELEGAÇÃO ITALIANA «ABAFOU»

A Espanha mandou ao Uruguai uma delegação muito discreta, cujos artistas estão incluídos na classe do «QUEM É AQUELA», percebendo-se a influência do regime franquista até nas roupas de seus atores, pois as espanholas são as únicas artistas do Festival que perguntaram onde ficavam às igrejas, enquanto os americanos, italianos e argentinos, procuram saber onde ficam as roletas e o bingo.

As italianas mais uma vez «abafaram». A mais bela mulher do Festival é a italiana Giovanna Ralli, descoberta por De Sicca em 1952. Além de ser a mais bela, é também a mais glamorosa. Não obstante a opinião do repórter (e de um modo geral, dos correspondentes dos países presentes), muita gente custa a decidir entre Giovanna e a bela «miss» Argentina (Ivanna Kislinger), de cujo romance com certo ator falarei linhas adiante. Dessa maneira, dificilmente as italianas serão superadas porque, além da formosa Giovanna, está entre nós outra beldade (napolitana) que se chama Verônica Dray, aliás muito parecida com a outra — Verônica Lake.

OUTRAS DELEGAÇÕES

O México mandou um grupo de ilustres desconhecidos: Columba Dominguez que «descobriu» que no Uruguai também cai neve... Enrique Gomes Duriel, é aquêle rapaz que sempre faz o papel de conquistador da mulher de Arturo de Córdoba, e que exige dinheiro para não revelar o passado da referida mulher-padrão dos filmes astecas. Rosita Quintana é a mais conhecida da Delegação, mas suas roupas roxas nos fazem pensar que se trata de uma viúva jovem que perdeu a fortuna num dos cassinos da cidade...

Da Inglaterra sòmente um repórter chegou até hoje, e repórter inglês fuma cachimbo, toma chá e manda dizer a «estrêla» para vir ao seu apartamento a fim de conceder uma entrevista. Se ela não fôr, êle não a procura e se a «pobresita» chegar atrasada dois minutos, êle não espera...

UM VELHO ASSIM VALE A PENA...

Esta é a opinião das beldades uruguaias sôbre Walter Pidgeon. Acontece no entanto que Mr. Pidgeon (veio sem a espôsa) parece ser um homem sério. Brinca com todo mundo, conversa e sorri, mas, nada de passear pelos bosques com as moças. Coisas da idade talvez... Das moças que Walter conheceu, a que mais o entusiasmou foi uma jovem carioca, a única presente em Punta del Este, srta. Vera de tal, freqüentadora de Copacabana, e que no Uruguai está fazendo sucesso. Muito gramorosa, é com freqüência tomada por atriz, já tendo concedido mais de 500 autógrafos, o que ela faz sorrindo porque todos pensam que se trata de **famosa atriz incógnita.** Vera acha também que um velho como Walter Pidgeon, vale a pena... para conversar, pois o «rapaz» é simpático, tendo, além disso, afirmado que gostaria de passar uma temporada no Rio, considerada por êle a mais bela cidade do mundo.

MAIS VELHOS AINDA

E' enorme a avalanche de velhos em tôdas as delegações presentes, contrastando com o elemento feminino (principalmente nas delegações da Europa) que é muito numeroso.

Para as «muchachas» uruguaias, a presença de tantos homens de idade, numa terra onde todos os rapazes são casados, é bem desagradável. Explica-se o fato: no Uruguai existe o divórcio. Por isso mesmo, é admirável registrar que, tanto em Punta del Este como em Montevidéu, pràticamente não existe prostituição, sendo de notar que entre os uruguaios o número de divórcios é muito reduzido.

Mas eu estava falando de velhos, pois bem. Todos os repórteres estrangeiros chegados a Punta del Este (exceto os brasileiros e argentinos), são velhos. Wayne Morris (bandido das fitas western) é outro balzaquiano que se acha entre nós. M. Stone, já não é moço; Claire Trevor já está cheia de «pés-de-galinha»... Dean Jeagger, Staley Richardson e Milton Bren, já passaram da casa dos 35.

O PRIMEIRO ROMANCE DO FESTIVAL SILVANA PAMPANINI

Silvana fêz tantas exigências e até agora não apareceu. Em primeiro lugar, a famosa italiana exigiu um bungalô bem afastado da cidade

MUITO EXIGENTE SILVANA PAMPANINI

longe de curiosos e onde ela tivesse plena liberdade, para ficar sòzinha... O bungalô está todo arrumado, inclusive com um vidro de «Avan La Féte» à cabeceira da cama, e «miss» Pampanini ainda não veio. Mama Mia!

A história do bungalô despertou muitos comentários. Silvana estaria querendo esconder algo ou pensando em caçar perdizes? Esperava-se que fôsse a protagonista do primeiro romance do festival de Punta del Este porque, ao que se fala, já viria acompanhada de um toureiro mexicano. Mas a verdade é que Cupido atingiu em primeiro lugar a culta «miss» Argentina, que anda pelos bosques tôda sorridente em companhia de George Rigaud. Os dois falam baixinho, um ao ouvido do outro, e em idioma sueco para que ninguém os entenda.

O LADO NEGATIVO DO FESTIVAL

Punta del Este é uma cidade de cêrca de 50.000 pessoas, das quais 70% só aparece durante o verão. Os hotéis onde se acham os artistas, distam um do outro de 15 a 20 quilômetros, dificultando dessa maneira o serviço dos repórteres. O «Cantegril», hotel dos mais importantes e realmente confortável, é o mais próximo, mas, em compensação, temos o «San Rafael» que está localizado numa praia quase no fim do mundo... Mas o «Cantegril» é o centro dos acontecimentos. E' no «Cantegril» que se acha o cinema que tem o mesmo nome do hotel, é no «Cantegril» que se cobra 75 pesos por uma diária, cêrca de 2.000 cruzeiros em nossa moeda.

Para atingir os hotéis dos artistas, gasta-se um mínimo de 300 cruzeiros de táxi, usando-se autos velhos, tipo 1935, sendo que os mais novos são carros fabricados em 1945. Os demais hotéis da cidade são paupérrimos e desconfortáveis, mas cobram diárias nunca inferiores a 20 pesos, isto quando há um lugarzinho num quarto com dois ou três companheiros.

Desejando informações a respeito de hotéis, o repórter da «REVISTA DA SEMANA» procurou a Comissão encarregada pelo govêrno uruguaio, mas nada conseguiu, exceto a indicação de que os hotéis existiam, daí a peregrinação do nosso repórter pela cidade de vida mais cara do mundo. Só à meia-noite consegui finalmente um lugar para dormir: Avenida Roosevelt (s/nº), esquina com a rua do Rosário. Mas, ao regressar para apanhar a bagagem, tendo nas mãos minha máquina fotográfica, não fui aceito. Como já havia feito um longo percurso de táxi, decidi ficar de qualquer maneira. No dia seguinte, após um entendimento com o hoteleiro, fiquei sabendo que realmente não me queria hospedar porque julgou que eu fôsse ficar às expensas da Comissão do festival, e disse: «Não hospedo ninguém por conta do Festival porque o govêrno não paga a ninguém, e quando chega a fazê-lo, é depois de dois ou três anos. Já tive em minha casa vários jornalistas por conta do Festival, e até agora não recebi meu dinheiro».

Além dessas dificuldades, encontrei outras que passarei a narrar. Sendo Punta del Este um lugar de turismo, é bem provável que, vencida a fase da influência da enorme publicidade feita pelo govêrno, êste belo recanto venha a desaparecer dos guias de turismo em virtude dos preços absurdos que também atingem a Mintevidéu. E não pensem os leitores que tudo o que digo é o resultado da fraqueza de nossa moeda diante do pêso uruguaio. Nada disso. Um garção ganha em Montevidéu ou Punta del Este apenas 240 pesos, salário médio de um funcionário público. Enquanto isso, uma roupa de casimira, em nossa moeda, custa aproximadamente 5.000 cruzeiros, e uma passagem de ônibus numa estrada de 140 quilômetros, 10 pesos.

O BRASIL E O URUGUAI

Nossa moeda circula livremente nas ruas de Montevidéu. As «chicas» gostam muito dos brasileiros e o Brasil, de um modo geral, é respeitado como o grande país do hemisfério. Os grandes hotéis, quando apresentam seus «menus», o fazem geralmente desta maneira: «Temos aqui um excozinheiro de famoso hotel do Rio de Janeiro. Nosso café é legítimo de São Paulo. Nosso serviço é feito por profissionais que foram treinados no Brasil».

Da mesma maneira, os uruguaios batizam seus lugares pitorescos com nomes brasileiros. Perto de Punta del Este, há uma pedra gigantesca alcunhada de «Pão de Açúcar» e outra mais adiante que é o «Corcovado».

Os uruguaios nos aceitam como líderes do Continente, mas, honestamente falando, aqui há um sistema de govêrno liberal, há também uma formidável propaganda no exterior, que é a vida do país, pois o Uruguai sem propaganda, não seria a Suíça das Américas porque não fabrica relógios, nem é tão organizado como se propala.

OS FILMES DO FESTIVAL

«Uma lição de amor» teria às honras de ser o primeiro filme apresentado no Festival. Seu nome original, é: «Ein Lektion I Kallek». Trata-se de uma produção sueca dirigida por Ingnar Bergman e protagonizado pelos seguintes artistas: Eva Dahlbeck, Guinnar Bjornstrand, Henriet Andersson, Olof Winnerstrand e Ake Gronberg, que são os mais conhecidos artistas da Suécia. Mas, a delegação sueca ainda não havia chegado, razão pela qual foi exibida a película campestre italiana «Pane, Amore e Gelosia», filme já muito conhecido e muito criticado no Brasil, bem recebido em Punta del Este. Os demais serão projetados durante os 14 dias restantes do Festival.

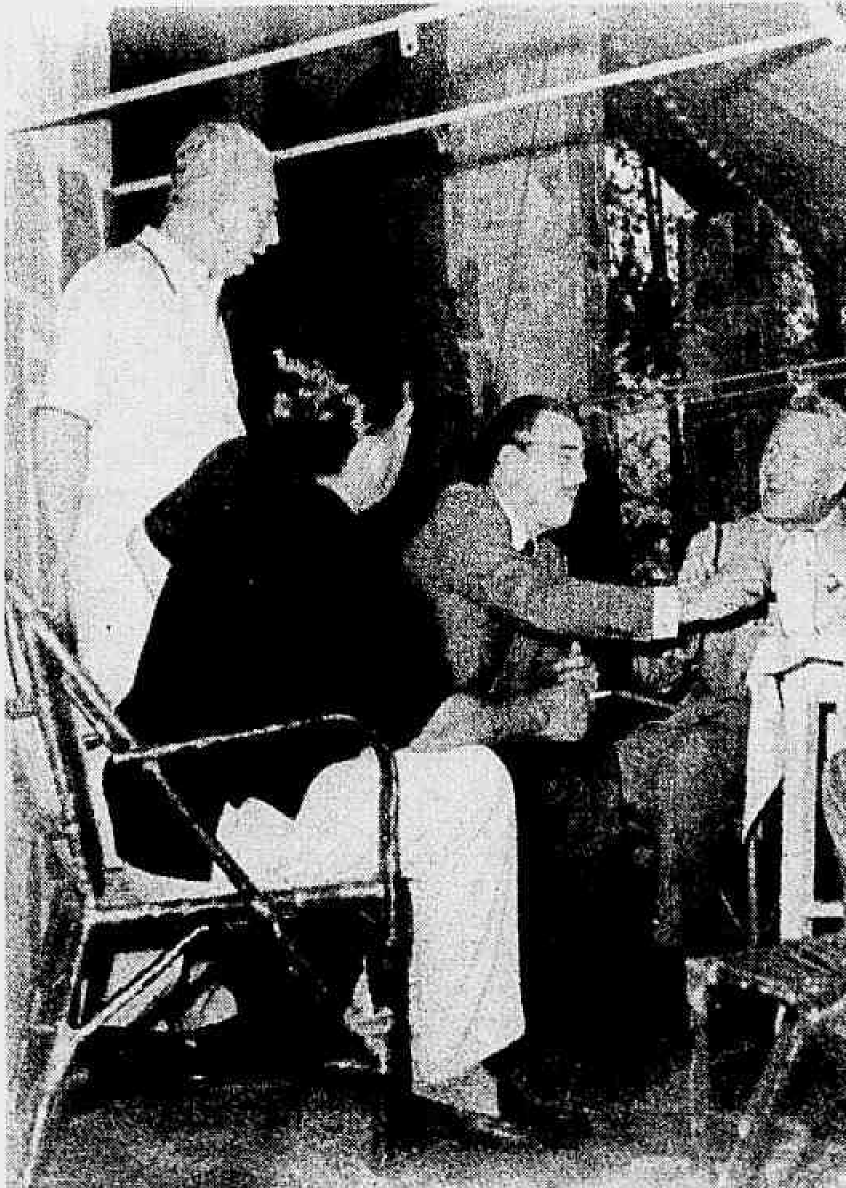
HOLLYWOOD NA INTIMIDADE

John Lund é caladão e muito sério, mas quando toma seus uísques a coisa muda completamente. Durante a estréia, John conversava, ria e beijava «miss» Ray Mynn e sua colega Elaine Stewart, dois brotos respeitáveis. Pat O'Brien, sério e amável, conversava com Wayne Morris (gangster) que só queria saber das mulheres. E por falar nisso, Wayne é um bandido simpático, que nunca perde a oportunidade de roubar um beijo de suas colegas, já que na tela êle não o faz porque os «mocinhos» não deixam. George Fening e senhora, vivem dormindo e amando. Edward Schellhom, não deixa Walter Pidgeon um só instante. Os dois conversam e riem a valer, são dois «boas vidas» que acham motivo em tudo para rir.

Hollywood na intimidade é interessante. Ao contrário dos demais, dificilmente se separam, preferindo conversar entre si, deixando de lado as demais delegações. Da equipe, a que mais sofre é Claire Trevor, com traços de beleza ainda, mas visìvelmente contrafeita por não ser muito solicitada. Olhando-a bem e com calma, podemos constatar que por baixo das roupas (muitas) que usa, há uma mulher de corpo ainda jovem e de linhas perfeitas. «Miss» Trevor, além disso, parece ser uma alma que sofre; seu rosto não esconde algo que a perturba íntimamente, e a bela balzaquiana parece sofrer. Que haverá com a artista?



A desorganização foi completa. O Festival estava começado a dois dias, e a casa ainda desarrumada.



Mr. Pidgeon, sempre loquaz e cercado de admiradores, é senhor dos assuntos e autor de boas piadas...



Muito solicitado a conceder autógrafos, Pidgeon precisava usar óculos por causa da miopia que chegou com a idade...

UM VELHO QUE VALE A PENA

SEGUNDO a respeitável opinião dos «brotos» uruguaios que tomaram de assalto o balneário de Punta del Este, Walter Pidgeon é um velho que vale a pena. Tem cartaz, dinheiro, é muito simpático, palestra com todo mundo e tem sempre um sorriso amigo para tôda gente. Mr. Pidgeon, que foi ao Festival sem a espôsa, aproveitou muito bem os dias de liberdade condicional, mas não perdeu a linha de homem sério... Apesar de exercer rigorosa vigilância sôbre o velhote, o repórter da REVISTA DA SEMANA não o surpreendeu em passeios pelo bosque em companhia de nenhuma fã, atribuindo êsse comedimento à idade de Pidgeon, ou à sua fidelidade conjugal, que lhe valeu o crédito de viajar sòzinho...

Sempre surpreendido pela objetiva em flagrantes inocentes como êste, Mr. Walter Pidgeon mostrou-se um artista tranqüilo, sem preocupações nem pecados a esconder. Até a humana e vulgar coceira no nariz êle exibiu ao público, nada ocultou de sua personalidade simples e alegre. E' um artista feliz, que não precisa esconder de ninguém a vulgaridade de uma coceirinha tão humana...

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 5 — RIO DE JANEIRO — 29-1-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente........................**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial........................**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente........................**Wenceslau Quintais**
Redatores e corretores...**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

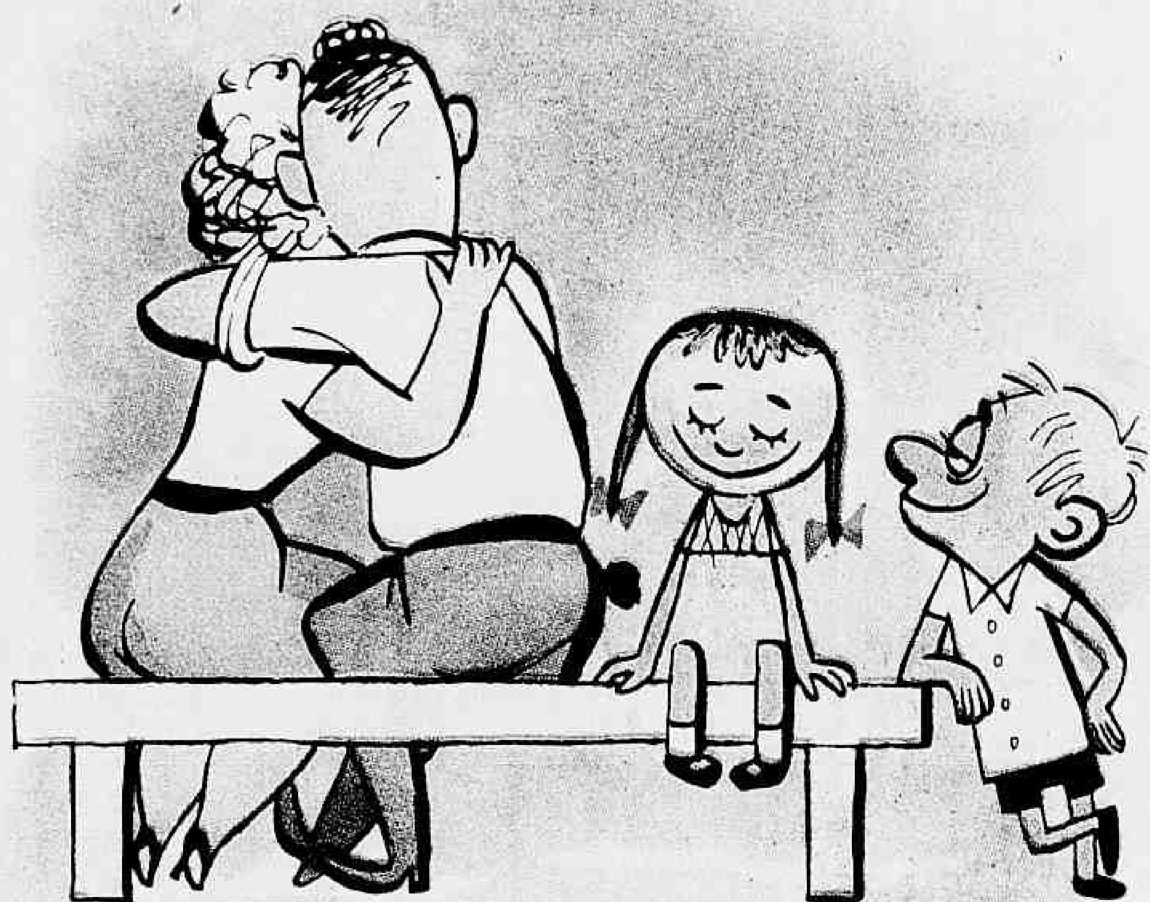
Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.


A figura
em foco
N. M. S.
Luta como ninguém pelo Museu
Porque na Arte Moderna ela tem fé
A muito artista auxílio ela já deu
Seu nome é Niomar Muniz Sodré
MEN
DEZ

FORTUNA (com proverbial sabedoria) APRESENTA:

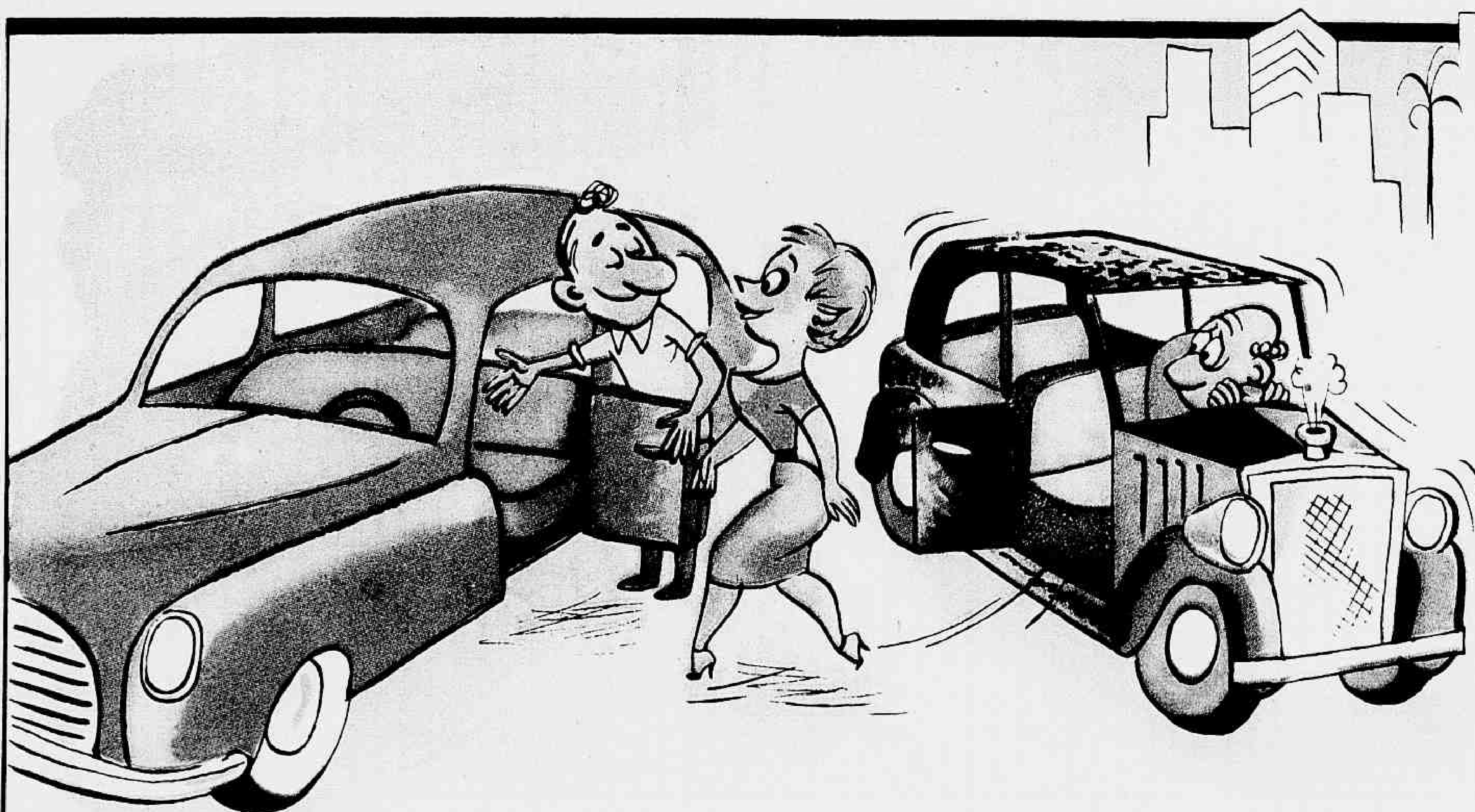
PARA BOM ENTENDEDOR MEIA PALAVRA BASTA



CADA MACACO NO SEU GALHO



DEVAGAR SE VAI AO LONGE

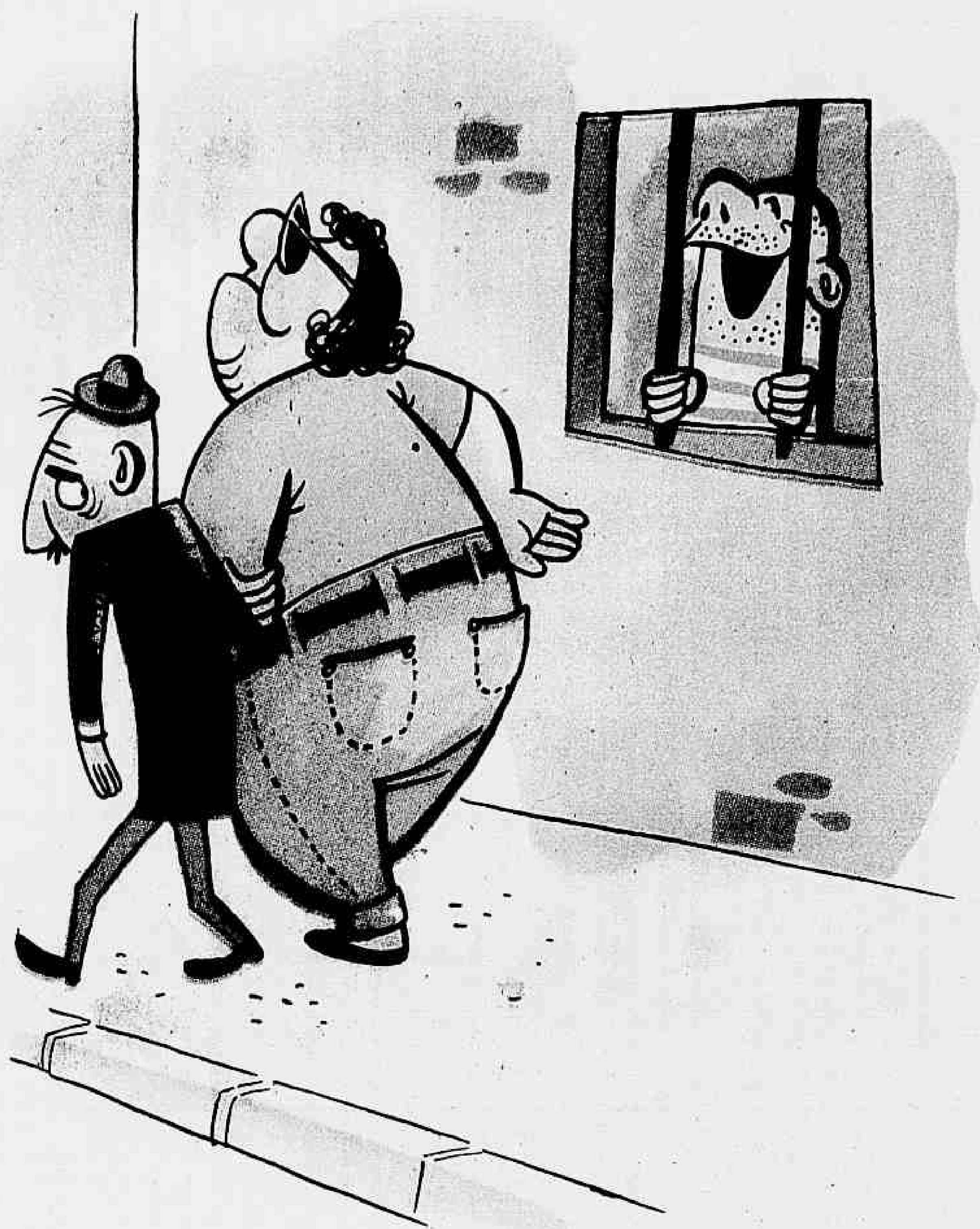


DE HORA EM HORA DEUS MELHORA





QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM GATO



ANTES SO' DO QUE MAL ACOMPANHADO



E' DE PEQUENINO QUE SE TORCE O PEPINO



CESTEIRO QUE FAZ UM CESTO...



Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.286